



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**JOÃO PEDRO MARTINS PATRÍCIO**

***Do Lava-Pés à vida do Sacerdote Ordenado***  
**Por uma teologia de ‘assemelhação’**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Professor Doutor Joaquim Augusto Félix de Carvalho

**Braga**  
**2024**

## ÍNDICE

<b>ÍNDICE</b> .....	<b>1</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>2</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>2</b>
<b>SIGLAS E ABREVIATURAS</b> .....	<b>3</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO I – LEITURA TEOLÓGICA DE JO 13, 1-20</b> .....	<b>8</b>
1.1. O Lava-Pés .....	8
1.2. A manifestação da glória do Pai.....	13
1.3. O diálogo Pedro-Jesus.....	21
1.4. A Bem-Aventura Joanina .....	25
1.5. O mandamento da continuação .....	33
<b>CAPÍTULO II – O RITO DO LAVA-PÉS NO ESPÍRITO DA LITURGIA</b> .....	<b>38</b>
2.1. O Tríduo Pascal.....	39
2.2. O Rito Litúrgico do Lava-Pés .....	45
2.3. Rito do lava-pés na Missa da Ceia do Senhor .....	55
<b>CAPÍTULO III – O ESTILO DO SACERDOTE ORDENADO NO MUNDO DE HOJE</b> .....	<b>61</b>
3.1. A identidade do presbítero com Cristo.....	62
3.2. A identidade do presbítero com a Igreja .....	73
3.3. A assemelhação do presbítero com Cristo .....	81
3.4. A assemelhação do presbítero com a Igreja .....	88
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>95</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>98</b>

## RESUMO

Jesus instituiu o sacerdócio na Última Ceia antes de sofrer a Paixão acompanhado por um gesto não muito ortodoxo, nem muito bem visto por parte dos judeus. O gesto do lava-pés realizado por Jesus, em pouco tempo se tornou sinal de humildade e serviço levando, pois, os Apóstolos e mais tarde aqueles que os seguiam a realizá-lo. A presente dissertação procura desenvolver este tema do lava-pés na vida da Igreja bem como as suas consequências vividas atualmente. Assim, no primeiro capítulo iremos acompanhar a passagem de Jo 13, 1-20 e descobrir as riquezas de cada gesto. No segundo capítulo focalizamo-nos mais na vivência a nível litúrgico do rito do lava-pés ao longo da História da Igreja até aos dias de hoje. E no terceiro capítulo abordamos toda esta temática do serviço e da humildade prestado no lava-pés apontando para a vida do sacerdote ordenado.

**Palavras-chave:** lava-pés; Sacerdote; Igreja; Liturgia; Assemelhação; Identidade

## ABSTRACT

Jesus instituted the priesthood at the Last Supper, before suffering the Passion, along with a not very orthodox gesture, nor very well regarded by the Jewish people. The gesture of the washing of the feet executed by Jesus became, in a short time, a sign of humility and service leading to the Apostles and, later, those who followed them to execute it as well. The present dissertation aims to develop the theme of the washing of the feet in the life of the Church as well as its consequences lived in the present time. Therefore, on the first chapter, we will read through the passage of John 13, 1-20 and discover the richness of each gesture. On the second chapter, we will focus on the liturgical practice of the rite of the washing of the feet along History of the Church until the present day. On the third chapter we will approach the theme of service and humility of the washing of the feet, pointing towards the life of the ordained priesthood.

**Keywords:** Washing of the feet; Priest; Church; Liturgy; Assimilation; Identity

## SIGLAS E ABREVIATURAS

1 Cor: Primeira Carta aos Coríntios

1 Jo: Primeira Carta de João

1 Tm: Primeira Carta a Timóteo

AT: Antigo Testamento

CCL: *Corpus Christianorum, Series Latina*

Cf.: Conferir

CSEL: *Corpus Scriptorum  
Ecclesiasticorum Latinorum*

CSCO: *Corpus Scriptorum Christianorum  
Orientalium*

Ex: Livro do Êxodo

Fl: Carta aos Filipenses

Gal: Carta aos Gálatas

Gen: Livro do Génesis

GS: Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

Heb: Carta aos Hebreus

Is: Livro de Isaías

Jo: Evangelho segundo João

Lc: Evangelho segundo Lucas

LG: Constituição Dogmática *Lumen  
Gentium*

Mc: Evangelho segundo Marcos

Mt: Evangelho segundo Mateus

PG: Patrologia Grega, editor J. P. Migne

PL: Patrologia Latina, editor J. P. Migne

PO: Decreto *Presbyterorum Ordinis*

REBy: *Revue des études byzantines*

Rom: Carta aos Romanos

SC: Constituição Conciliar *Sacrosanctum  
Concilium*

SCh: Sources Chrétiennes

Séc.: Século

Sl: Livro dos Salmos

v.: Versículo

Vol.: Volume

vv.: Versículos



*Figura 1 - Lava-pés: detalhe da fachada (séc. XII) da Abbatiale Saint-Gilles du Gard, no departamento do Gard, França.*

## INTRODUÇÃO

No momento da Última Ceia, Jesus quis instituir para a sua Igreja sacerdotes capazes de anunciar o Evangelho e de experimentar a mensagem que Ele mesmo deixou ao longo da Sua atividade pública. Além de entregar o Seu Corpo e o Seu Sangue, sinal da Nova e Eterna Aliança que forma com o povo, o Mestre opta por realizar o gesto mais desconcertante que alguém poderia realizar: lava os pés aos Apóstolos (Cf. Jo 13, 1-20). É precisamente na Última Ceia que Jesus traça o caminho do novo sacerdócio que ali se começa a formar, fruto da sua entrega no momento da Sua Paixão e morte na Cruz. Assim, «a humilhação e o auto-abaixamento do Filho de Deus constituem o significado evidente da cena do lava-pés».<sup>1</sup>

Escolhemos como tema desta dissertação o relato de João sobre o acontecimento do lava-pés realizado por Jesus na Última Ceia com o objetivo de aprofundar o gesto em si tendo em vista a sua interpretação realizada pela Igreja ao longo dos séculos até aos dias de hoje e as suas consequências na vida dos ministros ordenados, que todos os anos são convidados a redescobrir a beleza de tal gesto na Quinta-feira Santa na Missa da Ceia do Senhor.

João é o único dos quatro evangelistas que nos apresenta o relato do lava-pés realizado na Última Ceia. Se por um lado os Sinópticos dão ênfase à Instituição da Eucaristia propriamente dita, por outro João quer focar a gestualidade do Mestre que se ajoelha e começa a lavar os pés dos doze. Por isso mesmo, «o lava-pés é uma catequese da Eucaristia e uma parábola em ação sobre o mandamento novo, a caridade».<sup>2</sup> É a partir desta mesma caridade, humildade e serviço de Jesus que todos os sacerdotes ordenados devem orientar a sua própria vida.

Iniciaremos, portanto, este estudo com base no texto de Jo 13, 1-20 fazendo uma leitura exegético-teológica do mesmo a fim de percebermos concretamente cada gesto, cada palavra e cada ação do Mestre para com os seus Apóstolos. De facto, o texto acaba por ser muito rico nos pequenos pormenores que Jesus realiza: o momento exato da “hora” em que deveria realizar tal gesto (Cf. Jo 13, 1) a particularidade da toalha à cintura (Cf. Jo 13, 4), o movimento de tirar e colocar o manto (Cf. Jo 13, 12), e até o próprio facto de se sentar depois de realizar o gesto para ensinar os doze acerca daquilo que acabaram de vivenciar (Cf. Jo 13, 13-17). Em tudo isto

---

<sup>1</sup> Raymond Brown, *El Evangelio y las Cartas de Juan*, trad. María del Carmen Moreno (Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, S.A, 2010), 114.

<sup>2</sup> José Antonio Abad - Manuel Garrido O. S. B., *Iniciación a la liturgia de la Iglesia* (Madrid: Ediciones Palabra, S. A., 1988), 710.

existe uma beleza e um significado que só mais tarde, no momento da Paixão, é que os discípulos irão compreender verdadeiramente.

No segundo capítulo iremos abordar o rito e a liturgia do lava-pés ao longo da História da Igreja, até aos dias de hoje com a mudança de Pio XII no que toca ao momento da celebração do rito. Durante anos, o rito do lava-pés sofreu diversas alterações naquilo que diz respeito ao momento exato da sua celebração: passou de um rito batismal, para um rito pós-batismal; mais tarde passa a ser utilizado nos mosteiros como sinal de hospitalidade e de serviço para com os peregrinos e os irmãos do mosteiro. Por fim passa a ser celebrado dentro da ação litúrgica no dia de Quinta-feira Santa trazendo à memória precisamente o dia em que Jesus ao instituir a Eucaristia, instituiu também o sacerdócio a partir da humildade e serviço que prestou aos Apóstolos. Será então importante olharmos para Quinta-feira Santa como um marco desta atitude de Jesus, onde somos convidados a, «na celebração pascal do seu Corpo e do seu Sangue imolado por nós em sacrifício – colocarmo-nos em comunhão real com a mesma redenção, contudo, num plano sacramental».<sup>3</sup>

Já no terceiro capítulo será importante determos a nossa atenção na figura do sacerdote ordenado como «representação» sacramental de Cristo humilde e servo. A partir da identidade de Cristo enquanto Servo Sofredor como nos fala o profeta Isaías (Cf. Is 52, 13 – 53, 12), devemos, pois, chegar à identidade do sacerdote ordenado que se configura a Cristo na medida em que também este, chamado por Cristo entrega a sua vida em prol da Igreja que irá servir. Por isso, deixamos de lado a ideia de diferenciação promovida pelos judeus para, com Cristo, entrarmos no caminho da assemelhação com o Sumo-Sacerdote da Nova e Eterna Aliança que se faz homem para entregar a sua vida em resgate de muitos (Cf. Mt 20, 28). Além disso, o sacerdote ordenado deve estar presente na comunidade como aquele que serve ao jeito de Jesus e, portanto, devemos também olhar para a identidade do sacerdote ordenado em relação à Igreja e conseqüentemente a sua assemelhação à porção do Povo de Deus que irá servir. Em tudo isto, o nosso olhar estará sempre direcionado a Cristo que, «em benefício de toda a comunidade, chama, envia e dá o poder necessário»<sup>4</sup> para que o serviço seja a fonte e o cume de toda a ação eclesial.

---

<sup>3</sup> Dionísio Borobio, *La Celebración en la Iglesia - Ritmos y tiempos de la Celebración*, vol. III (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2000), 111.

<sup>4</sup> Erio Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 4ª edição (Brescia: Editrice Queriniana, 2014), 298.

Assim, iremos percorrer o caminho do lava-pés até à vida do sacerdote ordenado: o caminho da exegese, liturgia e teologia<sup>5</sup> que o lava-pés nos apresenta com o intuito de ligar este grande acontecimento na vida dos Apóstolos com a vida de cada ministro ordenado que, ao aceitar o convite do Mestre se predispõe a realizar, viver e anunciar aquilo que Jesus fez, disse e viveu. Para chegarmos a uma teologia do sacerdócio ordenado, precisamos, portanto, de contemplar os gestos de Jesus, o único sacerdote, e a partir daí percorrer todo um itinerário que começará em Jesus e terminará na vida entregue a este mesmo Messias que por nós morreu e ressuscitou. Assim, partiremos «do facto doutrinal da mediação única de Jesus Cristo e do modo como essa mediação permanece, sacramentalmente oferecida pelo Espírito na história para a salvação do mundo.»<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Cf. Pier Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane* (Roma: Edizioni Liturgiche, 1983), 3.

<sup>6</sup> Gabriel Richi Alberti, «Significado do Concílio Vaticano II para a Renovação Sacerdotal da nossa época», em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, vol. I (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 98.

«Jesus, sabendo que o Pai tudo lhe colocara nas mãos e que de Deus saíra e para Deus voltava, levantou-se da ceia, tirou as vestes e, tomando uma toalha, atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a secá-los com a toalha que tinha atado à cintura.» (Jo 13, 3-5). Partimos destes dois breves versículos do Evangelho de São João porque resumem perfeitamente o gesto que Jesus realizou. Ele, que sabia ter vindo do Pai e para o Pai voltava, decidiu lavar os pés aos seus discípulos.

Este gesto pouco comum nos judeus (note-se que era impensável um judeu lavar os pés a quem quer que fosse, quanto mais o Mestre), leva-nos a interrogar o porquê de Jesus ter tirado as vestes e precisamente ter lavado os pés aos seus. De facto, na ceia judaica não existia nenhum rito de lavagem de pés. Portanto, podemos dizer que Jesus introduz aqui um novo rito, um novo acontecimento que deve ser exercido e por isso São João faz questão de o lembrar.

Notamos, antes de mais, que o único relato do lava-pés aparece precisamente em São João. Todos os Evangelhos Sinópticos dão mais ênfase ao relato propriamente dito da Instituição da Eucaristia, contudo, «João pinta um quadro que deve ficar gravado para sempre na mente dos discípulos como a última ação de Jesus com os seus.»<sup>7</sup> É esta ação que nos faz entrar no primeiro capítulo.

Iremos debruçar-nos sobre o texto de Jo 13, 1-20, o relato do lava-pés onde somos surpreendidos por esta ação de Jesus. Começaremos então por olhar para o acontecimento propriamente dito, as suas motivações e o seu contexto. Partiremos, posteriormente, para uma abordagem temática do texto apresentando vários pontos de leitura e, por fim, concluiremos com a importância deste gesto para os momentos que Jesus e os primeiros cristãos irão viver a partir dali.

### **1.1. O Lava-Pés**

Na vida judaica, a lavagem dos pés acontecia quando algum visitante entrava em casa. Este gesto simbolizava a hospitalidade de alguém para com aquele que acabara de chegar. Logo a partir daqui reconhecemos que «Jesus tem um gesto de hospitalidade para com os seus

---

<sup>7</sup> Juan Mateus e Juan Barreto, *El Evangelio de Juan - Análisis Lingüístico y Comentario Exagético* (Madrid: Ediciones Cristiandad, S.L., 1982), 591.

discípulos. Aquela é a sua ceia, a última ceia e, por isso, assume uma função de hospitalidade.»<sup>8</sup> Esta hospitalidade é levada a cabo porque Jesus sabe que já tinha chegado a sua hora (cf. Jo 13,1). De facto, «a “hora” em São João é apresentada como, precisamente, a elevação e glorificação do Filho do Homem»<sup>9</sup>, glorificação essa que começa no lava-pés e só terminará no alto da cruz.

Portanto, o lava-pés é realizado porque Jesus sabe que já era chegada a hora de encaminhar tudo para a Paixão. Aliás, como afirma São Tomás de Aquino,

o evangelista menciona três coisas sobre a Paixão de Cristo: primeiro, que foi prevista, em segundo lugar, que era adequada, e em terceiro lugar, que era uma fonte de benefício e exaltação. Foi previsto e não fortuito; então ele diz *Jesus sabia*. Ele diz, com efeito: Jesus sofreu conscientemente e voluntariamente, não inesperada e involuntariamente.<sup>10</sup>

O caminho da Paixão começa neste despojamento total do Mestre ao lavar os pés dos discípulos e termina na entrega total da Sua vida em prol da Humanidade. Todo o final da vida de Jesus é orientado para a entrega: primeiro aos “Seus” depois a “muitos”. Assim, «o lava-pés é um gesto simbólico que expressa “o amor até ao fim” que Jesus tem “pelos seus”. No ato de Jesus, revela-se o Deus que se faz “servo” do seu povo e “lava as suas rebeldias” (Is. 43,24-25).»<sup>11</sup>

De facto, é o amor que rege todas as atividades de Jesus na terra. Aliás, é por amor que Jesus assume a «condição de servo» (Fl 2, 7) para se tornar «semelhante aos homens» (Fl 2, 7) e por isso poder-lhes lavar os pés. É por amor que Deus se faz homem e lava os pés aos seus. Este amor «remonta, na realidade, ao ato de Deus que entregou ao mundo o seu Filho único e se manifesta totalmente na Páscoa de Jesus.»<sup>12</sup> Então, podemos afirmar que é nesta relação Deus Pai – Deus Filho, que acontece a entrega total de Jesus. É mediante esta entrega de Deus, do seu próprio Filho ao mundo, que este também se entrega livremente ao mundo pela humanidade. Jesus só se consegue entregar livremente porque mantinha uma relação íntima com o Pai. Só a partir desta certeza de que tinha chegado a hora de «passar deste mundo para o Pai» (Jo 13, 1) é que Jesus toma a decisão de lavar os pés e conseqüentemente começar a sua

---

<sup>8</sup> Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan*, trad. Alfonso Ortiz García, vol. III (Salamanca: Ediciones Sigueme, 1995)., trad. Alfonso Ortiz García (Salamanca: Ediciones Sigueme, 1995), 27.

<sup>9</sup> Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan*, 17.

<sup>10</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, trad. Fabian Larcher, O.P e James Weisheipl, O.P (Washington, D.C: The Catholic University of America Press, 2010). (Washington, D.C: The Catholic University of America Press, 2010), 3.

<sup>11</sup> Luis Heriberto Luis Heriberto Rivas, *El Evangelio de Juan. Introduccion. Teología. Comentario*, 1º (Buenos Aires: San Benito, 2005). (Buenos Aires: San Benito, 2005), 369.

<sup>12</sup> Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan*, 19.

glorificação precisamente para o Pai. Por isso, «não existe uma obediência filial de Jesus, mas sim uma identificação total com o Pai, efeito da plenitude do amor que o Pai Lhe transmitiu.»<sup>13</sup>

Sabemos perfeitamente que Jesus se identifica totalmente com o Pai. Aliás, Jesus e o Pai são um só: «Eu e o Pai somos um.» (Jo 10, 30). Esta íntima unidade Pai-Filho pode-nos remeter para o início dos inícios onde «Deus disse [...] e assim aconteceu.» (Gen 1, 11). De facto, associamos este ato criador de Deus como a ação da Santíssima Trindade, onde o Filho assume particular responsabilidade sendo Ele a Palavra de Deus tal como afirma São João no seu prólogo: «No início era a Palavra e a Palavra estava junto de Deus e a Palavra era Deus.» (Jo 1, 1). Esta Palavra é o próprio Jesus Cristo que «estabeleceu a tenda entre nós e contemplámos a sua glória; glória como unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade.» (Jo 1, 14). Portanto, ao contemplarmos o próprio Filho de Deus no meio de nós, contemplamos também toda a sua ação em favor da humanidade que Ele livremente decidiu salvar pela sua entrega na Paixão. Assim, podemos afirmar que «Jesus, Deus presente entre os homens, é indiscutivelmente superior aos seus discípulos. Com plena consciência da sua identidade e com a sua absoluta liberdade, vai lavar-lhes os pés. O Seu gesto será expressão do amor que lhe chega, em perfeita sintonia com o Pai.»<sup>14</sup>

É esta sintonia com o Pai que faz com que Jesus se entregue à morte. Independentemente de ser superior a todas as criaturas, a Palavra faz-se serva para dar a vida a todos. Jesus afirma no capítulo 10 de São João: «ninguém ma tira, mas Eu por mim mesmo a dou. Tenho poder para a dar e tenho poder para de novo a tomar. Este mandamento recebi-o do meu Pai.» (Jo 10, 18). Ele tem poder de dar a vida e de a retomar. Tem liberdade suficiente para afirmar que é Ele que dá a vida, não é ninguém que a tira. Tudo isto porque Ele e o Pai são um só.

Por isso mesmo, o ato do lava-pés é um ato que inicia todo o relato da Paixão em São João. O lava-pés dá o “tom” a este novo capítulo da vida de Jesus, o capítulo onde Ele começa a entregar-se aos discípulos para lhes lavar os pés e onde termina a entregar-se na cruz. Aliás, «Jesus sabe que depende d’Ele a salvação da humanidade, o êxito do desígnio criador de Deus. Com o lava-pés Jesus mostra como chega a bom termo a obra do Pai. [...] Ao estar em relação com “a hora”, a ação que se segue é expressão da sua última vontade e adquire, por isso, um carácter fundacional.»<sup>15</sup> O relato do lava-pés dá-nos conta então da «ação que simboliza a morte

---

<sup>13</sup> Mateus e Barreto, *El Evangelio de Juan - Análisis Lingüístico y Comentario Exagético*, 591.

<sup>14</sup> Mateus e Barreto, *El Evangelio de Juan - Análisis Lingüístico y Comentario Exagético*, 591.

<sup>15</sup> Mateus e Barreto, *El Evangelio de Juan - Análisis Lingüístico y Comentario Exagético*, 590.

de Jesus e que este realiza porque sabe que tem poder para salvar os outros e para dar a sua vida para cumprir esse propósito.»<sup>16</sup>

Existe então um simbolismo entre o lava-pés e a cruz. «O gesto do lava-pés simboliza o dom que Jesus vai fazer de si mesmo e significa o comportamento de cada um dos discípulos dentro da própria comunidade.»<sup>17</sup> Tem, portanto, este duplo significado: simboliza a entrega de Jesus na cruz, como já referimos várias vezes, mas também reflete aquilo que os discípulos devem fazer dali para a frente. É então neste ato que o «Senhor encoraja os seus discípulos por meio do seu exemplo. Primeiro o Senhor propõe um exemplo. Segundo, exorta à imitação. [...] Terceiro, Ele mostra a perversidade de Judas que se desviou [...] E quarto, Ele mostra a fraqueza dos discípulos em segui-l’O até à Paixão.»<sup>18</sup> O lava-pés não se restringe por si só apenas ao gesto muito pouco ortodoxo de Jesus. O gesto transmite uma mensagem, mensagem essa que deve primeiro ser acolhida e depois transmitida e vivida. Os discípulos são convidados a aceitar o que o Mestre lhes fez, para serem depois eles exemplos e fazerem-no uns aos outros. Por isso mesmo, «no lava-pés propriamente dito, o acento recai naquilo que Jesus faz e os discípulos devem aceitar; na explicação do lava-pés, o acento está naquilo que os discípulos devem fazer, à imitação de Jesus. Existe, portanto, um “indicativo” – o que é dado, e um “imperativo” – o que é para se fazer.»<sup>19</sup>

É perante este indicativo que toda a ação de Jesus se desenrola. Jesus dá-se até ao fim. O indicativo de Jesus é precisamente a doação que Ele faz de si mesmo. Doação essa que só acontece por e no amor visto que «os amou até ao fim entregando a sua vida, porque Ele é o fim.»<sup>20</sup> Se acreditamos que Jesus é a meta para onde devemos correr (Cf. Fl 3, 14), então acreditamos também que Ele é o fim que devemos alcançar já que Ele tem a vida em si mesmo (Cf. Jo 5, 26) e, portanto, Ele é a Vida.

Jesus assume-se como servo diante dos seus discípulos. Este servo que irá ser «levado ao matadouro, como ovelha que fica muda perante os que a tosquam» (Is 53, 7) é o mesmo servo que leva a cabo esta atitude. Aliás, «ao lavar os pés dos discípulos, Jesus afirma com maior evidência que Ele ocupa o lugar de servo.»<sup>21</sup> Contudo, não é só para mostrar que é servo que Jesus atua desta forma. Como nos diz São João Crisóstomo: «levou a cabo as suas maiores

---

<sup>16</sup> Raymond Brown, *El Evangelio según Juan (XIII-XXI)*, trad. J. Valiente Malla (Madrid: Ediciones Cristiandad, S.L., 2000), 871.

<sup>17</sup> Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan*, 19.

<sup>18</sup> São Boaventura, *Commentary on the Gospel of John*, trad. Robert J. Karris, O.F.M (Ashland, Ohio: Franciscan Institute Publications, 2007), 685-686.

<sup>19</sup> Johan Konings, *Evangelho Segundo São João - Amor e fidelidade* (São Paulo: Edições Loyola, 2005), 255.

<sup>20</sup> Thomas Oden e Joel Elowsky, *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia* (Madrid: Ciudad Nueva, 2013), 124.

<sup>21</sup> Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan*, 28.

obras na última parte da sua vida para aumentar o apego a Ele e prover-lhes de coragem para muito tempo em previsão das coisas terríveis que se avizinham.»<sup>22</sup> O Mestre age desta forma para dar a conhecer aos discípulos que o seu caminho para o Pai estava a começar ali.

Podemos então considerar que toda a ação de Jesus se prende à de um servo que se humilha para dar o exemplo. Tudo o que Jesus realiza tem um caráter performativo a fim de demonstrar que o «Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos.» (Mc 10, 45). Assim, «é possível que, além de ser considerado um ato de devoção humilde, o lava-pés também seja entendido como um ato de amor»<sup>23</sup>, visto que traz consigo esta entrega da vida em prol de muitos e «deste modo, o serviço humilde que presta o Filho do Homem adquire uma grande relevância no relato tão cheio de alusões.»<sup>24</sup>

Por isso mesmo,

todas as ações são as de um servo, dando-nos o exemplo. Jesus começou a lavar os pés dos discípulos como o faria um servo, separando, em primeiro lugar, a glória da sua posição como Palavra, simbolizado pela veste que coloca de lado. O Senhor do Universo coloca a toalha de servo, a toalha de sofrimento e começou a lavar os pés dos discípulos como só Ele podia fazer, limpando os seus calcanhares para não sentirem a mordida da serpente.<sup>25</sup>

Este acontecimento do lava-pés leva-nos então, antes de mais, a refletir na capacidade de entrega do Mestre. Aquele que dá o exemplo tirando as vestes e colocando uma toalha à cintura. Aquele que deixa de lado a sua dignidade de Palavra de Deus, de Filho de Deus, para abraçar a sua condição de servo. Este servo que não se importa da humilhação, mas que a assume de uma forma muito concreta e decidida. Um servo que quer, antes de deixar os seus, dar-lhes o exemplo do amor verdadeiro, do amor até ao fim.

Assim, todo o relato do lava-pés gira em volta do indicativo onde Jesus toma a decisão de lavar os pés aos discípulos e, mais tarde, do imperativo onde os discípulos são convidados a fazer o mesmo. O lava-pés não é meramente algo feito por Jesus, mas contém nele toda a atividade que os discípulos vão ter de assumir: ser servos uns dos outros. «O Evangelista [...] mostra-nos como Cristo preparou os discípulos antes da sua Paixão. Primeiro, vemos como os formou com o seu exemplo; segundo, como os confortou com as suas palavras, e em terceiro, como os fortaleceu com a ajuda das suas orações.»<sup>26</sup> O lava-pés é, por assim dizer, o caminho da humildade e da mansidão que cada discípulo de Jesus deve assumir. O caminho para seguir

---

<sup>22</sup> São João Crisóstomo, *Homilias sobre o Evangelho de João*, 70, 1, PG 59, 381-382.

<sup>23</sup> Brown, *El Evangelio según Juan (XIII-XXI)*, 871.

<sup>24</sup> Charles Kingsley Barret, *El Evangelio según san Juan* (Madrid: Ediciones Cristiandad, S.A, 2003), 663.

<sup>25</sup> Oden e Elowsky, *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia*, 125.

<sup>26</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 1.

o Mestre é apenas e só o caminho do serviço. Jesus mostra que o serviço por amor leva à liberdade e conseqüentemente à entrega da vida em favor de muitos.

## 1.2. A manifestação da glória do Pai

«Sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até à consumação.» (Jo 13, 1). É com este sintético versículo que começa o chamado “Livro da Glória” no Evangelho de São João. Este “Livro da Glória” que inicia precisamente no capítulo treze e acaba no final do Evangelho, ajuda-nos a percorrer todo o acontecimento da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Intitula-se precisamente “Livro da Glória” porque nos dá a conhecer todo o caminho feito por Jesus até alcançar a glória do Pai.

O início do capítulo treze faz referência a dois acontecimentos que não podem passar despercebidos: a Festa da Páscoa e a “hora” de Jesus. De facto, para São João, todo o acontecimento do lava-pés acontece antes da festa da Páscoa. Para os Sinópticos, Jesus celebra a Ceia Pascal com os discípulos e a partir daí é que se desenrola toda a narração da Paixão. Mas para São João, Jesus reúne-se com os seus discípulos antes da Páscoa. Esta referência não é inocente: João escreve o Evangelho olhando já para o sofrimento de Jesus na cruz e por isso acentua esse acontecimento como a verdadeira Páscoa. João dá ênfase ao Cordeiro que é imolado na Páscoa pelos judeus e o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, Jesus Cristo, que também Ele é imolado e sacrificado em prol da Humanidade inteira. João compara então o Cordeiro dos judeus com o Cordeiro de Deus, ambos imolados para a salvação do povo. Por isso, podemos concordar com São Tomás de Aquino quando ele diz:

a Paixão de Cristo foi conveniente, primeiro quanto ao tempo; e sobre isso ele disse que era chegada a sua hora, que era o tempo da Páscoa, quando a sua passagem seria pela cruz [...] mas esta hora não era uma questão de destino como se governada pelo curso e arranjo das estrelas; era determinada pela disposição e providência de Deus. Eu digo, portanto, que estava determinada pela Páscoa judaica porque era conveniente a esta festa judaica que a realidade seguisse o símbolo, isto é, que quando o Cordeiro, que era símbolo de Cristo foi sacrificado, Cristo que era o verdadeiro Cordeiro de Deus devia ser imolado.<sup>27</sup>

É importante recordar estes dois tempos, tanto da Páscoa judaica como da hora de Jesus, porque

---

<sup>27</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 4.

agora se unem os dois, pois, celebra-se uma festa “dos judeus” que é também a hora de Jesus. A hora será o momento em que Jesus parte da esfera dos acontecimentos quotidianos. Ele que foi enviado pelo Pai, regressará ao Pai, mas durante o seu ministério, reuniu uns discípulos, um grupo a que chama “os seus”, e através da “hora” irá demonstrar o amor que lhes tem.<sup>28</sup>

Como já fomos referindo, o tema da “hora” em São João não é ao acaso, aliás, «a adequação do tempo é mostrada desde o tempo em que a sua morte está iminente quando Ele teve de mostrar sinais do seu amor»<sup>29</sup>, sinais esses que estão contidos ao longo do “Livro dos Sinais” (Cf. Jo 1-12) e que de uma forma muito especial se concretizam no sinal maior antes da cruz que é precisamente o gesto de lavar os pés.<sup>30</sup>

Toda a vida de Jesus é um movimento pendular que vem do Pai e para o Pai se dirige. É nesta alta tensão deste mundo para o Pai que Jesus se dá conta de que era chegada a hora. «Deste modo, quando o evangelista escreve: “sabendo Jesus que havia chegado a sua hora de passar deste mundo para o Pai,” ele quer dizer que Jesus conhecia com exatidão a hora da sua Paixão e tudo quanto lhe ia suceder»,<sup>31</sup> e por isso «foi para a morte com claro conhecimento e vontade, plenamente livre, como anunciou em Jo 10, 17-18.»<sup>32</sup> E só foi possível alcançar esta liberdade porque amou «os seus que estavam no mundo.» (Jo 13,1). De facto, a plena liberdade atinge-se quando se ama e Jesus amou os seus até à consumação. O facto de que tudo estava encaminhado para a “hora” fez com que Jesus demonstrasse de uma forma totalmente nova o amor que tinha pelos seus. Ele «fala dela como sendo a sua hora, a hora em que Ele realizará definitivamente a sua obra salvífica. Desde as bodas de Caná, Jesus dirige o olhar dos seus discípulos para a cruz, declarando: “A minha hora ainda não chegou” (2,4). Não é a hora das trevas, como nos Sinópticos, mas a da elevação glorificação do Filho do Homem sobre o trono real da cruz.»<sup>33</sup>

O passo decisivo para entrar na Paixão era precisamente este: mostrar que pelo amor é possível entregar-se aos outros. Portanto, a hora da Paixão e a hora do amor explicam-se reciprocamente. Chegamos verdadeiramente à hora da Paixão através da hora do amor e da demonstração de amor que Jesus tem pelos seus. Portanto, «a morte de Jesus é a hora da sua passagem para o Pai e um ato consumado da sua auto-doação amorosa.»<sup>34</sup> Esta passagem para o Pai demonstra, assim, a glorificação dada pelo Pai ao Filho e consequentemente a glorificação

---

<sup>28</sup> Francis J. Moloney, *El Evangelio de Juan* (Navarra: Editorial Verbo Divino, 2005), 386.

<sup>29</sup> São Boaventura, *Commentary on the Gospel of John*, 686.

<sup>30</sup> Cf. Konings, *Evangelho Segundo São João - Amor e fidelidade*, 257.

<sup>31</sup> Teodoro de Mopsuestia, *Comentario al Ev. De Juan*, 6, 13, 1, CSCO 4/3, 252-253.

<sup>32</sup> Alfred Wikenhauser, *El Evangelio según San Juan* (Barcelona: Editorial Herder, 1967), 376.

<sup>33</sup> Bento Silva Santos, O.S.B., *Teologia do Evangelho de São João* (Aparecida: Editora Santuário, 1994), 112.

<sup>34</sup> Moloney, *El Evangelio de Juan*, 386.

do Pai manifestada na glorificação do Filho. Toda a “hora” não é senão a manifestação da glória (*doxa*) do Pai no Filho. Assim,

verifica-se que a “hora” de Jesus, no Evangelho de João, designa a nova economia da salvação. É tema cristológico no qual se manifesta o sentido autêntico da vida de Jesus: fidelidade, cumprimento do mandamento do Pai e realização de sua vontade salvífica. A “hora” indica, em última análise, o mistério profundo da unidade indivisível do sofrimento e da glorificação de Jesus em vista da salvação dos homens.<sup>35</sup>

Todo este caminho da glória manifestada por Jesus vai levar-nos a esta “consumação” de que João nos fala. É interessante reparar que João dá bastante ênfase a este amor de Jesus: «tendo amado os seus [...] amou-os até à consumação.» (Jo 13,1). O evangelista transmite-nos não só a ideia de que Jesus amou os seus discípulos durante toda a sua vida, mas também, e de um modo muito especial, amou-os até à consumação, até ao fim. «“Os seus” são os que constituem o verdadeiro Povo de Deus, os que foram dados a Jesus pelo Pai, os que O conhecem, os que escutam a sua palavra e o seguem.»<sup>36</sup> O amor e a entrega de Jesus são de tal ordem que ele vai até ao extremo pelos seus: «Jesus ama até ao ponto de pôr temporalmente fim à vida corporal movido pelo mesmo amor e passar logo da morte à vida desde este mundo até ao Pai.»<sup>37</sup>

Depois de ter chegado a sua hora e de ser ela já conhecida, «Jesus manifesta o seu amor “até ao fim”, em dois sentidos: até à conclusão da sua vida e até ao extremo.»<sup>38</sup>, aliás, são estes dois significados que poderemos retirar da expressão “até ao fim”, sendo total e absolutamente vivido aquele gesto e até ao final da sua própria vida, ou seja, até à morte.<sup>39</sup> O essencial desta hora concentra-se nestas duas palavras: “passagem” (*metabainein - metabasis*) e amor (*agapé*) até ao fim. Aliás, estas duas expressões conjugam-se mutuamente e não se conseguem desassociar uma da outra visto que

o amor é precisamente o processo da passagem, da transformação, da saída dos limites da condição humana votada à morte, na qual todos estamos separados uns dos outros e, no fundo, impenetráveis uns aos outros numa alteridade que não podemos ultrapassar. É o amor até ao fim que realiza a *metabasis* aparentemente impossível: sair fora das barreiras da individualidade fechada - eis o que é a *agapé*, a irrupção na esfera divina.<sup>40</sup>

---

<sup>35</sup> Santos, O.S.B, *Teologia do Evangelho de São João*, 113.

<sup>36</sup> Rivas, *El Evangelio de Juan. Introduccion. Teología. Comentario*, 365.

<sup>37</sup> Beda, *Homilias sobre os Evangelhos*, 2, 5 – CCL 122, 214-215.

<sup>38</sup> Brown, *El Evangelio según Juan (XIII-XXI)*, 852.

<sup>39</sup> Cf. Brown, *El Evangelio y las Cartas de Juan*, 115.

<sup>40</sup> Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré, Parte II - Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, (Cascais: Princípia, 2011), 54.

Para indicar o tempo e a hora em que se iria mostrar este amor, São João utiliza esta expressão para demonstrar, precisamente, a união que existe entre o gesto realizado por Jesus e conseqüentemente o final da sua vida: «a união destes dois significados de *eis telos*, dá origem a um dos principais temas do resto do relato: a morte de Jesus manifesta o amor pelos seus e assim dá a conhecer Deus.»<sup>41</sup> Este *eis telos* está intimamente ligado, por um lado com a morte de Jesus na cruz e por isso Ele entrega-se até ao extremo, ou seja, até à morte de cruz, e por outro lado, está ligado ao amor que tem pelos seus, porque os amou e os amou até ao fim, foi capaz de lhes lavar os pés. Existe, portanto, esta visão da expressão “até ao fim” num primeiro sentido como extensão e num segundo sentido como quando se executa uma tarefa até ao final, de forma perfeita. «Num primeiro sentido, e ligando a Jesus, podemos dizer que amou os seus durante toda a sua vida e também no momento da morte; em relação ao segundo sentido quer-se dizer que o amor mostrado em toda a sua vida se mostrou de uma maneira plena/perfeita durante a Paixão.»<sup>42</sup>

O versículo primeiro termina com este duplo significado que nos leva por um lado a pensar na vida total de Jesus preparada já para aquele momento e por isso Jesus ama os seus de um modo perfeito naquele gesto, e por outro a perfeita ação de Jesus que é a sua Paixão e assim a consumação de todo o amor que culmina na morte, ou melhor, na vida entregue em resgate de muitos. (Cf. Mt 20,28). Portanto,

o seu amor é elogiado porque era perfeito, por isso diz, «amou-os até ao fim». Ora, existem dois tipos de fins: o fim na intenção, e o fim na execução. O fim na intenção é aquele para o qual a nossa intenção é direcionada; e este fim deve ser a vida eterna [...] A vida eterna é nada mais que unir-se a Cristo na sua divindade [...] Deste ponto de vista ele diz “amou-os até ao fim” de modo a conduzi-los a si mesmo, o fim; ou para os guiar à vida eterna o que é a mesma coisa.<sup>43</sup>

Assim, a ideia que está patente neste “amou-os até ao fim” não é nada mais nada menos do que a total e verdadeira entrega de Jesus em favor dos seus para os conduzir a Ele mesmo, ou seja, à vida eterna. Jesus ama os seus até ao fim para os conduzir para a salvação, salvação essa que só é plenamente conseguida quando Jesus morre na cruz, «é uma *agapé* até ao fim - expressão esta com que João, neste ponto, remete de antemão para a última palavra do Crucificado: “Tudo está consumado *tetelestai*” (19, 30). Este fim (*télos*), esta totalidade da doação, da metamorfose de todo o ser é precisamente o dar-se a si mesmo até à morte.»<sup>44</sup> O

---

<sup>41</sup> Moloney, *El Evangelio de Juan*, 386.

<sup>42</sup> Rivas, *El Evangelio de Juan. Introduccion. Teología. Comentario*, 365.

<sup>43</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 5.

<sup>44</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré, Parte II - Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 54-55.

modo de atingir a salvação é a união com Jesus que é Cabeça, e por isso deseja unir todos os seus membros.<sup>45</sup> É a partir deste amor que a salvação se gera e acontece.

Mais uma vez partimos da ideia de que Jesus sabe de antemão aquilo que Lhe irá acontecer. Já reparámos que aquele “amou-os até ao fim” tem esta dupla conotação de um amor que é vivido até ao extremo e só estando consciente do que iria acontecer, é que Jesus podia livremente, demonstrar tal amor através da humildade. É esta certeza que transparece mais uma vez no versículo três: «Jesus, sabendo que o Pai tudo Lhe colocara nas mãos e que de Deus saíra e para Deus voltava.» (Jo 13, 3). Mais uma vez São João quer reforçar a sabedoria de Jesus perante a Paixão e por isso ele que «havia de falar da humildade tão prodigiosa do Senhor, primeiramente quis fazer sobressair a sua majestade. E fã-lo com estas palavras.»<sup>46</sup> De facto, estas palavras retratam aquilo que é verdadeiramente a vida de Jesus: sai do Pai e para Ele volta. Voltamos mais uma vez ao prólogo, onde o Verbo se faz carne, sai do seio do Pai e «estabeleceu a tenda entre nós.» (Jo 1, 14). Estabelecer a tenda é, antes de mais, saber que o lugar que ali ocupa não é permanente. É um lugar de passagem. Por isso Jesus estabelece a tenda no meio dos homens consciente que se tornará local de passagem e que irá regressar ao Pai. Ao estabelecer a tenda entre nós, Jesus manifesta já a glória do Pai, mas manifesta de um modo mais perfeito com a Paixão sendo esta

fonte de benefícios e de vitória, não de derrota, porque foi para que Ele pudesse partir deste mundo para o Pai, tornando a sua natureza humana participante da glória do Pai. [...] Assim, como se diz que Cristo veio do Pai, não o deixando, mas assumindo uma natureza inferior como a nossa, também se diz que ele voltou ao Pai na medida em que, mesmo na sua natureza humana, tornou-se participante da glória do Pai.»<sup>47</sup>

Toda esta consciência por parte de Jesus em relação ao seu retorno ao Pai faz com que Ele próprio tome a iniciativa. E por isso «levantou-se da ceia, tirou as vestes e, tomando uma toalha, atou-a à cintura.» (Jo 13, 4). Antes de mais, «este hábil contraste de ritmo pretende mostrar como esta sucessão de pequenas e humildes ações encerra uma mensagem profundíssima.»<sup>48</sup>

Jesus passa então para a forma prática de demonstrar o seu amor pelos “seus”. «O Evangelista destaca que Jesus se levanta para cumprir um serviço tão humilde nos discípulos, plenamente consciente do poder que o Pai Lhe deu e que abarca o mundo inteiro.»<sup>49</sup> Mais uma

---

<sup>45</sup> Cf. Santo Agostinho, *In Joannis Evangeliorum Tractus LV*, PL 35, 1784-1787.

<sup>46</sup> Santo Agostinho, *In Joannis Evangeliorum, Tractus LV*, PL 35, 1784-1787.

<sup>47</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 4.

<sup>48</sup> Juan Manuel Martín-Moreno, *Personajes del Cuarto Evangelio* (Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2001), 209.

<sup>49</sup> Wikenhauser, *El Evangelio según San Juan*, 377.

vez: porque Jesus tem consciência do poder que o Pai colocou nas suas mãos, Ele executa este ato de amor para demonstrar que o poder que tem e que lhe é dado do Pai não é nada mais nada menos que o poder do serviço e da entrega desmedida ao outro. Vemos então aqui a perfeição tanto da dignidade de Cristo como a manifestação do seu poder porque

o Pai entregou todas as coisas nas suas mãos, isto é, no seu poder. Deus deu no tempo, a Cristo enquanto homem, o que estava no poder do Filho desde a eternidade. Primeiro para mostrar que Cristo não sofreu contra a sua vontade. Pois se todas as coisas estivessem nas suas mãos, isto é, no seu poder, é claro que os seus inimigos nada poderiam fazer contra a sua vontade. [...] vemos a sua dignidade por causa da sua nobreza, quando Ele diz que veio de Deus e para Deus voltava [...] Ele menciona isso porque, visto que Cristo está a ir para Deus, é próprio d'Ele levar outros a Deus. Isto é feito especialmente pela humildade e amor; e assim Ele lhes oferece um exemplo de humildade e por amor.<sup>50</sup>

É este o poder de Deus. O poder da misericórdia e do perdão. O poder da humildade e do serviço. O Reino de Deus revela-se, assim, neste grande sinal de Jesus. Não se revela pela espada nem pela guerra, mas sim pelo amor e pelo serviço. Assim, «ainda que o Pai tivesse depositado todas as coisas nas suas mãos, ele não lavou as mãos dos discípulos, lavou-lhes os pés. E ainda sabendo que saiu de Deus e para Deus ia, não exerceu um ofício próprio de Deus que é Senhor, mas exerceu um ofício próprio do homem que é servo.»<sup>51</sup>

Jesus coloca de lado a sua dignidade de Senhor para tornar visível a sua qualidade de servo. Ao levantar-se da ceia, a primeira coisa que Jesus faz é retirar o seu manto. O manto, em todo o Antigo Testamento significa “poder”. Jesus retira aquilo que lhe conferia poder, aquilo que mostrava que Ele era um Mestre à luz do povo judeu: «Jesus depõe o manto e com ele a imagem de mestre para assumir totalmente a forma de servo.»<sup>52</sup> O ponto central neste pequeno ato é, sem dúvida, «a humildade de Cristo, visto que Ele tirou as suas roupas, para que pudesse ministrar mais facilmente. Portanto o texto diz: Ele deixou as suas vestes para que Ele também pudesse estar preparado para ministrar.»<sup>53</sup> Reparámos então que mesmo o próprio retirar do manto é algo que é necessário por dois motivos: Primeiro, para ser mais fácil servir. De facto, um bom servente precisa de estar o mais à-vontade possível para servir bem, e por isso, Jesus retira o manto para poder servir da melhor forma os discípulos. E para ser um bom servo são necessárias apenas três coisas:

Primeiro, deve ser cuidadoso a aperceber-se de que algo possa faltar no seu serviço; e isto podia ser dificultado se ele estivesse sentado ou deitado. Por isso os servos estão de pé. Por isso diz, Cristo

---

<sup>50</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 8.

<sup>51</sup> Santo Agostinho, *In Joannis Evangeliorum, Tractus n° LV*, PL 35, 1784-1787.

<sup>52</sup> Konings, *Evangelho Segundo São João - Amor e fidelidade*, 258.

<sup>53</sup> São Boaventura, *Commentary on the Gospel of John*, 688.

levantou-se da ceia [...] Em segundo lugar um servo não deve estar sobrecarregado para poder fazer tudo o que é necessário ao seu serviço. E como demasiado vestuário é inconveniente a isto, Nosso Senhor pôs de lado as vestes. Em terceiro lugar, um bom servo está preparado, tendo à mão tudo o que precisa [...] Por isso Nosso Senhor cingiu-se com uma toalha para estar pronto não só para lavar os pés, mas também para os secar.<sup>54</sup>

Em segundo lugar, Jesus retira o manto porque não precisa de demonstrar o poder que tem. Aliás para ser servo, o poder pouco importa e Jesus explica isso a partir do pequeno gesto de tirar o manto para poder servir. Além desta visão de poder a partir do manto, poderemos também oferecer uma outra leitura neste gesto: o dar a vida. O manto que Jesus depõe pode também simbolizar a vida que Ele dá aos seus amigos,<sup>55</sup> e por isso Jesus pode dizer: «Ninguém ma tira, mas Eu por mim mesmo a dou. Tenho poder para a dar e tenho poder para de novo a tomar.» (Jo 10, 18). Jesus tem então poder para dar a vida e por isso depõe o manto e também tem poder para a retomar e por isso é que no final de lavar os pés coloca outra vez o manto. Assim, «quando Jesus se despoja do seu manto para se preparar e pôr em prática um ato de humildade e de purificação, prefigura não só o despojamento das suas vestes antes de ser cravado na cruz, mas também o ato supremo pelo qual se despoja da sua própria vida.»<sup>56</sup>

Depois de retirar o manto, Jesus cerca-se de uma toalha para poder lavar os pés aos discípulos. A toalha é, assim, símbolo do serviço pleno de Jesus que a ata à cintura para servir os seus. Com esta atitude, «ensina os seus qual irá ser a atitude e o que significa o amor leal: prestar serviço ao homem até dar a vida como Ele.»<sup>57</sup> O facto de Jesus atar a toalha à cintura leva-nos a perceber que o serviço que está a realizar só irá ficar consumado na cruz. É de notar que, depois de lavar os pés aos discípulos, retoma o manto, mas em nenhum momento posterior o evangelista relata que Jesus retirou a toalha<sup>58</sup>, símbolo do serviço. De facto, Jesus retira o manto para demonstrar que o poder não é necessário, mas coloca a toalha à cintura e dela não se desfaz para demonstrar que o serviço é perpétuo e vai até ao fim, por isso, «Aquele que, sendo Deus, se aniquilou, deixou as suas vestes. Cingiu-se com uma toalha e tomou a forma de servo. Deitou água na bacia para lavar os pés aos discípulos, Ele que derramou o seu sangue para lavar as manchas do pecado.»<sup>59</sup>

Assim, estes quatro primeiros versículos do relato do lava-pés dão como que o mote para ler toda a Paixão e Morte de Jesus. Aquele que irá ser levantado num madeiro, levanta-se

---

<sup>54</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 9.

<sup>55</sup> Cf. Mateus e Barreto, *El Evangelio de Juan - Análisis Lingüístico y Comentario Exagético*, 591.

<sup>56</sup> Kingsley Barret, *El Evangelio según san Juan*, 668.

<sup>57</sup> Mateus e Barreto, *El Evangelio de Juan - Análisis Lingüístico y Comentario Exagético*, 591.

<sup>58</sup> Cf. Mateus e Barreto, *El Evangelio de Juan - Análisis Lingüístico y Comentario Exagético*, 592.

<sup>59</sup> Santo Agostinho, *In Joannis Evangeliorum, Tractus n° LV*, PL 35, 1784-1787.

primeiro e começa a servir os seus. Aquele que irá ser despojado das suas vestes, despoja-se primeiro e retira o manto; Aquele que irá derramar o seu sangue para remissão dos pecados, derrama primeiro água para lavar os pés aos discípulos. Todos estes acontecimentos demonstram que Jesus realiza estas coisas para alertar os seus discípulos do que iria acontecer. Ele que sabia de que espécie de morte iria morrer, quis, na sua benigníssima vontade, com os seus gestos, “antecipar” tudo o que lhe iria suceder na Paixão para, de certo modo, preparar os discípulos. De facto,

as coisas visíveis proclamam a bondade de Deus; mas nada o proclama tão claramente quanto a sua vinda entre os homens, pela qual Ele, que era Deus, assumiu a condição de escravo. E isso não foi uma diminuição da sua dignidade, mas uma manifestação do seu amor por nós. [...] Quando tomou sobre Si tudo o que dizia respeito à condição humana, o Senhor de todos vestiu-se da condição de escravo; ao escolher essa disposição, vestiu-se de escravo, principalmente ao levantar-se da mesa. Aquele que alimenta tudo debaixo do céu descansou entre os apóstolos, o Senhor junto com os escravos, a fonte da sabedoria junto com os ignorantes, a Palavra junto com aqueles que não sabem usar palavras. [...] Aquele que envolve o céu em nuvens estava envolto de uma toalha; Aquele que derramou água nos rios derramou água numa bacia. E, ajoelhando-se, lavou os pés dos discípulos, Aquele que diante de quem se dobra todo o joelho no céu, na terra e debaixo da terra.<sup>60</sup>

Todos estes pequenos acontecimentos são pautados pela extrema humildade com que Jesus atua. «Tão grande é a utilidade que a humildade traz ao homem, que a divina Majestade não hesitou em recomendá-la como seu exemplo.»<sup>61</sup> De facto, é a partir do exemplo que o Senhor nos mostra que a humildade é o único caminho a seguir. A partir do gesto, todo um ensinamento é gerado e todo um estado de vida deve ser assumido a partir do serviço. É sem dúvida necessário abarcarmos esta entrada no lava-pés para percebermos toda a vida de Jesus. Foi a partir da primeira entrega que todas as outras surgiram. Da mesma maneira que a Palavra se fez Homem, este Homem faz-se servo para que a exemplo d’Ele todos sigam este caminho de serviço e de entrega. É porque Ele se faz servo e se deixa fazer servo que toda a História da Salvação acontece e por isso

aquilo que diz a Carta aos Filipenses, no seu admirável hino cristológico - isto é, que, num gesto contrário ao de Adão, que tenta com as próprias forças apoderar-se do divino, Cristo desceu da sua divindade tornando-se homem, tomando a condição de servo e fez-Se obediente até à morte de cruz (cf. 2, 7-8) - tudo isto fica visível aqui num único gesto. Com um ato simbólico, Jesus ilustra o conjunto do seu serviço salvífico. Despoja-Se do seu esplendor divino, ajoelha-Se por assim dizer diante de nós, lava e enxuga os nossos pés sujos, para nos tornar capazes de participar no banquete nupcial de Deus.<sup>62</sup>

---

<sup>60</sup> Severiano de Gábala, *Homilia sobre o lava-pés*, REBy 25, 227-228.

<sup>61</sup> Santo Agostinho, *In Joannis Evangeliorum, Tractus n° LV*, PL 35, 1784-1787.

<sup>62</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré, Parte II - Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 56.

Por conseguinte, «nada faltou à ceia do Senhor. Os discípulos ainda estavam reunidos com Ele e Ele levantou-se da mesa, enrolou-se numa toalha, derramou água numa bacia e começou a lavar e secar os pés. Isso não procede da carne e do sangue, mas da vontade do Pai e do desejo de nos santificar.»<sup>63</sup> É este desejo de nos santificar que faz com que o Filho se entregue na cruz. É através do amor que Jesus atua e se despoja da sua vida para no-la dar em abundância. Este início do relato do lava-pés revela, não só a proximidade de relação Pai-Filho, como também o nível de amor que faz com que Jesus se entregue por nós: é este amor até ao fim que rege e é guia para que Jesus dê a vida.

### 1.3. O diálogo Pedro-Jesus

«Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a secá-los com a toalha que tinha atado à cintura.» (Jo 13, 5). Se até agora tínhamos visto a consciência de Jesus em relação àquilo que Lhe iria acontecer dali para a frente e a consequente manifestação da glória do Pai, de agora em diante iremos debruçar-nos sobre o acontecimento em si, bem como sobre as reações que tal acontecimento gerou.

O evangelista começa por descrever, de forma muito pormenorizada todos os gestos que Jesus vai fazendo ao longo do lava-pés. Anteriormente, seguimos Jesus quando se levantou da ceia e retirou as vestes colocando uma toalha à cintura. Agora seguimos Jesus quando deita água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos. O próprio gesto de deitar água é aqui relatado pelo evangelista não de uma forma arbitrária, mas muito precisa e necessária. Só o simples facto de ser o próprio Jesus a fazer tudo isto, leva-nos a pensar o serviço de Cristo, bem como toda a humildade que Ele deposita em pequenos gestos. Aliás, Jesus demonstra tudo isto de três formas:

Primeiro, quanto ao tipo de serviço que era, pois era muito baixo, uma vez que o Senhor da Majestade se baixou para lavar os pés dos seus servos. Em segundo lugar, quanto ao número de coisas que fez, pois Ele pôs água na bacia, lavou-lhes os pés e depois secou-os. Em terceiro lugar, quanto à forma como foi feito: pois Cristo não o fez através de outros ou com a sua ajuda, mas por Si mesmo.<sup>64</sup>

O simples facto de deitar água numa bacia mostra-nos duas coisas: a necessidade e a espiritualidade do gesto. Quanto à necessidade, essa é óbvia porque para lavar os pés é

---

<sup>63</sup> São Bernardo de Claraval, *Obras Completas de San Bernardo* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1983) vol. IV, 35.

<sup>64</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 9-10.

necessária água e por isso Jesus utiliza água para completar aquilo a que se propôs fazer. Quanto à espiritualidade do gesto, a chave de leitura para compreender melhor este deitar água numa bacia passa muito pela cruz e pelo derramamento de sangue de Jesus. Como salienta S. Tomás,

primeiro, o derramar do sangue de Cristo na terra é indicado pelo seu derramar água para dentro da bacia. Pois o sangue de Jesus pode ser chamado água porque tem o poder de purificar [...] E então sangue e água saíram do seu lado ao mesmo tempo para nos mostrar que o seu sangue lava os pecados. Ou, água pode indicar a Paixão de Cristo, pois na Escritura água significa tribulações [...] Portanto, Ele derramou água dentro duma bacia, isto é, Ele imprimiu a memória da Sua Paixão nas mentes dos fiéis pela sua fé e devoção.<sup>65</sup>

Depois de deitar água numa bacia, Jesus começou a lavar os pés aos discípulos indicando, antes de mais, a nossa humana imperfeição. De facto, por mais perfeita que alguma pessoa pensa ou deseja ser, essa mesma perfeição só existe em Cristo. É Cristo quem nos traz a verdadeira perfeição e por isso Ele é modelo e Mestre. É Ele que, através do seu sangue, purifica as nossas almas do pecado e, por isso, «o evangelista diz que Cristo começou a lavar, porque a purificação dos nossos apegos terrenos começa aqui e é completada no futuro. [...] Em suma, quando Nosso Senhor pôs água na bacia, isto indicou o derramar do seu sangue, e quando começou a lavar os pés dos Apóstolos, isto indicou a purificação dos nossos pecados.»<sup>66</sup>

Depois desta pequena introdução, começa o diálogo entre Pedro e o Mestre com duas visões completamente diferentes sobre o gesto que Jesus estava a realizar. De facto, Pedro interpela logo Jesus mostrando um ar de descontentamento porque não queria acreditar que Aquele que o chamou para ser pescador de homens (Cf. Mt 4, 19) estava agora diante dele, de joelhos e com uma toalha à cintura, pronto para lhe lavar os pés. É esta reverência cega ao Senhor por parte de Pedro que o faz questionar tal ação e defender veementemente a decisão de não querer que o Mestre lhe lavasse os pés «como se ele estivesse a dizer: Eu não me atrevo deixar isto acontecer, e como ele estava tomado por temerosa reverência, o Senhor advertiu-o de que ele deveria desistir por conta do mistério.»<sup>67</sup> O primeiro contraste aparece então, logo na primeira intervenção de Pedro colocando em causa a atitude de Jesus. E por isso, Jesus responde a Pedro mostrando que o que estava a realizar não era somente um ato isolado, mas sim um gesto que iria repercutir efeitos mais tarde. Esta falta de compreensão, que Jesus dá conta, mostra-nos, sem dúvida, que o próprio gesto ultrapassa a infinita humildade de Cristo: e é por isso que Jesus lhe responde: «entenderás depois» (Jo 13, 7). Mas compreender quando? «Quando expulsares demónios em meu nome e me vires elevado ao céu. Quando aprenderes

---

<sup>65</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 10.

<sup>66</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 10-11.

<sup>67</sup> São Boaventura, *Commentary on the Gospel of John*, 689.

pelo Espírito que estou sentado à direita do Pai. Então saberás.»<sup>68</sup> Além disto, esta atitude reflete aquilo que irá de facto acontecer horas mais tarde e aí os discípulos já irão compreender. Por isso, «Jesus faz algo mais do que dar uma lição de humildade que os discípulos pudessem compreender; o que ali ocorre tem implicações teológicas que só serão entendidas quando passar “a hora”.»<sup>69</sup> Pedro não percebe que o lava-pés faz parte dos desígnios de Deus e, por isso, «a objeção de Pedro indica que a forma como ele entende as ações não condiz com o motivo pelo qual Jesus as realiza.»<sup>70</sup>

É nesta dicotomia entre aquilo que Pedro acha ou não que deve ser o gesto de Jesus que o diálogo se desenrola até ao ponto de Jesus colocar Pedro no seu devido lugar: «Se não te lavar, não terás parte comigo.» (Jo 13, 8). Até então, Pedro não conseguia abarcar o conceito de um Deus servo, de um Deus Todo-Poderoso capaz de lavar os pés aos seus discípulos. De um Deus que se rebaixa e assume plenamente a função de um escravo. Para Pedro, um Mestre jamais poderia tomar essa atitude. Se repararmos, «Pedro aplica a distância Mestre – Discípulo. “Tu a mim? Não”. Pedro não consegue tolerar que Jesus o sirva e por isso tenta inverter os papéis. “Tu não me lavarás os pés”.»<sup>71</sup> Além disso, Pedro não consegue ver neste gesto de Jesus qualquer manifestação de glória. No meio de tantos sinais e prodígios que Pedro presenciou, este não era, de todo, mais um milagre que Jesus realizara. Antes pelo contrário: esta atitude de Jesus, aos olhos de Pedro, era tudo menos a manifestação do Messias, do Todo-Poderoso que viria salvar Israel. Mais uma vez a total incompreensão de Pedro perante as atitudes de Jesus. «Pedro viu no gesto a humilhação; Jesus, porém, a dedicação da própria vida. Pedro exprime que o gesto de Jesus é incompreensível, pelo menos para quem ainda não conhece suficientemente o mistério do Filho de Deus. A incompreensão dos discípulos provém de que Jesus só pode ser compreendido à luz do “enaltecimento” e do dom do Espírito.»<sup>72</sup> É perante esta incompreensão que Jesus deixa esta certeza: se te lavar terás parte comigo. E ter parte com Jesus não é nada mais nada menos do que estar intimamente ligado a Deus para a eternidade,<sup>73</sup> tendo parte também no amor que Jesus emana na sua vida entregue que é simbolicamente antecipada pelo seu gesto.<sup>74</sup> E é por isso que o lava-pés é sumamente importante: é pelo facto de Jesus lavar os pés aos discípulos que eles passam a tomar parte com Ele na vida eterna. «Não se trata da materialidade do gesto, mas do sentido mais profundo de o discípulo se assemelhar

---

<sup>68</sup> São João Crisóstomo, *Homilias sobre o Evangelho de João*, 70, 1, pg 59, 383-384.

<sup>69</sup> Brown, *El Evangelio según Juan (XIII-XXI)*, 872.

<sup>70</sup> Moloney, *El Evangelio de Juan*, 387.

<sup>71</sup> Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan*, 28.

<sup>72</sup> Konings, *Evangelho Segundo São João - Amor e fidelidade*, 258.

<sup>73</sup> Cf. São Boaventura, *Commentary on the Gospel of John*, 689.

<sup>74</sup> Cf. Moloney, *El Evangelio de Juan*, 387.

em tudo ao seu Senhor, até e principalmente na humildade.»<sup>75</sup> Os discípulos não perdem a herança que Jesus<sup>76</sup> lhes tinha prometido por deixarem o Mestre lhes lavar os pés e assim fazê-los participar na sua bem-aventurança eterna.

Deste modo, ao olharmos para o lava-pés apercebemo-nos claramente do seu sentido: «ninguém pode participar na herança eterna e ser co-herdeiro com Cristo a não ser que esteja espiritualmente limpo»<sup>77</sup>, e é por isso que Jesus toma a decisão de lhes lavar os pés passando, posteriormente, a tornar-se um exemplo e um mistério porque

numa forma, “o que Eu estou a fazer não o podereis compreender agora”, isto é, não compreendes agora que o que eu estou a fazer é um exemplo; mas depois vais compreender, quando lhes explicou dizendo: “Entendeis o que vos fiz?” Noutra forma, o que eu estou a fazer não o compreendereis agora; quer dizer, isto é um mistério e algo oculto, e significa uma purificação interior que só Eu posso concretizar, e que ainda não compreendeis, mas depois ireis compreender, quando receberdes o Espírito Santo.<sup>78</sup>

Depois de se ter apercebido que a posse da herança eterna estava em causa, Pedro parte para o outro extremo que Jesus pretendia afastar: «Senhor, então não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça.» (Jo 13, 9). Na realidade, estava tão vincada na cabeça de Pedro esta necessidade de uma purificação ritual que pede precisamente ao Mestre para o limpar de qualquer vestígio que o levasse à perdição. Pedro toma esta posição extremista ainda com o pensamento na lei judaica onde existiam inúmeros rituais para a purificação. Ainda emaranhado entre o amor e o temor, Pedro «mais se horrorizou por não ter parte com Cristo do que por ter humildemente lavado os pés.»<sup>79</sup> Pedro assume-se então agora como necessitado da ação de Cristo. Ele que se tinha revoltado porque viu o Mestre de joelhos a lavar os pés, agora também ele sente esta necessidade de ser limpo para poder participar na herança que Cristo promete àqueles a quem Ele lavar os pés. Portanto, a ação de Jesus é «condição necessária para que Pedro “tenha parte” com Cristo. [...] Se Pedro é lavado, então terá parte na glória de Cristo.»<sup>80</sup>

Jesus, o Filho de Deus que desce à terra, submete-se então a ser servo dos seus elevando-os à categoria de “senhores”<sup>81</sup>, pelo simples facto de que o Senhor lhes lava os pés. Olhando para o lava-pés como um prelúdio daquilo que irá ser a Paixão e Morte de Jesus, esta irá servir para salvar os homens dos seus pecados. Ele entregar-se-á para que a humanidade seja redimida, e seja colocada na sua dignidade tal qual foi criada e pensada por Deus: «Fizeste dele pouco

---

<sup>75</sup> Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan*, 29.

<sup>76</sup> Cf. Brown, *El Evangelio según Juan (XIII-XXI)*, 872.; Martín-Moreno, *Personajes del Cuarto Evangelio*, 210.

<sup>77</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 13.

<sup>78</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 12-13.

<sup>79</sup> Santo Agostinho, *In Joannis Evangeliorum, Tractus n° LVI*, PL 35, 1787-1789.

<sup>80</sup> Rivas, *El Evangelio de Juan. Introduccion. Teología. Comentario*, 369.

<sup>81</sup> Cf. Mateus e Barreto, *El Evangelio de Juan - Analisis Linguistico y Comentario Exagetico*, 592.

menos que um deus, de glória e honra o coroaste.» (Sl 8, 6). Será então este o grande fruto do amor até ao fim por parte de Jesus. Deste modo, para “ter parte com” Jesus, é necessário que os discípulos se deixem levar pela humildade do seu Senhor, «que pode ser compreendida agora. [...] É tão importante que Jesus lave os pés de Pedro que, se não o fizer, o apóstolo não terá parte na herança eterna.»<sup>82</sup> Ter parte com Jesus é alcançar esta relação escatológica que Ele promete e por isso todo este serviço é extremamente necessário. É a partir deste seu gesto que Jesus funda a sua relação salvífica com os discípulos e estes só têm de aceitar tal gesto de humildade para, por um lado, perceberem mais tarde toda a Paixão e, por outro lado, para terem a alegria de participar um dia na herança eterna prometida por Jesus.

#### 1.4. A Bem-Aventurança Joanina

«Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as suas vestes, reclinou-se de novo à mesa» (Jo 13, 12). Passamos agora do gesto para o ensinamento. De facto, até agora estivemos centrados no gesto em si, na medida em que vemos o Senhor de joelhos a lavar os pés dos discípulos e também, nessa mesma sequência, onde Pedro questiona várias vezes o porquê deste gesto. Em todas estas fases do lava-pés Jesus apenas realizou o gesto. Não o explicou. Agora, porém, Ele toma outra vez as vestes e por isso tomará a posição daquele que ensina. Assim, «ao voltar para a posição de homem livre (à mesa) com a toalha posta, mostra que o serviço prestado por amor não diminui a liberdade nem a igualdade do homem.»<sup>83</sup> Daqui conseguimos retirar duas conclusões: primeira, que o Mestre ao fazer isto não perde dignidade porque volta à sua posição de Mestre e por isso reclinou-se na mesa porque «o ensino deveria ser feito numa atmosfera de serenidade, e é sentando-se e estando em silêncio que a alma se torna sábia e em discernimento»<sup>84</sup>; segunda, que Jesus não retira a toalha que coloca à cintura, isto para nos dizer que o seu serviço irá continuar até à Paixão e Morte.

Depois de se reclinar sobre a mesa e tomar consigo as vestes, Jesus passará agora para o ensinamento aos seus discípulos. Depois do gesto chegou a hora de lhes fazer ver aquilo que acabaram de receber. De facto, os discípulos viram aquilo que Jesus fez, mas não entenderam. Por isso Jesus vai-lhes fazer ver aquilo que à primeira vista nenhum deles conseguiu ver. Por isso, «assim como o Pai mostra tudo ao Filho o que Ele mesmo faz, assim também Jesus mostra aos discípulos aquilo que Ele mesmo faz. O que o Filho faz, vê fazê-lo ao Pai e por isso Jesus

---

<sup>82</sup> Brown, *El Evangelio según Juan (XIII-XXI)*, 116.

<sup>83</sup> Mateus e Barreto, *El Evangelio de Juan - Análisis Lingüístico y Comentario Exagético*, 597.

<sup>84</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 17.

quer que os discípulos façam aquilo que O viram fazer.»<sup>85</sup> Jesus quer passar, em primeiro lugar, a mensagem de que aquilo que Ele realizou foi por vontade do Pai. O Pai e Ele estão intimamente ligados, e por isso, tudo o que Jesus vê o Pai fazer, Ele também o faz, porque Ele e o Pai são um (Cf. Jo 10, 30). Por isso, Jesus realiza este gesto em consonância com o Pai e mostra aos discípulos que só unidos ao Pai é que são capazes de realizar tais atos de amor.

Jesus parte agora de uma afirmação para dar resposta aos seus discípulos: «Vós chamais-me “o Mestre” e “o Senhor” e dizeis bem, porque o sou.» (Jo 13, 13). É interessante notar que, depois de ter realizado este ato grandioso em humildade e serviço, Jesus comece a sua explicação precisamente por dizer que é “Mestre” e “Senhor”. Quando estávamos já com os olhos fixados no Servo Sofredor, eis que Jesus vem acentuar mais a sua dignidade de Mestre e Senhor. De facto, como já vimos anteriormente, o gesto não retira nada à dignidade do Senhor. E é a partir desta sua dignidade de Senhor que Jesus quer justificar o seu gesto, porque «Aquele a quem eles chamam de Mestre deu o exemplo e tornou-os como iguais para que eles, seguindo o Mestre, o façam também.»<sup>86</sup> No fundo, tudo se remete para o exemplo que Jesus dá da sua entrega total de si mesmo em prol dos irmãos, e por isso diz, por estas ou outras palavras: «se Eu, então, que sou maior, porque sou vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, então vocês que não são tão grandes, porque são discípulos e servos, devem, muito mais do que Eu, lavar os pés uns aos outros.»<sup>87</sup> A partir desta entrega, os discípulos têm de O imitar pondo-se ao serviço uns dos outros movidos tanto pelo gesto que Jesus lhes realizou, bem como pelo amor que Jesus lhes demonstra. Tal como receberam esse amor e esse exemplo de Jesus, agora os discípulos são convidados a passar os dons que receberam a outros. Jesus «não os exorta a realizar uma ação moral, mas a imitar a doação de si mesmo. “A morte de Jesus [...] interpretada pelo lava-pés, é a norma de vida e comportamento para a comunidade crente.”»<sup>88</sup>

Portanto, «se Eu, “o Senhor” e “o Mestre”, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros.» (Jo 13, 14). Jesus é muito claro naquilo que quer que os discípulos façam. Se Ele, sendo aquilo que eles dizem d’Ele, lhes lavou os pés, então o discípulo só tem de seguir o seu Senhor. A finalidade do Mestre é, em primeiro lugar, fazer com que os discípulos sejam semelhantes a ele, e, por isso, quanto mais o Salvador da humanidade quer que os seus discípulos sigam os seus passos e se entreguem como Ele ao serviço do outro confiando plenamente no Pai. Por isso, «depois de lhes ter dado um exemplo, exorta-os a imitá-l’O e fá-lo da seguinte maneira. Primeiro, por consideração à dignidade do Mestre. Em segundo lugar,

---

<sup>85</sup> Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan*, 33.

<sup>86</sup> Mateus e Barreto, *El Evangelio de Juan - Análisis Lingüístico y Comentario Exagético*, 597.

<sup>87</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 20

<sup>88</sup> Culpepper, *The Johannine hypodeigma*, 144, in Moloney, *El Evangelio de Juan*, 389.

em consideração à grandeza da recompensa. Em terceiro em consideração à excelência do mérito.»<sup>89</sup> O Filho de Deus chama à sua dignidade os discípulos para que também eles possam participar da filiação divina do Pai juntamente com o Filho. É a partir do gesto concreto que Jesus nos quer fazer participar da glória do Pai. Glória essa que só será atingida mediante o serviço prestado. Portanto «se queremos seguir Jesus devemos partir do indicativo – é Jesus que vai lavar os pés, é Ele que se faz servo – e por isso fazer o que Ele também fez. Daí passamos para o imperativo – “Como eu fiz, fazei vós também” (Jo 13, 15) que se baseia no indicativo.»<sup>90</sup> Este é, de facto, o exemplo primordial de Jesus para com os seus discípulos. Dá-lhes uma abertura não só à possibilidade de terem parte com Ele no reino, ou seja, alcançar a glória do Pai, mas também tornarem-se mestres e senhores no serviço. Sendo este o serviço próprio do Filho de Deus feito carne<sup>91</sup> torna-se também serviço dos discípulos que o seguem na medida em que lhes inculca este espírito de serviço depois de lhes ter lavado os pés.<sup>92</sup>

Este gesto do lava-pés torna-se assim um gesto da misericórdia de Deus. Misericórdia porque o Senhor limpa os pecados dos seus discípulos. Para serem capazes de seguir o Mestre, eles precisavam de uma purificação. Não uma purificação exterior, contudo, o sinal exterior intensifica o sinal interior. É a partir do sinal exterior do lava-pés que os discípulos ficam purificados interiormente. É em vista ao futuro que Jesus lhes lava os pés e por isso «bem insinuou o Senhor que nisto havia mistério. Lavando e secando os seus pés, os tornava purificados, a eles, que deviam praticar a santidade, para que pudessem ensinar o caminho santo e andar por aquele que disse: “Eu sou o caminho” (Mt 14,6).»<sup>93</sup> É através do olhar da santidade que o gesto tem significado. Porque os discípulos querem fazer parte da herança eterna de Jesus, devem sujeitar-se a que o Cristo lhes lave os pés. Porque Jesus os quer fazer participantes da vida eterna lava-lhes os pés. E deixa-lhes esta mensagem: como Eu quero que façais parte da herança eterna, também vós deveis querer que muitos dos vossos irmãos façam também parte desta mesma herança e, por isso, lhes disse: «assim como Eu vos fiz, vós façais também.» (Jo 13, 14). Assim, «o lava-pés é, para os discípulos, símbolo da sua purificação, efeito da morte de Cristo, e ao mesmo tempo um exemplo que os obriga a servir com sentimentos de humanidade. Se Deus nos amou ao ponto de enviar o seu Filho Unigénito para ser a expiação dos nossos pecados, também nós nos devemos amar uns aos outros (1Jo 4, 10ss).»<sup>94</sup>

---

<sup>89</sup> São Boaventura, *Commentary on the Gospel of John*, 694; 696.

<sup>90</sup> Konings, *Evangelho Segundo São João - Amor e fidelidade*, 260.

<sup>91</sup> Cf. Wikenhauser, *El Evangelio según San Juan*, 378-379.

<sup>92</sup> Cf. Brown, *El Evangelio según Juan (XIII-XXI)*, 863.

<sup>93</sup> Orígenes, *Comentarios al Ev. De Juan 32*, SCh 385, 220-224.

<sup>94</sup> Wikenhauser, *El Evangelio según San Juan*, 382.

Portanto, o lava-pés pode ser visto como um ato de purificação para aqueles que querem continuar a sua vida com Cristo. Aliás, Jesus diz: «Quem tomou banho não tem necessidade de lavar senão os pés.» (Jo 13, 10). Isto quer dizer que o batismo que receberam é válido e por isso estão em comunhão com Jesus. Contudo, para estarem em pleníssima comunhão, os discípulos precisam que o Mestre os purifique. Tal como diz Santo Agostinho: «o homem, pelo batismo, fica completamente purificado. Mas, enquanto depois vive neste mundo, e enquanto se vai afeiçoando à terra como quem a calca com os pés, esta circunstância da sua vida terrena leva-o a contrair certas manchas que o fazem exclamar: “Perdoai-nos as nossas ofensas” (Mt 6, 12)»<sup>95</sup>, assim estas manchas só conseguem sair a partir do serviço de Cristo que lava os pés para fazer dos discípulos participantes da herança eterna. Contudo, um ato como o lava-pés «não pode ser só um rito acessório de purificação, mas deve ser o símbolo da purificação básica do coração dos discípulos, graças à qual se faz uma efetiva união com Cristo, aquele mesmo efeito que, na vida da Igreja, se produz com o batismo: a purificação do pecado e a inserção no corpo místico de Cristo.»<sup>96</sup> Estas são as duas vertentes que o lava-pés nos traz: por um lado a purificação dos pecados e por outro a inserção no corpo místico de Cristo. Só quem se deixa guiar e levar pelo gesto é que pode, de facto, fazer parte da Igreja de Cristo que ao mesmo tempo recebe do Mestre o gesto, e conseqüentemente o ensinamento de o praticar em todos os irmãos. Assim,

mediante o gesto de lavar os pés dos discípulos, entre os quais está um traidor e aquele que O vai negar, Jesus está a mostrar o “amor até ao fim” pelo qual Ele entrega a sua vida para “lavar” totalmente “os seus”. O “amor até ao fim” não é visto apenas no ato de humildade, mas também abraça a lavagem que Ele realiza nos seus discípulos para que eles possam também participar na Sua glória. Só aceitando este ato de amor se pode chegar ao “ter parte com Ele” participando da sua vida eterna.<sup>97</sup>

É importante notar que era necessário que fosse, de facto, Jesus a dar início a este gesto pois «o dom da pureza é um ato de Deus. O homem, por si mesmo, não pode tornar-se capaz de Deus, seja qual for o sistema de purificação a que pertença. Vós estais limpos, nesta afirmação admiravelmente simples de Jesus está expressa, quase em resumo, a sublimidade do mistério de Cristo. Deus, que desce até nós, torna-nos puros. A pureza é um dom.»<sup>98</sup> É porque o Mestre desce até nós que nós somos capazes de participar com Ele na pureza e simplicidade e, portanto, «quando Ele, que em cuja mão está a vida de todas as coisas, se ajoelha para lavar os pés dos discípulos»<sup>99</sup>, dá-nos não só o exemplo da humildade perfeita, mas também a pureza

---

<sup>95</sup> Santo Agostinho, *In Joannis Evangeliorum, Tractus n° LVII*, PL 35, 1789-1792.

<sup>96</sup> Wikenhauser, *El Evangelio según San Juan*, 379.

<sup>97</sup> Rivas, *El Evangelio de Juan. Introduccion. Teología. Comentario*, 370.

<sup>98</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré, Parte II - Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 59.

<sup>99</sup> Anónimo, *Cântico de maitines del Jueves santo*, 5, TK 428.

de coração que o homem sozinho nunca conseguiria alcançar. Portanto era conveniente que Cristo, Mestre e Senhor de todas as coisas, iniciasse o lava-pés para também iniciar o caminho da glória para o Pai, onde já não irá sozinho, mas atrairá todos a Ele (Cf. Jo 12, 32). Portanto, todo este gesto reflete não só «a obra servil para anunciar simbolicamente a necessidade salvífica da sua morte, que daria aos homens a possibilidade de ter parte na sua herança e os limparia dos seus pecados»<sup>100</sup>, mas também a importância do gesto mediante a prática tanto do serviço como da humildade e caridade.<sup>101</sup> Olhamos portanto para o gesto do lava-pés como um ato de humildade que leva o ser humano a procurar a pureza do coração e ao mesmo tempo a imitar aquilo que o Mestre fez a fim de que todos possam também tomar parte desta condição de discípulos que se servem mutuamente.

O autêntico significado desta passagem é que se inverte a relação natural mediante um ato de humildade, de por si desnecessário (como mostra a objeção de Pedro em vv.6.8). Na concepção do evangelista, o gesto de Jesus é, ao mesmo tempo, exemplar, revelador e salvífico. Portanto, os discípulos devem lavar os pés uns aos outros (v.14ss). Este ato de condescendência amorosa revela o amor de Jesus para com os seus (v.1), assim como o amor mútuo dos discípulos deve revelar a sua relação com Cristo (v.35).<sup>102</sup>

Entramos então agora na parte central desta última divisão do texto do lava-pés. Até agora Jesus convidou os seus discípulos a fazerem como Ele porque este é o gesto que salva, contudo Jesus acrescenta ainda algo a esta mensagem: «Se compreendeis isto, felizes sereis se o fizerdes.» (Jo 13, 17). Muitos exegetas falam deste versículo como a bem-aventurança joanina. De facto, João não relata as bem-aventuranças como faz Mateus, contudo deixa aqui um sinal de que tanto as bem-aventuranças como todos os gestos e ensinamentos de Jesus se resumem nesta pequena frase: felizes sereis se colocardes em prática. João parte do ensinamento para a prática, muito ao contrário de Jesus. Se repararmos, o Mestre primeiro realizou o gesto (prática) e depois explicou-o. Por outro lado, João dá ênfase primeiro à explicação do gesto (ensinamento) e depois à prática que advém, isto tudo para demonstrar que primeiro é preciso ouvir e aprender do Mestre e só depois é que devemos partir para a prática. Os ensinamentos de Jesus não devem ficar “esquecidos” apenas e só na teoria. Têm, pois, uma componente prática e João deixa essa ideia muito bem vincada. Os discípulos são agora convidados a «repetir o exemplo do dom amoroso»<sup>103</sup> que o Mestre realizou para que se tornem em tudo seus imitadores. O lava-pés não pode ficar restringido àquele momento, naquela situação concreta,

---

<sup>100</sup> Brown, *El Evangelio según Juan (XIII-XXI)*, 876.

<sup>101</sup> Konings, *Evangelho Segundo São João - Amor e fidelidade*, 259; Brown, *El Evangelio según Juan (XIII-XXI)*, 877.

<sup>102</sup> Kingsley Barret, *El Evangelio según san Juan*, 669.

<sup>103</sup> Moloney, *El Evangelio de Juan*, 388.

naquele lugar concreto. Não é um gesto fechado que se realiza apenas e só de Jesus para os discípulos. «Não é um fim em si mesmo, mas sim uma instrução que Jesus dá aos seus a fim de os enviar. Tal como o acontecimento e o amor de Jesus desembocaram na ação, assim também deve desembocar na ação o amor e conhecimento dos discípulos.»<sup>104</sup> Desta maneira, a bem-aventurança joanina resume-se ao colocar na prática aquilo que Jesus diz e faz. Se o fizerdes sereis felizes, ou seja, se compreenderdes que este gesto que Eu realizei vos serve para tomardes parte na herança comigo, então sereis bem-aventurados porque participais plenamente na glória. É extremamente necessária esta compreensão do gesto ainda que tarde. Note-se que Judas ainda estava na ceia e por conseguinte Jesus lavou-lhe os pés. Contudo, Judas não ficou limpo dos seus pecados porque não compreendeu verdadeiramente o gesto do Mestre. Mesmo tendo sido lavado por Jesus, permaneceu no pecado e levantou contra ele o calcanhar (Cf. Jo 13, 18). É por isso que o gesto de serviço que Jesus realiza deveria ser realizado nos pés, porque «como Adão foi derrotado pelo demónio (Cf. Gn 3, 1-6.15) e se derramou nos seus pés veneno, por isso lava-se os pés, para que na parte onde a serpente colocou a insídia, recebas maior auxílio da santificação, para que não sejas derrubado depois. Portanto, lava-se os pés para lavar o veneno da serpente.»<sup>105</sup> Porém, ainda que lavado, o veneno da serpente permaneceu com Judas porque não se dispôs totalmente a que o Mestre o livrasse de qualquer espécie de pecado.

O lava-pés é este mistério de santificação que continua na vida da Igreja. Ao lavar-lhes os pés, Jesus capacita-os para anunciarem a boa-nova do Reino e também, de certo modo, realizar aquilo que Jesus realizava. Assim, o gesto de Jesus serve para nos ensinar «que devemos amarmo-nos com diligência e ajudarmo-nos uns aos outros com entusiasmo.»<sup>106</sup> Só assim seremos capazes de assumir o mandato que Ele deixou. Só mediante o seu exemplo é que conseguimos também nós assumir a sua própria condição e colocarmo-nos ao serviço. A adesão a Jesus não pode passar meramente por princípio, mas deve revirar-se para a prática da sua mensagem traduzindo as atitudes interiores em modo de proceder.<sup>107</sup> Isto quer dizer que não basta seguir o Mestre porque muitos o fazem. Devemos, sim, seguir o Mestre porque a sua palavra e o seu gesto marcaram. A exigência de Jesus é bastante clara: «Se compreendeis isto, felizes sereis se o fizerdes.» (Jo 13, 17). O mandamento do amor resume-se neste colocar em prática tanto as palavras como os gestos do Senhor a fim de o imitarmos na bondade e mansidão.

Por conseguinte, passamos para a última parte do relato do lava-pés. Jesus termina este discurso manifestando toda uma relação Pai-Filho-discípulos. Mas antes de partirmos para uma

---

<sup>104</sup> Moloney, *El Evangelio de Juan*, 389.

<sup>105</sup> Ambrósio, *Los Sacramentos*, 3, 1, 7, CSEL 73,41.

<sup>106</sup> Teodoro de Mopsuestia, *Comentario al Ev. De Juan 6, 13*, CSCO 4/3, 256-257.

<sup>107</sup> Cf. Mateus e Barreto, *El Evangelio de Juan - Analisis Linguistico y Comentario Exagetico*, 599.

reflexão acerca desta relação, detenhamo-nos um pouco no versículo anterior: «Desde já vo-lo digo, antes de acontecer, para que, quando acontecer, acrediteis que *Eu sou*.» (Jo 13, 19). Duas coisas importantes que devemos retirar daqui: a primeira é que Jesus anuncia, claramente, aquilo que lhe vai acontecer para, por um lado, tranquilizar os discípulos e, por outro, para acreditarem n'Ele e na sua palavra. Mais, para que acreditem que Ele é. Este *Eu sou* não é nada mais nada menos que o nome revelado a Moisés: «EU SOU AQUELE QUE SOU» (Ex 3, 14). Assim, mais uma vez, Jesus autorrevela-se como o próprio Deus que se faz Homem. Jesus, ao assumir o nome revelado a Moisés no Horeb, assume diante dos discípulos a sua condição divina. Tudo isto foi realizado para que os discípulos acreditem que Ele é o Filho de Deus, e, por conseguinte, participante de tudo desde a criação do mundo.

Este mesmo Filho de Deus quer que todos os seus discípulos se tornem participantes na evangelização do Reino e por isso diz: «quem recebe aquele que Eu enviar, a mim recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou.» (Jo 13, 20). Estamos perante uma relação que Jesus quer estabelecer depois da sua Paixão, Morte e Ressurreição. Quem recebe aquele discípulo que Jesus enviar, recebe o próprio Jesus, e quem recebe o próprio Jesus, recebe aquele que o enviou, ou seja, o Pai. Existe, pois, em primeiro lugar, «a dignidade daqueles cujos pés Ele lavou. Pois a sua dignidade era tão grande que serviços feitos a eles pareciam de certa forma remeter-se a Deus, contudo de acordo com uma certa progressão: porque coisas feitas aos fiéis através de Cristo remetem-se a Deus Pai.»<sup>108</sup> Jesus torna-se, então, em última instância este Mediador entre Deus e o ser humano. Todo aquele que fizer parte deste anúncio do Reino terá também, de certo modo, uma relação com Cristo e consequentemente uma relação com o Pai. É por isso que Jesus fala mediante as duas naturezas que possui: a divina e a humana: «Na primeira parte Ele fala com referência à sua natureza humana dizendo, quem recebe aquele que Eu enviar, como humano, pois eu partilho com eles numa natureza [humana]. Na segunda parte fala em referência à sua divindade: aquele que me recebe, que sou Deus, recebe aquele que me enviou, pois Eu tenho a mesma natureza [divina] que Ele.»<sup>109</sup> Tudo isto mostra que Jesus é esta ponte entre a humanidade e a divindade tal como diz São Paulo: «Pois, há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem: Cristo Jesus, que se entregou a si mesmo como resgate por todos.» (1Tm 2, 5).

Neste sentido, «a solicitação para fazermos o que fez Jesus não é um apêndice moral do mistério nem sequer algo em contraste com ele; tal solicitação deriva da dinâmica intrínseca do

---

<sup>108</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 24.

<sup>109</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 25.

dom, com o qual o Senhor nos torna homens novos e nos acolhe dentro do que é seu.»<sup>110</sup> Toda esta dinâmica serve, então, para que sejamos parte integrante tanto do Reino de Deus como da sua missão de anunciar a boa-nova. Com este gesto, Jesus declara que «este serviço é indispensável para que o discípulo, que acolheu a palavra, seja participante da sua própria vida e, portanto, da comunhão com Deus.»<sup>111</sup> No fundo, estar em plena comunhão com Deus é não só escutar a sua palavra como também colocar em prática tudo aquilo que recebemos d'Ele. Torna-se então necessário rever todo este gesto à luz daquela remissão que Jesus nos vem trazer. Para sermos capazes de anunciar o seu Reino, Ele capacita-nos não com poderes especiais, mas sim com a vara do serviço humilde e com a purificação do pecado. Assim, «como no princípio todos fomos reduzidos à escravidão e devedores da morte por causa dos primeiros [seres humanos], assim também no final, na pessoa dos últimos – isto é, daqueles que foram discípulos lavados e purificados da morte – todos chegarão à vida de Deus: porque aquele que lavou os pés dos seus discípulos santificou e purificou todo o seu corpo.»<sup>112</sup>

Jesus é aquele que se torna servo para demonstrar o caminho que os seus discípulos devem assumir. Mostra-lhes assim o caminho humilde do Servo Sofredor que se ajoelha e tem uma atitude serviçal perante aqueles que mais precisam. Notemos então que,

sendo seu Mestre e Senhor, Ele não desdenhou em prestar-lhes este humilde serviço de escravo. Mas o atendimento recebido exige deles a obrigação de dar a mesma atenção uns aos outros. A ação que Ele acaba de realizar e que tanto os impressionou é, segundo a sua intenção, um exemplo que deve motivá-los a fazer o mesmo aos seus irmãos. Escusado será dizer que não exige deles precisamente a repetição do mesmo gesto, mas sim que se disponham a prestar o mesmo serviço, ou seja, a servirem-se afetuosamente. O lava-pés, que acaba de fazer, é uma representação viva do serviço humilde com que se manifesta o amor.<sup>113</sup>

Portanto, todo aquele discípulo que é enviado não se pode esquecer de levar no seu coração o gesto que o Mestre realizou. Aquele que é enviado leva Jesus e conseqüentemente o Pai, aquele que manifestou o seu amor maior pela humanidade. Assim, qualquer discípulo imbuído neste amor deve não só anunciá-lo, mas vivê-lo e praticá-lo, pois, «pessoas que honram o Senhor recebem grande mérito, e o próprio Senhor considera a honra dada ao seu servo, honra dada a si. E a pessoa que honra o servo de Cristo tem grande mérito.»<sup>114</sup>

---

<sup>110</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré, Parte II - Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 60.

<sup>111</sup> Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan*, 30-31.

<sup>112</sup> Santo Ireneu, *Contra as Heresias*, 4, 22, 1, SCh 100, 684-686.

<sup>113</sup> Wikenhauser, *El Evangelio según San Juan*, 381.

<sup>114</sup> São Boaventura, *Commentary on the Gospel of John*, 698.

## 1.5. O mandamento da continuação

Acabámos de ver textualmente as partes mais significativas do relato do lava-pés em Jo 13, 1-20. Partimos da relação de Jesus com o Pai para o diálogo entre Pedro e o Mestre e terminámos com aquilo a que chamamos a bem-aventurança joanina onde o evangelista nos mostra que seremos felizes se colocarmos em prática tudo aquilo que o Mestre fez. De facto, é este colocar em prática que nos vai deter neste ponto. Este gesto só tem importância se o refletirmos e o transparecermos para as nossas vidas quotidianas. De facto, «através da revelação do Verbo, que se põe ao serviço da humanidade entregando a sua vida, manifesta-nos aquilo que somos, criados por Deus e amados por Deus, de maneira que nos saibamos reconhecer como destinados a nos realizarmos – a sermos nós mesmos – na disponibilidade total para com os demais.»<sup>115</sup> Jesus estimula os discípulos a aprender e a fazer o seu gesto como sinal revelador de um serviço humilde, sem contradições e por isso manifesta-se como servo e «se o *Logos* é a razão última das coisas, o sentido último da existência e se manifesta como quem está à nossa disposição, então revela-nos também o sentido último da nossa existência, que é a nossa total disponibilidade para os demais.»<sup>116</sup>

Detenhamo-nos, antes de mais, naquilo que significa o gesto de lavar os pés que Jesus realiza:

Este gesto de Jesus é um «sinal profético», um gesto enigmático, que oferece uma chave de compreensão de toda a sua vida e a sua morte, já próxima. [...] Este gesto manifesta que Jesus, sendo Filho de Deus, e tendo posto tudo nas mãos do Pai, assume no meio de nós a condição de escravo, colocando-se totalmente à disposição dos homens, entregando-se por completo nas suas mãos até ao final, sem olhar para trás.<sup>117</sup>

O gesto de Jesus assume, portanto, já um teor de entrega que se irá realizar de forma plena na cruz. É esta disposição do Verbo Encarnado de se entregar à humanidade assumindo a condição de servo que se espelha de antemão no lava-pés. Ele que é o Senhor por natureza, com poder sobre todas as coisas<sup>118</sup>, decide tornar-se o servo dos servos e demonstrar que diante de um só gesto a salvação pode acontecer. Eis porque o lava-pés pode ser considerado algo mais do que um gesto de extrema humildade; «é um gesto profético para visualizar o amor redentor de Jesus que se chega a humilhar e a adotar a forma de um servo.»<sup>119</sup>

---

<sup>115</sup> Carlo Maria Martini, *Los Ejercicios Ignacianos a la luz del Evangelio de Juan*, trad. Ricardo Lázaro Barceló (Polígono de Raos, Parcela: Sal Terrae, 2014), 156.

<sup>116</sup> Martini, *Los Ejercicios Ignacianos a la luz del Evangelio de Juan*, 156.

<sup>117</sup> Martini, *Los Ejercicios Ignacianos a la luz del Evangelio de Juan*, 155.

<sup>118</sup> Cf. Cirilo de Alexandria, *Commentarii in Iohannem IX*, PG 74, 105-281.

<sup>119</sup> Martín-Moreno, *Personajes del Cuarto Evangelio*, 209.

Existe, portanto, esta estreita ligação entre o lava-pés e a cruz. Jesus entrega-se da mesma forma no lava-pés e na cruz. Podemos dizer que o lava-pés é uma espécie de antecipação do momento em que Jesus é levado para ser crucificado. Do mesmo modo que se entrega aos discípulos lavando-lhes os pés, entrega-se também a toda a humanidade no momento da cruz. Em ambos os casos, «a ação pública de Jesus no Calvário e a sua atuação privada na presença dos discípulos correspondem-se enquanto ambos são atos de humildade e de serviço, e procedem do amor de Jesus aos seus.»<sup>120</sup> Porque existe este amor, Jesus assume aquilo que não deveria pertencer à divindade, mas que torna seu para poder salvar os seus. Para poder fazer deles participantes da sua glória, Ele assume a sua condição através de um gesto visível. Jesus, «querendo fazer chegar aos seus a sua graça e conceder-lhes a graça invisível por meio de um sinal visível»<sup>121</sup>, age como servo e por isso lava-lhes os pés. Demonstra-lhes que através do amor todo o ato de serviço é um ato de entrega livre e por isso deve ser realizado sempre em prol do outro.

Além disso, o significado do lava-pés pode ter dois sentidos: quanto à Encarnação de Cristo e quanto à Sua Paixão:

Se é referido à sua Encarnação, diz-nos três coisas sobre Cristo. Primeiro, Ele estava disposto a ajudar o género humano, indicado pelo facto de que ele se levantou da ceia. Pois Deus parece estar sentado enquanto nos permite estar perturbados; mas quando Ele nos salva disso, Ele parece erguer-se [...] Em segundo lugar, indica que se esvaziou a si mesmo: não que abandonou a sua grande dignidade, mas escondeu-a ao assumir a nossa pequenez [...] Em terceiro lugar o facto de que se cingiu com uma toalha indica que assumiu a nossa mortalidade.

Se este evento é referido à Paixão de Cristo, então Ele pôs de lado as vestes literalmente quando os soldados o despiram [...] E foi cingido com a toalha no túmulo. E também na sua Paixão pôs de lado as vestes da nossa mortalidade e pôs uma toalha, isto é, o esplendor da imortalidade.<sup>122</sup>

Sendo assim, podemos dizer que o gesto realizado por Jesus está inerente em toda a sua vida, desde o momento da Sua Encarnação, bem como, e de um modo mais pleno, no momento da Paixão. Só é possível entender o lava-pés como um símbolo de entrega se compreendermos que nele, em primeiro lugar, se atualiza a Encarnação do Verbo mediante a necessidade de purificar o ser humano e, em segundo lugar, se prefigura a Paixão de Cristo quando Jesus se predispõe a ser Ele próprio a dobrar os joelhos e colocar uma toalha à cintura para lhes lavar os pés. É esta predisposição que nos leva a entender o lava-pés como sinal de entrega antes mesmo do momento da cruz. Por isso, «a ação de lavar os pés e a crucifixão representam uma atuação

---

<sup>120</sup> Kingsley Barret, *El Evangelio según san Juan*, 663.

<sup>121</sup> São Bernardo de Claraval, *Obras Completas de San Bernardo*, 61.

<sup>122</sup> São Tomás de Aquino, *Commentary on the Gospel of John*, 9.

divina que liberta o homem da imundície do pecado, e um exemplo que o homem tem de imitar na prática.»<sup>123</sup> Podemos então dizer que:

Com o gesto de lavar os pés, Ele deu um exemplo [*hypodeigma*] aos discípulos. O termo *hypodeigma*, traduzido como “exemplo”, é mais do que exemplo porque indica o modelo que se deve imitar. Neste gesto de exercer um serviço humilde aos demais está o modelo a que se devem ajustar os discípulos lavando os pés uns aos outros como [*kathōs*] Jesus lhes fez. Não se trata de reproduzir constantemente o gesto de lavar os pés aos outros, mas de assumir a condição de servo com respeito a todos.<sup>124</sup>

O gesto deve, pois, ser imitado pelos seus discípulos tanto para com os desconhecidos, mas e sobretudo uns para com os outros. A humildade começa quando somos capazes do serviço aos nossos, sem interesses ou necessidade de buscar mais tarde o mesmo. Aquilo que Jesus nos pede é que tenhamos um serviço humilde de uns para com os outros enquanto Igreja. Todos são chamados a este gesto e «exemplo de humildade para que cada um possa estar submetido ao outro, para que a unidade da Igreja não seja dividida pela sua discórdia.»<sup>125</sup>

De facto, é dentro da Igreja que este serviço humilde deve começar. Como escreve Orígenes, «os fiéis devem pôr em prática este mandamento, qualquer que seja a sua condição considerada como dignidade eclesiástica, bispos e sacerdotes, ou pessoas de estima no mundo. Isso significa que o mestre deve lavar os pés do seu servo crente e os pais os de seus filhos.»<sup>126</sup> O serviço da humildade parte da Igreja na pessoa de Jesus e dos discípulos e, portanto, deve continuar, primeiramente na Igreja com os sucessores dos Apóstolos e, em segundo lugar, transparecer para toda a comunidade fiel. Todo este gesto deve sê-lo sempre em saída. Isto quer dizer que não deve ficar circunscrito às paredes da igreja ou a qualquer celebração. Deve, sim, ser vivido quotidianamente para que, em cada gesto de humildade e serviço realizado, seja sempre lembrado o Mestre que ensinou que a humildade passa primeiro pela prática ao serviço dos outros.

Além disso, pelo lava-pés apercebemo-nos que o lado purificador de tal gesto ainda continua presente. O lava-pés significa também a purificação porque independentemente de termos recebido o batismo, o ser humano sofre continuamente as consequências do pecado original e por isso necessita de se ir purificando para mais facilmente alcançar as graças eternas. Eis porque, «lavando os pés dos discípulos que já estavam lavados e purificados, o Senhor quis elucidar-nos na seguinte verdade: Devemos convencer-nos de que, por causa dos afetos

---

<sup>123</sup> Kingsley Barret, *El Evangelio según san Juan*, 663-664.

<sup>124</sup> Rivas, *El Evangelio de Juan. Introducción. Teología. Comentario*, 373.

<sup>125</sup> São Boaventura, *Commentary on the Gospel of John*, 699.

<sup>126</sup> Orígenes, *Comentarios al Ev. De Juan*, 32, 133, SCh 385, 246.

humanos de que nos encontramos rodeados enquanto vivemos neste mundo, por maior progresso que façamos na aquisição da justiça, não podemos estar isentos de pecado.»<sup>127</sup> Ao não estarmos isentos de pecado, o Senhor alerta-nos para a necessidade desta purificação, para a necessidade de nos deixarmos lavar por aqueles que têm esse poder e essa capacidade. Para isso, «devemos deixar que nos lave os pés, isto é, os afetos da alma, para que sejam embelezados. E em primeiro lugar, para estarmos entre aqueles que evangelizam as boas doutrinas, trabalhamos por adquirir os dons sublimes.»<sup>128</sup> O Senhor dá-nos então esta capacidade de podermos lavar os pés uns aos outros, ou seja, podermos purificarmo-nos mutuamente através do gesto que Ele realizou. Como vimos, «o lava-pés não é um sacramento particular, mas significa a totalidade do serviço salvífico de Jesus: o *sacramentum* do seu amor, no qual Ele nos imerge na fé e que é o verdadeiro lavacro de purificação do homem.»<sup>129</sup> Somos chamados a ser como Jesus: a curvarmo-nos perante os mais necessitados, aqueles que precisam de sinais visíveis das graças de Deus, «porque ao curvar-se diante de um irmão, despertamos em seu coração os efeitos da humildade, ou se já os tinha, fazemo-los mais fervorosos.»<sup>130</sup>

Também, com este gesto interpelamos qualquer ser humano que sinta necessidade de se abeirar de Jesus. Não nos podemos esquecer que, ao realizarmos o gesto humilde de Jesus estamos a realizá-lo ao próprio Senhor: «quantas vezes o fizestes a um destes meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes.» (Mt 25, 40). Assim, é através e pelo Senhor que recebemos a graça de realizar o gesto que Ele próprio instituiu ao levantar-se da ceia. Seremos, pois, felizes se colocarmos tudo aquilo que Ele nos ensinou, em prática. É por isso que o gesto é tão interpelativo: porque o próprio Senhor, que deu o exemplo e começou Ele a lavar os pés, diz-nos que seremos felizes se o colocarmos em prática. Por isso, «o essencial precisamente nestas palavras não é o apelo a uma prestação máxima, mas o novo fundamento do ser que nos é dado. A novidade só pode derivar do dom da comunhão com Cristo, do viver n'Ele.»<sup>131</sup> No fundo, o mais importante é a comunhão com o Senhor da vida. O gesto é apelo à comunhão, comunhão essa que só será atingida se conseguirmos ser como o Mestre e dobrarmos o joelho para prestar tal serviço de humildade.

Não nos podemos então esquecer que recebemos esta lição de humildade que nos é dada do alto. Sendo nós de condição humilde, «façamos uns aos outros o que o Senhor, que é excelso, praticou humildemente. É importante a recomendação da humildade»<sup>132</sup> porque, no fundo, é

---

<sup>127</sup> Santo Agostinho, *In Joannis Evangeliorum, Tractus n° LVIII*, PL 35, 1792-1795.

<sup>128</sup> Orígenes, *Comentarios al Ev. De Juan*, 32, SCh 385, 220-224.

<sup>129</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré, Parte II - Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 68.

<sup>130</sup> Santo Agostinho, *In Joannis Evangeliorum, Tractus n° LVIII*, PL 35, 1792-1795.

<sup>131</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré, Parte II - Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 61.

<sup>132</sup> Santo Agostinho, *In Joannis Evangeliorum, Tractus n° LVIII*, PL 35, 1792-1795.

isto que o Senhor espera dos seus discípulos. E é também importante que tenha sido o Senhor a instaurar tal gesto porque só com a sua ajuda conseguimos «desempenhar o ministério da caridade e da humildade; e o mesmo Senhor toma para si a missão de nos atender, e de nos purificar de toda a mancha dos pecados por Cristo e em Cristo, de modo que, o que perdoamos aos outros, isto é, o que desatamos na terra, seja desatado no céu.»<sup>133</sup>

Nesse sentido, podemos dizer que tudo culmina para o gesto de Jesus, bem como para o gesto que mais tarde todos os discípulos devem realizar também.

Lançando um olhar retrospectivo ao conjunto deste capítulo do lava-pés, podemos dizer que neste gesto de humildade, em que se torna visível a totalidade do serviço de Jesus na sua vida e na sua morte, o Senhor está diante de nós como o servo de Deus: como Aquele que por nós se fez servo, que carrega o nosso peso dando-nos assim a verdadeira pureza, a capacidade de nos aproximarmos de Deus.<sup>134</sup>

É este, no fundo, o significado do lava-pés: um Deus que se fez Homem e servo para carregar os nossos pecados, lavar-nos das nossas culpas e dar-nos a possibilidade de alcançar com Ele a vida eterna. Todo este caminho é feito para que Jesus possa demonstrar a glória que recebe e que irá receber do Pai porque vive e está em comunhão com Ele, para que, a partir da sua Paixão, Morte e Ressurreição possa resgatar a humanidade ferida pelo pecado para o seu Reino eterno. O gesto do lava-pés é, então, este prenúncio da Paixão que Jesus irá sofrer para alcançar a glória. Ao lavar-lhes os pés, Jesus demonstra a sua entrega na cruz que irá acontecer momentos mais tarde a fim de conseguir reunir todos na sua glória e consequentemente na glória do Pai. Existe, pois, «esta ligação entre o serviço humilde e a glória [*dóxa*] sendo ela o núcleo de toda a narrativa da Paixão em São João: é precisamente no abaixamento de Jesus, na sua humilhação até à cruz que transparece a glória de Deus, que é glorificado Deus-Pai e, n'Ele, Jesus.»<sup>135</sup> Cada discípulo é chamado a participar nesta glória de Deus a partir do gesto de abaixamento de Jesus. É este o caminho para alcançar a salvação: o serviço e a humildade ao outro a exemplo de Jesus que se entrega por cada um de nós.

---

<sup>133</sup> Santo Agostinho, in *Joannis Evangeliorum, Tractus n° LVIII*, PL 35, 1792-1795.

<sup>134</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré, Parte II - Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 69.

<sup>135</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré, Parte II - Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 69.

«Ora, se Eu, “o Senhor” e “o Mestre”, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros.» (Jo 13, 14). Podemos afirmar que esta é a premissa que nos faz entrar neste segundo capítulo. Ao longo do primeiro capítulo fomos aprofundando o texto de Jo 13, 1-20 onde o próprio João nos apresenta uma visão diferente da última Ceia, visto que nem Marcos nem Mateus nem sequer Lucas relatam desta forma os acontecimentos. Fruto desta novidade, João acaba por ser aquele que acrescenta algo mais ao simples relato: o lava-pés.

Este gesto desconcertante realizado por Jesus e colocado em escrito por João deixou de tal forma marcas nas comunidades cristãs primitivas que, de uma forma simples, mas bela, passou a ser reflexo de um acolhimento por parte das mesmas para com aqueles que queriam fazer parte da comunidade. Desde cedo este gesto de lavar os pés foi considerado um gesto de acolhimento e hospitalidade por parte daquele que o realizava. Jesus deixa esta conotação agarrada a um gesto e, portanto, as comunidades alicerçadas por este *mandatum* realizam aquilo que o Mestre lhes deixou.

Atualmente, a forma mais comum de se realizar este mandamento de Cristo é na Missa da Ceia do Senhor de Quinta-feira Santa, onde o bispo ou o padre depõem as suas vestes, colocam uma toalha à cintura e lavam os pés a doze pessoas. É na Quinta-feira Santa, onde todo o relato de Jo 13, 1-20 se realiza novamente e onde Cristo assume outra vez o papel de servo para lavar os pés aos seus discípulos. Assim, ao longo deste capítulo iremos, em primeiro lugar, considerar o espírito do Tríduo Pascal e olhar para a Quinta-feira Santa como porta de entrada para este grande acontecimento da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. De seguida olharemos para o rito do lava-pés e para o seu início nas comunidades cristãs bem como para o seu desenvolvimento ao longo dos séculos mais propriamente em relação à liturgia. Por fim, debruçar-nos-emos na própria liturgia da Missa da Ceia do Senhor a partir da reforma de Pio XII visto que «foi no ano de 1955, com a reforma de Pio XII, quando, pela primeira vez, se introduziu *ad libitum* este gesto dentro da missa, precisamente depois da homilia»<sup>136</sup> trazendo-nos até aos dias de hoje e à forma como é atualmente celebrado.

---

<sup>136</sup> Carmen Álvarez Alonso, «El Espíritu Santo en el Triduo Pascual. Aproximación pneumatológica a la eucología y a la celebración», *Revista Española de Teología* LXIX (2009): 235.

## 2.1. O Tríduo Pascal

Ao olharmos para a História das primeiras comunidades cristãs, não podemos colocar de lado a vivência deste tempo santo que rege toda a dinâmica da vida cristã. Desde muito cedo que «o Mistério pascal constitui o coração de todo o cristianismo e a celebração da Páscoa o centro de toda a liturgia cristã»<sup>137</sup>, e por isso, torna-se necessário olhar para o Tríduo como a maior celebração cristã vivida.

O Tríduo Pascal é, sem dúvida, o momento central e a chave para o cristianismo, visto que, em três dias se celebra a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo sendo este o grande acontecimento da História da Salvação, e por isso recordado ao longo dos séculos como forma de atualização e memória do único e perfeito gesto salvador do Messias. Tal gesto é recordado na Sexta-feira Santa, dia em que Jesus morre suspenso na cruz. A cruz é, de facto, o ápice da entrega voluntária de Cristo em prol da humanidade. É o culminar de uma vida doada em favor da fragilidade humana. Contudo, tal gesto grandioso não se resume apenas e só a este momento concreto da vida de Jesus. Aliás, poderemos dizer que desde sempre este gesto foi preparado pela Trindade, mas de modo mais especial nestes três dias santos. Na Quinta-feira Santa, Jesus entrega-se aos discípulos na forma de pão e de vinho; na Sexta-feira Santa, doa a Sua vida e morre na cruz; no Sábado Santo desce aos infernos e restaura a humanidade decaída, e na madrugada aparece como o Ressuscitado, Aquele que vence a morte. É a partir desta vivência que notamos que a «Morte e Ressurreição não são, portanto, duas realidades justapostas, nem dois valores autónomos, mas duas fases do mesmo e único mistério, intimamente ligadas entre si, de tal modo que a ressurreição nasce da morte, pelo poder de Deus, como vida brota do grão de trigo que morreu debaixo da terra (cf. Jo 12, 24)».<sup>138</sup>

De facto, todo o Tríduo é um mistério. Um mistério onde celebramos a morte total e a vida perfeita de Alguém que se faz homem e que restaura, do pecado e da morte, a vida de todos os seres humanos. Não deixa de ser um acontecimento histórico visível aos nossos olhos, mas é, principalmente, mistério porque concentra em si todo o momento da Salvação. Portanto, «estes são dias adequados para despertar em nós um desejo mais profundo de aderir a Cristo e de o seguir generosamente, conscientes de que Ele nos amou a ponto de dar a sua vida por nós.»<sup>139</sup> Partimos, portanto desta tomada de consciência de que Cristo deu a vida por nós, que celebramos anualmente a sua entrega e o culminar de uma vida doada. Inebriamo-nos neste

---

<sup>137</sup> José de Leão Cordeiro, «Os dois primeiros dias do Tríduo Pascal», *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1983, 44.

<sup>138</sup> José Ferreira, «A Páscoa e a sua celebração», *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1977, 11.

<sup>139</sup> Bento XVI, «Audiência Geral a 12 de abril de 2006» acedido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20060412.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060412.html).

mistério e vivemo-lo de forma intensa e verdadeira visto que «a realidade da Paixão e Ressurreição continuam a comunicar-se hoje àqueles que, na fé, participam nessas celebrações do mistério redentor.»<sup>140</sup> Fruto desta participação, todo o cristão entra no mistério e vive de um modo próprio o Mistério de Cristo.

A unicidade de todo o Tríduo é-nos apresentada desde o momento em que é o único Cristo que vive todos os dramas da Paixão e da Morte e conseqüentemente da Ressurreição. Porque o Cristo é só um, vivemos então uma única celebração prolongada temporalmente em três dias, aliás, como vemos nas várias orações que nos são apresentadas ao longo da liturgia.<sup>141</sup> Apesar de toda a vivência do dia em si, as orações apontam-nos sempre para a verdadeira vitória que Cristo irá realizar dias depois com a sua Ressurreição. Portanto, podemos dizer que toda a liturgia do Tríduo Pascal se orienta para a grande celebração da Vigília Pascal onde, solenemente se anuncia a Ressurreição de Cristo. É por causa disso que podemos afirmar que «da unidade do mistério pascal, depende também o sentido unitário da celebração do Tríduo Pascal. Este Tríduo é a mesma realidade da Páscoa do Senhor celebrada sacramentalmente em três dias, cujo centro de gravitação reside obviamente na Vigília Pascal com a celebração eucarística.»<sup>142</sup>

Celebramos então o Mistério Pascal, conscientes de que participamos na história da salvação, fiéis à tradição viva que recebe e transmite o mistério de Deus<sup>143</sup> e por isso convictos de que toda a celebração é importante para uma maior vivência cristã. Apoiamo-nos na liturgia visto que «a liturgia é a presença e a ação do Espírito Santo que atua e realiza o único sacerdócio de Cristo em ordem à obra da redenção. [...] A mesma celebração litúrgica é o *locus* por excelência da presença e ação do Espírito Santo, em ordem a atuar o único e sumo sacerdócio redentor de Cristo.»<sup>144</sup> Portanto, torna-se imprescindível assumirmos a necessidade de participar na liturgia de Cristo, na liturgia que Ele celebra enquanto sumo sacerdote da Nova

---

<sup>140</sup> Cordeiro, «Os dois primeiros dias do Tríduo Pascal», *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1983, 47.

<sup>141</sup> «Senhor Nosso Deus, que pela paixão de nosso Senhor Jesus Cristo, destruístes a morte, herança do antigo pecado transmitida a todo o género humano, fazei que, renovados à imagem do vosso Filho, assim como, pela nossa natureza, levamos a imagem do homem terrestre, levemos também, pela vossa graça, a imagem do homem celeste. Por Cristo nosso Senhor.»

«Deus todo-poderoso e eterno, que nos renovastes pela gloriosa morte e ressurreição de Cristo, confirmai em nós a obra da vossa misericórdia, a fim de que, pela comunhão deste mistério, Vos consagremos toda a nossa vida. Por Cristo nosso Senhor.»

Estas duas orações foram retiradas da Celebração da Paixão do Senhor. Como reparamos, ambas têm já um olhar proléptico acerca dos mistérios ali celebrados. Ainda que estejamos a celebrar a morte do Senhor, as orações apontam-nos invariavelmente para a ressurreição gloriosa do Senhor. *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis, 1970), tradução portuguesa: *Missal Romano* (Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022), 283, 306.

<sup>142</sup> Dionísio Borobio, *La Celebración en la Iglesia - Ritmos y tiempos de la Celebración*, 100.

<sup>143</sup> Cf. D. Júlio Tavares Rebimbas, «Reflectir e viver o Mistério Pascal», *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1982, 4.

<sup>144</sup> Alonso, «El Espíritu Santo en el Triduo Pascual. Aproximación pneumatológica a la eucología y a la celebración», 228.

Aliança. Toda a liturgia é então vista como uma memória que se atualiza sempre que celebrada e única porque o sacrifício de Cristo na cruz foi de uma vez para sempre. Portanto, «como a semente que germina e se desenvolve até atingir o porte de árvore carregada de frutos, o Mistério Pascal, realização do desígnio salvífico de Deus, está presente e atuante em todos os tempos e lugares, até que, em Cristo, Adão e a sua descendência esteja sentado à direita do Pai.»<sup>145</sup> Isto quer-nos dizer que, perante a liturgia atualizamos o mistério de Cristo até que todos estejam reunidos, mais uma vez, em torno do verdadeiro Salvador. Até lá, o Mistério Pascal deve ser vivido na sua plenitude conscientes que mais uma vez Cristo vai ao Calvário e se entrega pela humanidade decaída, até que n'Ele, toda a humanidade, começando por Adão, esteja reunida.

Assim, ao olharmos agora para o Tríduo Pascal devemos ter em conta que este é um todo indivisível onde a história da Salvação se completa com a história da Paixão<sup>146</sup> dando-lhe o significado pleno. Portanto, «a nossa oração, a nossa moral, a vida sobrenatural, os sacramentos, a própria Igreja, a sua missão e dinâmica “cristificante”, tem a sua origem e o seu aval de autenticidade na Páscoa-mistério.»<sup>147</sup> É a partir desta leitura da Páscoa como mistério de um Deus que morre na cruz para, de lá, nos dar a vida eterna que devemos viver todo o Tríduo Pascal, não como três dias separados temporalmente, mas como um só dia em que todo o mistério acontece e nós participamos ativamente nele.

Este grande dia começa então com a Quinta-feira Santa, que «até à hora de Vésperas é o último dia da Quaresma; com a missa da “Ceia do Senhor”, abre-se o tríduo pascal; assim o estabelece a reforma do missal e do ano litúrgico querida pelo Vaticano II».<sup>148</sup> Por isso mesmo,

não podemos perder de vista que esta eucaristia vespertina de Quinta-feira Santa, que se celebra na hora das primeiras vésperas do Tríduo Pascal, é como um pórtico dos mistérios que se vão celebrar nos três dias que se seguem. Tem, portanto, um carácter antecipatório: da mesma forma que Cristo antecipou ritualmente na Ceia, o que iria fazer historicamente na cruz, assim também nesta Eucaristia se antecipa o que será celebrado mais propriamente da Sexta-feira Santa ao Domingo de Páscoa. A liturgia de Quinta-feira Santa é assim como eucarística e sacerdotal, eminentemente pneumatológica, pois não há amor e caridade, em Cristo e nos cristãos, que não remontem à ação do Espírito Santo como seu verdadeiro princípio divino.<sup>149</sup>

---

<sup>145</sup> José Ferreira, «O Mistério Pascal no tempo da Igreja», *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1994, 144.

<sup>146</sup> Luís Ribeiro, «A Celebração da Páscoa ao longo dos Tempos», *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1983, 26-27.

<sup>147</sup> Juan Ordóñez Márquez, *Teología y Espiritualidad del Año Litúrgico* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1978), 275.

<sup>148</sup> Borobio, *La Celebración en la Iglesia - Ritmos y tiempos de la Celebración*, 109.

<sup>149</sup> Alonso, «El Espíritu Santo en el Tríduo Pascual. Aproximación pneumatológica a la eucología y a la celebración», 234.

Ao celebrarmos a «Ceia do Senhor» na Quinta-Feira Santa, celebramos, então, de uma forma como que antecipatória a entrega de Jesus na cruz, o prólogo daquela doação, a última preparação.<sup>150</sup> Aliás, é o que Ele mesmo faz quando se reúne com os discípulos «na noite em que Ele ia ser entregue»<sup>151</sup>. Aquela noite é a antecipação de toda a Paixão<sup>152</sup> de Sexta-feira, é o começo da entrega que só irá ter o seu termo no alto da cruz. Ao entrarmos de rampante nesta celebração, entramos na “hora” de Jesus. Naquele espaço de tempo onde vemos o Filho do Homem entregar-se voluntariamente aos seus discípulos em forma de pão e de vinho. Partimos, portanto, desta “hora” presente em São João logo no primeiro versículo do capítulo treze. Esta “hora” de Jesus, «hora máxima da sua vida, ponto culminante da história da revelação, e por isso mesmo da obra salvífica de Deus, esta «hora» é o ponto de chegada de uma vida, o ponto mais alto duma existência toda ela vivida como «passagem» de Si mesmo ao Pai no amor que n’Ele consagrou aos homens (cf. Fl 2, 1-11).»<sup>153</sup>

Assim, começamos o Tríduo Santo a fazer memória e a trilhar o caminho que os Apóstolos outrora fizeram com o Senhor<sup>154</sup>, «na ceia, Jesus Cristo entregará aos Apóstolos e à Igreja o seu próprio Corpo e Sangue, que realiza entre os fiéis a comunhão fraterna neste mundo e antecipa a comunhão dos santos no Reino dos céus.»<sup>155</sup> Esta comunhão fraterna fundamenta-se no momento da refeição onde o Senhor parte o pão e dá «aos seus discípulos dizendo: Tomai todos e comei.»<sup>156</sup> Portanto, o sinal primordial e aquele que nos leva a realizar este gesto é o sinal da refeição. É a partir da refeição que Jesus se dá aos discípulos e é a partir desta memória feita, que hoje Ele se continua a doar aos seus “Apóstolos” contemporâneos. A ceia não é uma memória longínqua, mas sim um atualizar daquela ceia que se torna presente e, de novo, atualizada com o próprio Senhor a entregar-se mais uma vez, sempre que se celebra esta “refeição”. Assim, torna-se presente o único sacrifício que o próprio Senhor ofereceu.<sup>157</sup> Celebramos, portanto, o sacrifício pascal do Senhor onde a Igreja, ao repeti-lo, continua a perpetuar a Páscoa, o rito eucarístico onde o Senhor se entrega.<sup>158</sup>

---

<sup>150</sup> Cf. João Paulo II «Homilia in *Coena Domini*,» 1979, acessido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19790412\\_cena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790412_cena-domini.html).

<sup>151</sup> Oração Eucarística III, *Missal Romano*, 670.

<sup>152</sup> Cf. José Ferreira, «A Páscoa e a sua celebração», *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1977, 9-10.

<sup>153</sup> António Maria Bessa Taipa, «O Mistério da Páscoa», *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1983, 12.

<sup>154</sup> Cf. Cordeiro, «Os dois primeiros dias do Tríduo Pascal», *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1983, 53.

<sup>155</sup> Cordeiro, «Os dois primeiros dias do Tríduo Pascal», *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1983, 55.

<sup>156</sup> Oração Eucarística II, *Missal Romano*, 661.

<sup>157</sup> Cf. Cordeiro, «Os dois primeiros dias do Tríduo Pascal», *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1983, 56.

<sup>158</sup> Cf. Borobio, *La Celebración en la Iglesia - Ritmos y tiempos de la Celebración*, 110.

A Eucaristia é, então, a celebração por excelência. Na Quinta-feira Santa, de um modo especial, a Eucaristia é o ponto central visto que é naquele dia que Jesus instituiu este mesmo sacramento. Precisamente por isso,

a Eucaristia é o sacramento da presença de Cristo, agora vivo na glória eterna do Pai, no nosso tempo, na nossa história, na nossa peregrinação terrena. [...] A Eucaristia é o sacramento que multiplica, que universaliza a presença e a ação de Jesus: assim como uma e a mesma palavra pode ser ouvida por muitos e adquirir eficácia lógica naqueles que a ouvem e compreendem, assim também o Senhor, por meio da Eucaristia, torna-se acessível a cada um daqueles que o acolhem sob este sinal.<sup>159</sup>

É esta acessibilidade que nos deve prender à Eucaristia. O Senhor está ali, presente e vivo, e foi de Sua livre vontade que Se quis tornar presente num pedaço de pão. A Eucaristia é então o ato livre do Senhor que se faz pão para continuar a estar presente no meio de nós e, portanto, contém esta dupla conotação: em primeiro lugar da parte de Jesus visto que, «duma maneira absolutamente consciente e livre, é na última ceia, com as palavras sobre o pão e sobre o cálice, que Jesus, antecipando-a de maneira sacramental, revela a sua morte em todo o seu alcance redentor, fazendo dela a sua verdadeira Páscoa, e nela a Páscoa do universo, da humanidade.»<sup>160</sup> E por outro em relação àqueles que celebram a Eucaristia e a vivem verdadeiramente sendo que «esta “memória” é assim um convite a agir como Jesus, ou melhor, pelo facto de Ele Se me dar em alimento, convida-me a agir como Ele agiu pela sua própria força que atua em mim. Celebrar a Eucaristia implica assim, pela sua própria natureza, viver o mesmo mistério celebrado; viver a doação e fidelidade total a Deus em Jesus Cristo.»<sup>161</sup> Portanto, viver a Eucaristia é viver a doação de Cristo ao extremo e entregarmo-nos tal como Ele se entregou. Este

dom sangrento que Cristo estava prestes a oferecer à humanidade em seu iminente sacrifício na cruz é reproduzido, multiplicado e perpetuado no dom idêntico, mas incruento, do Sacrifício Eucarístico. Impossível entender se não pensar no amor, que naquela noite inventou essa forma extraordinária de se comunicar. É-nos impossível acolher bem esta presença real imolada de Cristo na Eucaristia, que vamos celebrar, se não entrarmos naquela projeção de amor que Ele nos dirige; novamente São Paulo, que exclama: "Ele me amou e se entregou por mim" (Gal. 2, 20).<sup>162</sup>

A Eucaristia deve então ser vivida nesta forma de entrega desmedida tal como o próprio Senhor a viveu e a transmitiu. Ela é a figura de Cristo que se sacrifica por nós, para que, por

---

<sup>159</sup> Paulo VI «Homilias in Coena Domini» 1967, acedido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1967/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19670323.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1967/documents/hf_p-vi_hom_19670323.html).

<sup>160</sup> Taipa, «O Mistério da Páscoa», *Boletim da Pastoral Litúrgica*, 1983, 12.

<sup>161</sup> Taipa, «O Mistério da Páscoa», *Boletim da Pastoral Litúrgica*, 1983, 18.

<sup>162</sup> Paulo VI «Homilias in Coena Domini,» 1968, acedido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1968/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19680411.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1968/documents/hf_p-vi_hom_19680411.html).

meio dela, nos seja possível recordar a Sua Paixão e conseqüentemente participar no sacrifício que se realiza sobre o altar para receber a sua eficácia redentora.<sup>163</sup> Somos, portanto, convidados, não só a celebrar a Eucaristia para fazer memória de Jesus, mas, acima de tudo, com Ele sacrificarmo-nos a fim de recebermos a redenção. Portanto, podemos afirmar que «a eucaristia é o ponto privilegiado de encontro do amor de Cristo por nós; um amor que se põe à disposição de cada um de nós, um amor que se torna cordeiro imolado e alimento para a nossa fome de vida, um amor que se expressa na forma e na medida da sua autenticidade específica, elevada e exclusiva, isto é, um amor que tudo é dado.»<sup>164</sup>

Assim, toda a liturgia de Quinta-feira Santa é predominantemente uma liturgia eucarística e sacerdotal. Eucarística porque o próprio Senhor se torna alimento e se dá na forma de pão, e sacerdotal porque Ele mesmo, o único Sacerdote eterno «estabeleceu o carisma permanente do seu sacerdócio, feito sacramento estruturador de cada comunidade de crentes para perpetuar este mistério pascal por via sacramental na missão salvífica da Igreja.»<sup>165</sup> Além disso, é importante recordar que, além de ser a celebração da instituição da Eucaristia, na liturgia de Quinta-feira Santa é realizado ainda hoje o lava-pés, relatado apenas por João no seu Evangelho e que é recordado de uma forma significativa nesse mesmo dia. Podemos então reparar que

a liturgia convida-nos a contemplar Jesus a lavar os pés dos seus Apóstolos e a compreender através dele que o seu amor é um amor de serviço. Neste enquadramento e a esta hora, o ajoelhar de um bispo ou de um padre diante do seu irmão diz mais que um longo discurso. Valorizando este gesto a Igreja sublinha que a fraternidade concreta dos discípulos do Mestre é um mandamento, razão pela qual o rito foi outrora chamado «o mandamentum», o mandamento novo, sinal distintivo do cristão: “Todos vos reconhecerão por meus discípulos se vos amardes uns aos outros como Eu vos amei.” O mandamento novo é simplesmente uma imitação do amor de Cristo. Nessa perspectiva o lava-pés tem um alto poder de expressão pelo seu valor litúrgico e catequético.<sup>166</sup>

É este mandamento novo que nos propomos celebrar sempre que iniciamos cada Eucaristia. O mandamento do amor até ao extremo tal qual foi o amor que Jesus teve pelos seus. Este mandamento não ficou apenas e só em Jesus, mas continuou e continua presente em cada um dos seus discípulos. Por conseguinte, «a comunidade que celebra a Ceia do Senhor atualiza a Páscoa. A Eucaristia não é simples memória de um rito passado, mas a viva representação do

---

<sup>163</sup> Cf. Paulo VI «Homilias in Coena Domini,» 1967, acedido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1967/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19670323.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1967/documents/hf_p-vi_hom_19670323.html).

<sup>164</sup> Paulo VI «Homilias in Coena Domini,» 1973, acedido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1973/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19730419.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1973/documents/hf_p-vi_hom_19730419.html).

<sup>165</sup> Ordóñez Márquez, *Teologia y Espiritualidad del Año Litúrgico*, 279.

<sup>166</sup> Cordeiro, «Os dois primeiros dias do Tríduo Pascal», *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1983, 57.

gesto supremo do Salvador»<sup>167</sup>, gesto esse que dá significado a toda a liturgia. «Na história da Salvação, a Quinta-feira Santa, com a sua liturgia vespertina, significa todo o amor de Cristo feito testamento, sacrifício e sacramento, como cristalização permanente da Boa Nova e da sua substantiva imanência intraeclesial até à parusia.»<sup>168</sup> Reparámos que toda a história da salvação foi preparada para aquele momento concreto da História. É Cristo que, na liturgia de Quinta-feira Santa, volta a celebrar a Páscoa com os seus e torna a repetir, mais uma vez, aquelas palavras que fazem do pão e do vinho, o Seu Corpo e o Seu Sangue «antecipando [...] o sacrifício da sua vida: Ele antecipa esta sua morte, entrega livremente a sua vida, oferece o dom definitivo de si à humanidade.»<sup>169</sup>

Podemos concluir que toda a liturgia de Quinta-feira Santa é a abertura e o ponto de partida do grande Tríduo que vivenciamos e o início da entrega voluntária do Messias, ainda que de forma antecipatória. Na Quinta-feira Santa já vemos, ainda que ao longe, a entrega de Jesus na cruz, o momento do seu maior ato de amor em prol da humanidade. E vemos isso a partir da Eucaristia que, ao mesmo tempo, «é o Sacramento que perdura e se faz presente na sua profundidade e força original cada vez que “comemos deste pão e bebemos deste cálice” (cf. 1 Cor 11, 25-26).»<sup>170</sup> Deste modo,

a Quinta-feira Santa é, histórica e liturgicamente, a inauguração da liturgia propriamente cristã na história da salvação. Aqui a liturgia sagrada encontra plenamente união real com o divino fundador de um culto novo, dotado de um sacrifício novo e eterno. Feito inegável que nos apresenta Cristo como o eterno e único Sacerdote da Nova Lei e como o Liturgo por excelência, iniciando ritualmente o seu ministério transcendental.<sup>171</sup>

## 2.2. O Rito Litúrgico do Lava-Pés

Ao longo do Evangelho de João, vamo-nos dando conta de que o tema do renascimento a partir da água, da água-viva, do novo nascimento, são expressões como que recorrentes e que recebem neste mesmo Evangelho alguma atenção. Recordamos, de entre muitos, o episódio de Nicodemos onde Jesus o convida a nascer de novo (cf. Jo 3, 1-21), o episódio no poço com a

---

<sup>167</sup> João Paulo II «Homilias in Coena Domini,» 2001, acedido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2001/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20010412\\_coena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2001/documents/hf_jp-ii_hom_20010412_coena-domini.html).

<sup>168</sup> Ordóñez Márquez, *Teologia y Espiritualidad del Año Litúrgico*, 279.

<sup>169</sup> Bento XVI «Audiência Geral de 04 de abril de 2007», acedido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20070404.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070404.html).

<sup>170</sup> João Paulo II «Homilias in Coena Domini,» 1991, acedido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/homilies/1991/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19910328\\_cena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/homilies/1991/documents/hf_jp-ii_hom_19910328_cena-domini.html).

<sup>171</sup> Ordóñez Márquez, *Teologia y Espiritualidad del Año Litúrgico*, 281.

samaritana onde lhe é prometida a água-viva (cf. Jo 4, 1-42) e ainda o episódio em que Maria lava os pés de Jesus e os enxuga com os cabelos (cf. Jo 12, 3-8). Em todos estes episódios, a água é um elemento central onde a ideia de uma nova vida acaba sempre por se evidenciar. Por isso mesmo, não é de estranhar que, no momento mais significativo da vida de Jesus (a Sua Paixão e Morte), o tema da água seja retomado. Conseguimos perceber isso logo no momento do lava-pés (cf. Jo 13, 1-20) e também no momento da cruz onde sai do corpo do Senhor sangue e água (cf. Jo 19, 34). Portanto, todas estas leituras sobre a água culminam no lado aberto de Cristo na cruz, onde d'Ele brota a verdadeira água-viva que dá a vida verdadeira àqueles que a buscam. É a partir do lado aberto que é possível ler todos os episódios à luz desta entrega de Cristo donde sai a água que dá a vida eterna e que faz com que todos renasçam. Por isso, «tudo isso significa que, quando João afirma que o batismo consiste em renascer da água e do Espírito, podemos legitimamente acreditar que ele tinha em mente, como implicação óbvia, também o terceiro elemento, o sangue de Cristo, o único que permite a transmissão do Espírito do Messias na água do batismo.»<sup>172</sup>

Por conseguinte, existem aqui dois pontos que, tanto para João como posteriormente para a sua comunidade, têm bastante influência no modo como olham para a inserção no cristianismo: o lava-pés e a água derramada na cruz. São dois pontos importantes porque nos levam a contemplar o lava-pés como um prelúdio da cruz sendo que a água derramada nos pés dos discípulos é uma antecipação da água derramada na cruz, sinal de vida eterna. É através da água que, por um lado os discípulos, libertos do pecado, ficam aptos para a proclamação do Reino e é pela água derramada na cruz por Cristo que nasce a Igreja. Assim sendo,

a lógica interna do discurso de João leva-nos antes a crer que o lava-pés se situa no início dos capítulos pascais do Evangelho precisamente porque prefigura a história da humilhação do Messias na cruz de onde sairá aquela água salvífica misturada com sangue, veículo do Espírito purificador, o único que pode permitir aos discípulos entrar no Reino (19, 34).<sup>173</sup>

É mediante esta água que é possível entrar no Reino, porque através dela toda a humanidade é purificada. «Através do lava-pés dos apóstolos, ação já prefigurada por Isaías e realizada no episódio narrado pelo evangelista João, Jesus purificou de facto aquela parte da humanidade que no final dos tempos é chamada a herdar o Reino de Deus.»<sup>174</sup> O que nos faz crer que, em certo sentido, toda a comunidade, pelo menos a joanina, olhava para o lava-pés como um ritual introdutório, visto que foi precisamente a partir da água que o próprio Jesus instituiu a Sua Igreja. Podemos então afirmar que o batismo muito provavelmente era celebrado

---

<sup>172</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 18.

<sup>173</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 30.

<sup>174</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 38.

a partir do lava-pés em memória do batismo que os apóstolos receberam na última ceia como prelúdio dos acontecimentos da Paixão.<sup>175</sup>

Um dos primeiros testemunhos que temos em relação a este modo de batizar a partir do lava-pés é precisamente de Ireneu de Lyon no século II onde o próprio utiliza o lava-pés como modo de demonstrar que Jesus realizou este gesto para a purificação aos seus discípulos dando início à comunidade cristã.<sup>176</sup> Não é de estranhar que Ireneu relate o lava-pés como um ritual de iniciação seguindo a linha joanina visto que, naquilo que toca ao testemunho, Ireneu ouve Policarpo que, por sua vez, ouve João. Isto leva-nos a afirmar que Ireneu vem de uma tradição quatordecimana (a Páscoa é celebrada no 14 de Nisan), com isso, o próprio e toda a comunidade joanina na Ásia utiliza o rito do lava-pés como rito batismal baseando-se na passagem em que Jesus afirma que para tomar parte com Ele precisam de se purificar. (A salvação já aconteceu na cruz com o derramamento de sangue e água – momento central – e por isso o lava-pés é visto como uma iniciação cristã confiada aos apóstolos e posteriormente aos seus discípulos.)<sup>177</sup> Assim, poderemos afirmar que «o batismo não era celebrado na forma de imersão total do corpo nem de infusão de água sobre o candidato, [...] mas pelo lava-pés que o celebrante, repetindo o gesto institucional de Jesus na última ceia, emprestava ao neófito que obtinha todos os efeitos santificantes e purificadores próprios do banho ou ablução batismal.»<sup>178</sup>

Além de Ireneu de Lyon, também Efrém e Afraates (séc. IV) partilham desta leitura batismal do lava-pés ainda que de forma um pouco diferente. Se em Ireneu de Lyon partíamos de uma leitura mais alicerçada no ritual de iniciação, para Efrém e para Afraates, partimos em primeiro lugar do sentido em que «o lava-pés contém o poder de apagar os pecados e purificar as almas.»<sup>179</sup> Já não se trata meramente de um ritual iniciático, mas sim de um ritual de purificação capaz de perdoar os pecados e purificar as almas. Contudo, não deixa de ter esta leitura de iniciação à vida nova da graça a partir do prelúdio da Sua Paixão e Morte<sup>180</sup>, porém,

---

<sup>175</sup> Cf. Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 27.

<sup>176</sup> «In novissimis autem temporibus, cum venit plenitudo temporis libertatis, ipsum Verbum per semet ipsum sordes abluit filiarum Sion, manibus suis lavans pedes discipulorum. Hic est enim finis humani generis heredificantis Deum, uti, quemadmodum in initio per primos omnes in servitute redacti sumus debito mortis, sic in ultimo per novissimos omnes qui ab initio discipuli, emundati et abluti quae sunt mortis, in vitam veniant Dei: qui enim pedes lavit discipulorum totum sanctificavit corpus et in emundationem adduxit.» Ireneu de Lyon, *Adversus Haereses*, 22, 1, SCh 100, 684; 686.

<sup>177</sup> Cf. Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 41-48.

<sup>178</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 57.

<sup>179</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 65.

<sup>180</sup> «Notre Seigneur a lave les pieds de ses disciples, la nuit de la pâque, en mystère du baptême. [...] Car tant qu'il allait et venait avec ses disciples, il y avait le baptême de la Loi dont les prêtres baptisaient, le baptême dont parle Jean: *Convertissez-vous de vos péchés*.

Mais en cette nuit-là il leur montra le mystère du baptême, qui est la passion de sa mort, comme le dit l'Apôtre: *Nous avons été enterrés avec lui par le baptême pour la mort, et nous ressusciterons avec lui par la Dieu*. [...] C'est après qu'il le eut lave les pieds qu'il se mit à table et leur donna son corps et son sang.» Afraates, *Les Exposés*, XII, 10, SCh 359, 582; 584.

veem no batismo por imersão o modo mais perfeito de batizar olhando para Jesus no rio Jordão. Tal como Ireneu, tanto Efrém como Afraates vêm duma linhagem quatordecimana, contudo conseguem fazer a distinção entre os ritos de iniciação. Por isso, aderem à cronologia sinóptica.<sup>181</sup> Por fim, e no que toca ao olhar sobre as comunidades cristãs orientais, importa ainda referir que é no séc. V com o Lecionário Siríaco que são apresentadas três leituras bíblicas para a Vigília Pascal: o Salmo 50 e Heb 10, 19-39, duas leituras marcadamente batismais e, logo de seguida, Jo 13, 3-16, a perícopé do lava-pés.<sup>182</sup> Coloca-se então a questão de que é possível vislumbrar já neste lecionário um traço ainda que não muito marcante de um batismo já na vigília pascal, mas em concordância com o ritual do lava-pés.

Assim, ao analisarmos as fontes siríacas dos primeiros séculos, podemos deduzir que

a interpretação batismal do lava-pés não é acompanhada de nenhum rito específico dentro da liturgia de iniciação, como parece ter sido praticado naqueles ambientes e naquela época. O que as fontes siríacas analisadas nos permitem vislumbrar é um batismo do tipo Mateus que, no entanto, deixa grande espaço para uma interpretação teológica do tipo joanino através da referência pontual à história do lava-pés.<sup>183</sup>

Passamos agora para o Ocidente onde o rito do lava-pés também encontrou várias mudanças a nível ritual e a nível explicativo. Um dos primeiros escritos acerca deste tema no Ocidente pertence a Cromácio de Aquileia, bispo de 388 a 407/8. Cromácio parte, tal como vimos anteriormente em Efrém e Afraates de assumir o ritual do lava-pés também como purificação e redenção. Porém, e mediante um sermão proferido, podemos ver que Cromácio irá transmitir outra ideia acerca do lava-pés. Este quer que aqueles que o escutam entendam que «o mistério da redenção de Cristo está em operação no lava-pés, um mistério que, surgindo do sacrifício da cruz, é comunicado no banho batismal: o rito da lavagem dos pés em si encerra e prefigura a ação totalmente purificadora do batismo, na qual o catecúmeno fica completamente liberto de todos os vestígios que o pecado de Adão deixou nele.»<sup>184</sup>

Mediante esta explicação de Cromácio, em Aquileia foi introduzida uma nova forma de apresentar o rito do lava-pés: «O lava-pés foi incluído na realização dos ritos pré-batismais como introdução imediata ao banho propriamente dito, cuja eficácia sacramental [...] já estava inteiramente prefigurada e antecipada precisamente neste rito celebrado pelo bispo, rito ao qual o catecúmeno tinha de se submeter antes da imersão.»<sup>185</sup> Isto quer dizer que, utilizando a forma

<sup>181</sup> Cf. Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 66.

<sup>182</sup> Cf. Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 72-73.

<sup>183</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 77.

<sup>184</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 89.

Esta é a ideia retirada do sermão XV de Cromácio de Aquileia sobre o lava-pés (Sch 154, 246-258).

<sup>185</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 95.

batismal por imersão vinda de Efrém e Afraates, em Aquileia, a esta, juntou-se o ritual do lava-pés. Assim, após o ritual do lava-pés que simbolizava a purificação dos pecados, o catecúmeno era inserido na comunidade cristã a partir do ritual do batismo realizado por imersão.

De Cromácio, passamos para Ambrósio de Milão, arcebispo de Milão no séc. IV. Para Ambrósio, o lava-pés é visto como aquele que apaga a antiga mancha, o antigo contágio do pecado. Portanto, aquele que recebe o lava-pés durante a liturgia batismal deve ter muito cuidado para não poluir os passos espirituais.<sup>186</sup> O que Ambrósio quer dizer com “passos espirituais”? Ora, tal como no batismo, incorporados na Igreja de Cristo, imersos na água que dá a vida, pelo lava-pés somos limpos do pecado de Adão, do pecado original que nos afastava de Deus. Assim, «quando Ambrósio convida aqueles que lavaram os pés na única vez permitida, isto é, na *aeterni fontis inrigo*, e que os purificou no *mysterii sacramento*, a não cometerem mais pecados, ele não faz mais do que uso de locuções técnicas da linguagem batismal.»<sup>187</sup> Portanto, em Milão, no séc. IV, já estava mais do que difundida a ideia do rito batismal na Vigília Pascal. O rito do lava-pés foi então introduzido como um rito pós-batismal.<sup>188</sup>

Com isto, reparamos então que Ambrósio de Milão defende ambos os ritos e utiliza os dois para demonstrar essa concordância entre ambos.

Para ele, a imersão batismal, por si só, ainda não constitui a plenitude da purificação: depois da imersão, e como sua conclusão, ainda é necessário um suplemento de santificação que só o lava-pés pode conferir em virtude de seu valor especial atribuído pelo próprio Jesus na famosa resposta dada a Pedro: «Se não te lavar os pés, não terás parte comigo.» (Jo 13, 8)<sup>189</sup>

O lava-pés torna-se então como parte integrante e fundamental do rito do batismo. Já não é visto como uma alternativa, nem mesmo como a única e a verdadeira forma de batizar os catecúmenos. No séc. IV dá-se então a união dos dois ritos realçando a beleza e a concordância que ambos conseguem manter na liturgia. Tal união era fácil de se manter, visto que, tanto o ritual do batismo como o ritual do lava-pés serviam para coisas e momentos diferentes da caminhada do catecúmeno ainda que vividos quase em simultâneo. Para Ambrósio, «o lava-pés é uma ação eminentemente sacramental, e tão integrada na liturgia batismal que tem principalmente a função de purificar os neófitos da mancha do pecado original, do veneno da

---

<sup>186</sup> «Qui lavit igitur pedes, non necesse habet iterum lavare, et ideo caveat ne inquinat eos. Et bene sancta Ecclesia dicit: “Lavi pedes meos.” Non dicit: quomodo iterum lavabo eos, sed quomodo iterum inquinabo eos, quasi oblita maculae veteris, oblita contagii. Admonet igitur in ministerio corporali quemadmodum spiritale debeamus actuum nostrorum diluere vestigium. Itaque pedes cum semel lavaritis aeterni fontis inrigo et mysterii mundaveris sacramento, cave ne iterum corporeae cupiditatis illuvie lutulentique actus terrenis sordibus inquinentur.» *De virginitate* 10, 58 PL 16, 294-295.

<sup>187</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 105.

<sup>188</sup> Cf. Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 108-109.

<sup>189</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 110.

serpente.»<sup>190</sup> O batismo limpa então da culpa do pecado de Adão e é eficaz por isso mesmo. Contudo, o modo perfeito só é alcançado depois do lava-pés porque foi onde a serpente mordeu Adão e onde lhe passou todo o veneno do pecado. Considera-o, portanto, «um ato purificador por excelência dentro do ritual do batismo.»<sup>191</sup> Assim sendo, «este é o significado salvífico que Ambrósio atribui mais uma vez ao lava-pés: a anulação, a abolição do pecado que o homem traz consigo como herança que lhe foi transmitida por Adão.»<sup>192</sup>

Depois de Ambrósio, Santo Agostinho veio dar uma nova visão acerca do lava-pés. Este mesmo santo «sempre esteve convencido de que o lava-pés deveria ser considerado algo profundamente diferente do batismo, o sacramento da purificação e regeneração. As interpretações que ele desenvolve para explicar a natureza e a função do rito do lava-pés vão em direção totalmente oposta à sua teologia batismal.»<sup>193</sup> Para Agostinho, o ritual do lava-pés pouco ou nada tem a ver com toda a teologia batismal que o próprio desenvolvera. O lava-pés deve, portanto, apenas e só demonstrar a humildade do Filho de Deus perante a humanidade e consequentemente dar o exemplo para que os discípulos façam também. Assim,

naturalmente, o exemplo de humildade que Jesus deu ao lavar os pés dos apóstolos na última ceia está radicado num ato total de auto-humildade do Filho de Deus que vai desde o rebaixamento da encarnação até a morte na cruz. Agostinho desenvolve esta teologia da humilhação de Cristo que fundamenta a virtude cristã da humildade a partir da perícopa joanina do lava-pés no *Tractus* sobre o Quarto Evangelho. Nesta perspectiva teológica, cada ato e gesto de Jesus adquire uma dimensão histórico-salvífica universal que faz do episódio do lava-pés um concentrado de toda a obra da redenção.<sup>194</sup>

Como vimos, Santo Agostinho veio modificar um pouco daquilo que nos fomos apercebendo até então acerca do lava-pés. E esta mudança foi de tal forma marcante que, a partir desse mesmo séc. V o ato de humildade de Jesus praticado na última ceia foi-se tornando cada vez mais vivo no seio das comunidades. Exemplo disso é um Mosteiro na Palestina onde

o serviço da comunidade monástica é estruturado de acordo com ciclos semanais que terminam no domingo à noite. Após o jantar do domingo à noite, os servos que terminaram o turno de trabalho semanal, em reunião geral dos irmãos que se reúnem para cantar os salmos antes de ir para o descanso, lavam os pés de todos segundo a ordem estabelecida; pedem que a oração geral e comum dos irmãos, como bendita recompensa pelo trabalho realizado na semana de encerramento, os acompanhe no serviço do lava-pés em que se realiza o *mandatum Christi* (cf. Jo 13, 14,34).<sup>195</sup>

---

<sup>190</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 118.

<sup>191</sup> Alonso, «El Espíritu Santo en el Triduo Pascual. Aproximación pneumatológica a la eucología y a la celebración», 236.

<sup>192</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 110.

<sup>193</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 145.

<sup>194</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 146.

<sup>195</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 150-151.

Esta introdução do ritual do lava-pés nos mosteiros foi cada vez mais acentuada e, prova disso, é São Bento com a sua *Regra* que remonta a meados do séc. VI. Nela podemos reparar que «os *septimanarii coquinae*, ou seja, os servidores do mosteiro, no final do serviço semanal, [...] devem lavar os pés de todos os confrades, enquanto aqueles que assumem o serviço da nova semana devem enxugá-los.»<sup>196</sup> Mais uma vez: o ritual do lava-pés começou a ser muito difundido entre os mosteiros tornando-se parte integrante e fundamental da semana dos monges. A prática da humildade de Jesus e o seu exemplo foi levado ao extremo agora num sentido positivo onde cada um se colocava no lugar do Mestre e lavava os pés aos seus irmãos. Portanto, «lavar os pés dos irmãos é considerado uma das três coisas mais honrosas para os monges, junto com a partilha dos sacramentos e a mesa comum, segundo o relato anónimo da *Vitae Patrum*.»<sup>197</sup>

Em suma, toda esta visão do antigo monaquismo, tanto oriental como ocidental, converge para um acentuar da prática do lava-pés recordando a humildade praticada pelo Mestre no momento da última ceia. Além disso, o facto de ser colocada nas regras monásticas (mais propriamente na regra beneditina) faz com que todos os monges sejam fiéis àquilo que professam e seguem escrupulosamente. Neste sentido, «toda a comunidade monástica, unida ao seu abade, deve lavar os pés dos hóspedes do mosteiro e, sobretudo, os pés dos pobres e dos peregrinos, porque neles se dá a hospitalidade a Cristo.»<sup>198</sup>

Com esta mudança de paradigma e de visão em relação ao lava-pés, passamos de uma leitura batismal para uma leitura mais no sentido de virtude onde a humildade encontra a sua expressão mais completa. O lava-pés acaba assim por perder qualquer vínculo teológico com a liturgia batismal e pós-batismal e com o próprio sacramento em si.<sup>199</sup> Contudo, ainda foi possível encontrar na liturgia galicana dos séculos VII/VIII, missais (como o *Missale Bobbiense*, *Missale Gothicum* e *Missale Gallicanum Vetus*) com ritos litúrgicos incluindo o lava-pés num rito pós-batismal<sup>200</sup>, o que nos faz afirmar que «o rito pós-batismal ainda sobrevive, mas reinterpretado no sentido de um mero ato de humildade cuja repetição é confiada

---

<sup>196</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 151.

«Egressurus de septimana, sabbato munditias facit: lintea cum quibus sibi fratres manus ac pedes tergunt, lavent. Pedes vero tam ipse qui egreditur quam ille qui intraturus est omnibus lavent.» *Regula* 35, 7-9, (Sch 182, 566).

<sup>197</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 153.

<sup>198</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 154.

<sup>199</sup> Cf. Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 165.

<sup>200</sup> Cf. Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 163-164, in E.A Lowe, *The Bobbio Missal. A Gallican Mass-Book* (HBS 58), (Londres, 1920); L. C Mohlberg, *Missale Gothicum* (*Vat. Reg. Lat. 317*), (*Rerum Ecclesiasticarum Documenta, Series Maior, Fontes V*), (Roma, 1961); L. C. Mohlberg-L. Eizenhofer-P. Siffrin, *Missale Gallicanum Vetus* (Cod. Vat. Palat. lat. 493) (*Rerum Ecclesiasticarum Documenta, Series Maior, Fontes III*), (Roma, 1958).

ao compromisso assumido oficialmente pelo neófito (ou pelos seus padrinhos, se fosse uma criança) no próprio momento do batismo.»<sup>201</sup>

Portanto,

o que agora aparece totalmente modificado em relação aos modelos anteriores é a interpretação teológica do rito: o valor estritamente batismal do lava-pés, que ainda o tornava um rito purificador do pecado original e da concupiscência, desapareceu totalmente para dar lugar a, sem concessões nem mediações, à nova interpretação que nela capta apenas o gesto de humildade, do Senhor que foi o primeiro a dar o exemplo, e depois do bispo celebrante que, por sua vez, ao realizar esta ação litúrgica durante a iniciação também dá o exemplo, não só isso, mas convida os neófitos a repeti-lo por toda a sua vida futura para os hóspedes e peregrinos e, o que custa mais a um cristão aristocrático, do que a qualquer cristão pobre e desprezível, sem ter vergonha deste dever servir.<sup>202</sup>

Além desta nova forma de utilização do ritual do lava-pés, apareceu por volta do séc. VI, anterior à Regra de São Bento, a *Regula Magistri* onde também se descreve mais uma forma de praticar o lava-pés ainda que com bastantes semelhanças àquilo que fomos aferindo onde se destaca que «os *eudomadarii* devem lavar os pés do abade e de todos os superiores da comunidade, depois do próprio abade que foi o primeiro a dar exemplo de humildade lavando os pés dos porteiros e depois dos superiores por sua vez lavarem e secarem os pés dos irmãos, cada um pela dezena que lhe é devida.»<sup>203</sup>

Consequência de toda esta nova leitura do ritual do lava-pés, onde o contributo de Santo Agostinho foi deveras essencial, começa-se a desenhar uma nova liturgia em redor do lava-pés. A prova disso é que além deste ritual ser instaurado em todos os mosteiros, foi também inicializado na celebração litúrgica de Quinta-feira Santa, visto que foi nesse mesmo dia da instituição da Eucaristia que o Senhor lavou também os pés aos Apóstolos. Assim, «a primeira vez em sentido absoluto, em que encontramos a menção da existência do rito do lava-pés no âmbito da liturgia da catedral hagiopolitana da Quinta-feira Santa, é no *Kanonarion* georgiano editado por Tarnischvili, que reproduz costumes certamente datáveis no séc. VII/VIII, mas que facilmente poderia remontar aos últimos anos do séc. VI.»<sup>204</sup> Também na liturgia bizantina este rito foi instituído nas últimas décadas do séc. VIII onde se descreve um «rito bastante simples, ainda livre de todas as amplificações posteriores: além do serviço litúrgico, contém três orações, uma para quem se vai lavar, uma para a santificação da água (essas duas orações

---

<sup>201</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 170.

<sup>202</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 171-172.

<sup>203</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 174.

<sup>204</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 200.

precedem a realização do próprio rito que é acompanhado pela leitura do Evangelho) e uma oração após a celebração do lava-pés.»<sup>205</sup>

Também no lado Ocidental da Igreja, o rito do lava-pés foi ganhando cada vez mais consistência através da liturgia romano-visigótica. «A primeira menção ocidental de um rito de lava-pés na liturgia da catedral na Quinta-feira Santa está contida no 3º cânone<sup>206</sup> do XVII Concílio de Toledo em 694, o último Concílio realizado na Espanha romano-visigótica antes da invasão árabe de 711.»<sup>207</sup> O rito em si era realizado no átrio da igreja catedral, depois de todas as pessoas terem saído: o bispo lavava os pés ao seu clero e o arquipresbítero secava logo a seguir.<sup>208</sup> Reparámos então que o rito do lava-pés, muito por influência monástica, ficava apenas e só reservado ao clero da Igreja. Portanto, em suma,

estamos perante uma cerimónia cuja origem se deve explicar pela difusão que no Ocidente dos séculos VII/VIII houve por diversos motivos litúrgicos de origem bizantina e oriental em geral. Segundo a nossa reconstituição, o rito do lava-pés na Quinta-Feira Santa, longe de constituir um resultado específico dos costumes monásticos ocidentais, teve origem na liturgia de Jerusalém do final do século V e posteriormente estendeu-se aos extremos ocidentais do Mediterrâneo através das regiões mais ou menos acentuadas da liturgia bizantina, o que não exclui influências diretas de Jerusalém sobre o mundo cristão da época.<sup>209</sup>

Além deste aparecimento do rito do lava-pés na liturgia romano-visigótica, este rito estendeu-se posteriormente para a liturgia papal de Latrão. Esta introdução do lava-pés no contexto da missa papal de Latrão acontece entre 650 e 740 numa grande mudança na liturgia

---

<sup>205</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 203.

<sup>206</sup> «Caelibe satis ratumque Deo cernitur mysterium, si eius exempla sequentes imitatores ipsius esse studeant christicolae mentes, dicente Domino: “Qui mihi ministrar me sequatur”. Quocirca si Dominus redemptorque noster discipulorum non dedignatus est alluvione aquae ablui pedes, protestante evangelista: “Surgens Iesus a coena et ponens vestimenta nus magister vester, et vos debetis alter alterius lavare pedes” (Io. 13, 4.14); cur nos pie actionis exhibitione imbuti exemplorum eius non simus devotissimi sectatores? Denique corruscante sanctaer operationis exemplo, partim desidia, partim consuetudine in quibusdam ecclesiis in Coena Domini litione (meglio di *ablutione* scieto da Mansi XII, 97 e Malvy) pedes fratrum a sacerdotibus non lavantur, nichil (aliud) obtendentes nisi solam traditionis consuetudinem, cum veritas obiurgans dicat: “Quare vos transgredimini mandatum Dei propter traditionem vestram?”; itemque praecellentissimus doctor et invictissimus martyr Cyprianus prosequens ait: “Frustra qui ratione vincuntur consuetudinem nobis opponunt, quasi consuetudo maior sit veritate, aut non id sit spiritualibus sequendum quod in melius fuerit a Sancto Spiritu revelatum. Ideoque dum veritatis exemplum luce clarius enitescat et obiurgationis eius terribilia edicta praefulgeant, atque etiam doctoris praecipui sententia instruat miorem esse veritatem consuetudine, incassum nobis consuetudinem sine ratione obiciunt. Nam licet eadem oblutio pedum omni tempore ut fiat expeditibile habeatur, tamen necesse est ut specialius in eodem die quo a Christo gestum est omnimode observetur. Poinde haec sancta synodus decernit atque instituit, ut deinceps non aliter per totius Spaniae el Galliarum ecclesias eadem sollempnitas celebretur, nisi pedes unusquisque pontificum seu sacerdotum secundum hoc sacrosanctum exemplum suorum lavare studeat subditorum. Quod si quisquam sacerdotum hoc nostrum distulerit adimplere decretum, duorum mensium spatiis sese noverit a sanctae communionis perceptione frustratum.» Terceiro Cânone do XVII Concílio de Toledo de 694 retirado da nota de rodapé nº31 de Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 205-206.

<sup>207</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 205.

<sup>208</sup> Cf. Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 207.

<sup>209</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 208.

da Quinta-feira Santa em que «ao lado da tradicional penitência pública e a consagração dos óleos que servirão para a administração do batismo na vigília pascal do sábado seguinte, aparece também pela primeira vez o lava-pés que provocará a duplicação da leitura de Jo 13»<sup>210</sup>

Já na época medieval, por volta do séc. XIII instituiu-se um «segundo lava-pés, fora da liturgia: na tarde de Quinta-Feira Santa, o Papa lavava e beijava os pés a treze pobres, a quem todos os dias oferecia comida numa dependência do palácio apostólico.»<sup>211</sup> Portanto, além do lava-pés realizado dentro da celebração de Quinta-feira Santa aos clérigos, instituiu-se primeiramente em Roma a tradição do Papa lavar os pés a pobres. Podemos verificar isso «através do testemunho do *Pontifical de Guilherme Durando*, que, pelos finais do séc. XIII, ambos os lava-pés tinham adquirido grande significado litúrgico.»<sup>212</sup> Ao longo dos tempos, e por volta do séc. XV desaparece o primeiro ritual do lava-pés e mantém-se apenas o dos treze pobres, aparecendo no *Cerimonial dos Bispos de Clemente VIII*, publicado em 1600.<sup>213</sup> Contudo, por volta do séc. XVI assistimos «à volta do primeiro «Mandato» nos missais romanos de 1570 [feito a seguir à desnudação do altar, no final da missa] e de 1970 [no final da homilia da missa].»<sup>214</sup>

Atualmente, com o pontificado do Papa Francisco, reparamos que o lava-pés (até então realizados nas basílicas vaticanas), deu um “salto” geográfico e territorial. Desde 2013 que o sucessor de Pedro tem escolhido as periferias para celebrar a Missa da Ceia do Senhor e, conseqüentemente, realizar o gesto do lava-pés. Para muitos, esta atitude do Papa pode parecer desconcertante, mas a verdade é que este gesto tem o sabor da proximidade para sensibilizar a sociedade e todas as instâncias políticas, e com a intenção de orientar as consciências para uma aproximação mais concreta daqueles que são desfavorecidos.

Este marco no seu pontificado, mostra, antes de mais, que Francisco está atento às periferias e às situações que muitos possam descartar. Além disso, realizar este gesto no meio de prisões e de pobres, é demonstrar que a Igreja é principalmente pobre para os pobres. É nos mais desfavorecidos que encontramos, de modo mais perfeito, a verdadeira Igreja de Cristo. O rito do lava-pés é precisamente este assinalar de que a Igreja pobre sofre com os pobres e está atenta a eles. É este o ponto central da presença do Papa em prisões e nas periferias: mostrar

---

<sup>210</sup> Franco Beatrice, *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, 215.

<sup>211</sup> Joaquim Félix de Carvalho, «Liturgia da Semana Santa de Braga: textos e ritos», *Theologica*, 1, 53, n.º 1/2 (2018): 109.

<sup>212</sup> Carvalho, «Liturgia da Semana Santa de Braga: textos e ritos», 109.

<sup>213</sup> Cf. Carvalho, «Liturgia da Semana Santa de Braga: textos e ritos», 109.

<sup>214</sup> Carvalho, «Liturgia da Semana Santa de Braga: textos e ritos», 109.

que a Igreja está atenta aos pobres e quer cuidar deles tal como Cristo cuida dos seus discípulos, lavando-lhes os pés e acolhendo-os tal como são, porque não deixam de ser Igreja de Cristo.

Assim, podemos verificar que, ao longo dos séculos da Igreja, o ritual do lava-pés na liturgia foi sofrendo inúmeras alterações: primeiro, em relação à sua interpretação, passando de um ritual de batismo para uma memória da humildade de Jesus para com os seus Apóstolos. Depois da sua colocação em termos litúrgicos ou no final da missa, ou depois da homilia ou até no ato penitencial.<sup>215</sup> Verificamos então que o ritual do lava-pés «é um dos ritos mais antigos e mais universais da Igreja: rito de hospitalidade praticado pelos cristãos dos primeiros séculos e, depois, pelos padres do deserto, propagou-se durante a Idade Média nos mosteiros e entrou igualmente na liturgia chegando até aos nossos dias.»<sup>216</sup>

### 2.3. Rito do lava-pés na Missa da Ceia do Senhor

Como já fomos vendo ao longo da nossa reflexão acerca do lava-pés, este com a «liturgia romana reformada pelo Vaticano II, realiza-se depois da homilia, na missa vespertina de Quinta-feira Santa, “*ubi ratio pastoralis id suadeat*”.»<sup>217</sup>

Toda a liturgia deste dia gira em torno desta total entrega do Senhor no momento da última ceia e, portanto, com o lava-pés a liturgia fica ainda mais reforçada desta humildade do Senhor perante os seus que «amou até ao fim.» (cf. Jo 13, 1) Vivemos então nesta celebração litúrgica dois momentos importantes: a instituição da Eucaristia e o *mandatum* do lava-pés.

Em primeiro lugar olhemos para o ritual do lava-pés: o rito começa depois da homilia, onde razões pastorais o aconselhem; escolhem-se pessoas de entre o povo de Deus e o sacerdote ordenado, depois de retirar a casula, aproxima-se de cada uma delas e começa-lhes a deitar água e a enxugar os pés enquanto se cantam cânticos apropriados.<sup>218</sup> Antes de mais, este

gesto do celebrante de despir a casula, no início do gesto do lava-pés, significa a aniquilação que Cristo faz de si mesmo, antes de realizar o ato supremo do serviço de amor que é a cruz; e esta *kenosis* anterior é necessária para então comunicar uma vida nova no dom do Espírito, momento que pode ser expresso no ato de derramar a água sobre os pés dos fiéis.<sup>219</sup>

---

<sup>215</sup> Note-se que na liturgia romana ocidental, o rito litúrgico do lava-pés realiza-se após a homilia. Contudo, na Arquidiocese de Braga, o costume de fazer o ritual no momento do ato penitencial mantém-se ainda hoje.

<sup>216</sup> Ribeiro, «A Celebração da Páscoa ao longo dos Tempos», *Boletim da Pastoral Litúrgica*, 1983, 41.

<sup>217</sup> Carvalho, «Liturgia da Semana Santa de Braga: textos e ritos», 108. *Missale Romanum*, 300.

<sup>218</sup> Cf. Rubricas da Missa da Ceia do Senhor, nº10-12, *Missal Romano*, 272.

<sup>219</sup> Alonso, «El Espíritu Santo en el Triduo Pascual. Aproximación pneumatológica a la eucología y a la celebración», 237.

O rito em si é imensamente simples na sua forma de ser e de se realizar. Contudo, traz em si a realidade sempre nova da mensagem do Senhor que se deve atualizar e sempre que se vivencia este pequeno grande rito. De facto, «era necessário este lava-pés, esta purificação perante a Comunhão, na qual participariam desde aquele momento. Era necessário. O próprio Cristo sentiu a necessidade de Se humilhar aos pés dos seus discípulos; humilhação que d'Ele tanto nos diz naquele momento.»<sup>220</sup> É, portanto, a partir da humilhação que Jesus nos demonstra o maior ato de amor, dando e entregando a sua vida, primeiro aos seus Apóstolos, depois a toda a humanidade na cruz. De facto, é mediante o amor que conseguimos doar a nossa vida por inteiro e o grande exemplo desta doação é mesmo o próprio Senhor. É com este gesto do lava-pés que o Mestre demonstra o traço característico da Sua missão: «Eu estou no meio de vós como aquele que serve.» (Lc 22, 27) Assim, o «verdadeiro discípulo de Cristo é, portanto, somente aquele que "toma parte" na Sua vicissitude, tornando-se como Ele solícito no serviço aos outros também como sacrifício pessoal. O serviço, com efeito, isto é, o cuidado das necessidades do próximo, constitui a essência de todo o poder bem ordenado: reinar significa servir.»<sup>221</sup>

Olhamos então para Jesus como Aquele que serve, Aquele que se despoja das suas vestes e impõe como condição necessária para entrar no Reino dos Céus o serviço desmedido a todos.<sup>222</sup> Cristo é aquele que se apresenta Ele mesmo nesta posição de servo, capaz de se inclinar aos pés dos Apóstolos e «exprimir neste gesto a necessidade da pureza especial que deve reinar nos corações daqueles que se aproximam da Última Ceia. É a pureza que só Ele pode levar aos seus corações.»<sup>223</sup> Neste pequeno gesto, mostra-se, mais uma vez, a prontidão do Filho de Deus em transformar o mundo e restituí-lo ao Pai. Tal como nos diz São João Paulo II:

Transforma-se o mundo — verdadeiramente transforma-se o mundo — mediante o amor. Jesus, que passa deste mundo para o Pai, deixa aos discípulos este mandamento: "Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei" (Jo 13, 34). A prontidão em transformar o mundo mediante o amor manifesta-se neste lava-pés. [...] Cristo, de facto, na hora da última Ceia,

---

<sup>220</sup> João Paulo II «Homilias in Coena Domini,» 1979, acedido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19790412\\_cena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790412_cena-domini.html).

<sup>221</sup> João Paulo II «Homilias in Coena Domini,» 1994, acedido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/homilies/1994/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19940331\\_cena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/homilies/1994/documents/hf_jp-ii_hom_19940331_cena-domini.html).

<sup>222</sup> Cf. Francisco «Homilias in Coena Domini,» 2020, acedido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco\\_20200409\\_omelia-coenadomini.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200409_omelia-coenadomini.html).

<sup>223</sup> João Paulo II «Homilias in Coena Domini,» 1980, acedido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19800403\\_cena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800403_cena-domini.html).

depois de lavar os pés aos discípulos, disse: "Dei-vos o exemplo, para que, segundo Eu fiz, façais vós também" (Jo 13, 15). Lavar os pés quer dizer servir. Só aquele que verdadeiramente serve, verdadeiramente transforma o mundo para o restituir ao Pai.<sup>224</sup>

O gesto do lava-pés faz-nos também perceber a extrema necessidade de nos assemelharmos ao Mestre. Ele dá-nos o exemplo para que, tal como Ele o fez «vós façais também.» (Jo 13, 15). É de facto a grande lição que «nos é dada por Jesus onde a humildade é mais difícil, quase impossível pelo orgulho da nossa personalidade colocada em comparação social com o próximo; é-nos dado com o lava-pés realizado por Jesus na sua repugnante realidade, para nos lembrar que a comunhão com os homens a partir da Eucaristia exige uma superação tendencialmente total do nosso orgulho.»<sup>225</sup> Assim, além de olharmos para o lava-pés como simplesmente uma recordação daquilo que Jesus nos mandou fazer, devemos, antes de mais, refletir que esse mesmo gesto tem, de facto uma implicação prática para a nossa vida, onde nos devemos perdoar mútua e incansavelmente, mesmo que possa parecer inútil. Ao fazer isso, purificamo-nos uns aos outros e doamos reciprocamente a força santificadora de Deus e somos introduzidos no sacramento do amor divino.<sup>226</sup>

Por conseguinte, realizamos o gesto do lava-pés para nos recordarmos uma vez mais que proclamamos de modo concreto a primazia do amor, que se faz serviço até à doação extrema, onde o próprio Senhor antecipa também o sacrifício que se irá consumir na Paixão e Morte. Este dom primordial do Senhor «torna-se um modelo, a tarefa de fazer a mesma coisa uns pelos outros.»<sup>227</sup> Portanto, todo este gesto revela-nos que a humildade é o caminho concreto para chegar a Deus e o caminho só pode ser feito através do serviço e do auto-despojamento de nós mesmos convergindo num amor desmedido ao próximo. Para alcançar o Reino dos Céus é necessário o rebaixamento e o caminho da mansidão e do amor. Pela Paixão apercebemo-nos que o caminho que Jesus traça e nos mostra é o caminho da humilhação e da morte para depois demonstrar o caminho da vitória da ressurreição. Assim, «este ato torna-se para o evangelista a

---

<sup>224</sup> João Paulo II «Homilias in Coena Domini» 1981, acessido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1981/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19810416\\_coena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1981/documents/hf_jp-ii_hom_19810416_coena-domini.html).

<sup>225</sup> Paulo VI «Homilias in Coena Domini,» 1972, acessido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1972/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19720330.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1972/documents/hf_p-vi_hom_19720330.html).

<sup>226</sup> Cf. Bento XVI «Homilias in Coena Domini,» 2006, acessido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20060413\\_coena-domini.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060413_coena-domini.html).

<sup>227</sup> Bento XVI «Homilias in Coena Domini,» 2008, acessido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080320\\_coena-domini.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080320_coena-domini.html).

representação de toda a vida de Jesus e revela o seu amor até ao fim, um amor infinito, capaz de habilitar o homem à comunhão com Deus e de o tornar livre.»<sup>228</sup>

O outro ponto é, sem dúvida, a Eucaristia. A Eucaristia é o sacramento por excelência, a presença do Senhor verdadeiramente no pão e no vinho. «Aquele mandamento de Jesus: “Fazei isto” é uma palavra criadora, milagrosa: é a transmissão de um poder, que só Ele possuía; é a instituição de um sacramento, ou seja, a atribuição do sacerdócio de Cristo aos seus discípulos; é a formação do órgão constitutivo e santificador do Corpo Místico, a sagrada hierarquia, tornada capaz de renovar o prodígio da Última Ceia.»<sup>229</sup> Instituinto este sacramento, o Senhor faz com que o povo anuncie a sua morte, esperando a sua vinda gloriosa<sup>230</sup> ao mesmo tempo que renova este mesmo sacrifício de Cristo na cruz. Esta vivência da Eucaristia é, portanto, «o coração e o paradigma da vida cristã. É o mandato, o memorial, a paixão, a caridade de Cristo, que se transfunde na sua Igreja, em nós, para que possamos viver d'Ele, por Ele e n'Ele (cf. Jo 6, 57), oferecer-nos em sacrifício pela salvação do mundo (cf. Jo 12,24 ss.), e um dia ressuscitar n'Ele (cf. Jo 6, 54. 58).»<sup>231</sup>

Uma particularidade que vale a pena anotar acerca desta celebração da Quinta-feira da Ceia do Senhor é precisamente a utilização da Oração Eucarística. Neste mesmo dia a liturgia aconselha vivamente a utilização da Oração Eucarística I, visto que, ao longo do texto existem belos pormenores que nos ajudam a vivenciar estes santos mistérios. Por exemplo, no momento do *Communicantes* acrescenta-se a parte «ao celebrarmos o dia santíssimo em que nosso Senhor Jesus Cristo Se entregou por nós»,<sup>232</sup> e no momento do *Hanc igitur* também se faz uma referência própria a este dia: «Nós Vo-la oferecemos neste dia, em que nosso Senhor Jesus Cristo confiou aos seus discípulos a celebração dos mistérios do seu Corpo e Sangue.»<sup>233</sup> Depois, outro momento em que o texto é próprio para este dia é no momento do *Qui pridie* acrescentando-se assim a palavra “hoje”<sup>234</sup> para, mais uma vez, tomarmos consciência de que a entrega de Jesus em forma de pão e de vinho está a acontecer verdadeiramente naquele dia de Quinta-feira Santa. Além disso, toda a narração e gestualidade faz com que se viva mais intensamente o mistério celebrado: «[...] Ele tomou o pão em suas santas e adoráveis mãos e,

---

<sup>228</sup> Bento XVI, «Audiência Geral de 31 de março de 2010,» acedido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20100331.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100331.html).

<sup>229</sup> Paulo VI «Homilias in Coena Domini,» 1966, acedido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1966/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19660407.pdf](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1966/documents/hf_p-vi_hom_19660407.pdf).

<sup>230</sup> Cf. Resposta ao «Mistério admirável da nossa fé!», *Missal Romano*, 648.

<sup>231</sup> Paulo VI «Homilias in Coena Domini,» 1970, acedido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19700326.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700326.html).

<sup>232</sup> Oração Eucarística I, *Missal Romano*, 274.

<sup>233</sup> Oração Eucarística I, *Missal Romano*, 275.

<sup>234</sup> Cf. Oração Eucarística I, *Missal Romano*, 276.

levantando os olhos ao céu para Vós, Deus, seu Pai todo-poderoso [...]»<sup>235</sup> À medida que o celebrante principal pronuncia estas palavras, o gesto deve-se fazer notar, tal como é explicado nas rubricas, dando assim, a esta Oração Eucarística uma maior vivacidade naquilo que toca às palavras e aos gestos.

Assim, «é necessário, portanto, que a Igreja onde quer que se reúna, em qualquer cenáculo do mundo — recorde e faça recordar constantemente que as condições para a Comunhão com o Senhor são as seguintes: a pureza interior e a humildade do coração, disponível a servir o próximo e, no próximo, a servir a Deus.»<sup>236</sup> E é precisamente isso que se vive na liturgia da Missa da Ceia do Senhor: a recordação de um ato de amor em primeiro lugar de forma serviçal e humilde no modo de lavar os pés e depois no modo do verdadeiro sacrifício que se atualiza constantemente que é a Eucaristia. Ambos os acontecimentos são importantes na vivência de toda a liturgia e por isso não se podem desassociar um do outro. Para celebrar verdadeiramente a Eucaristia, a Igreja precisa em primeiro lugar deste lavacro interior do Espírito para se livrar do pecado, «fonte de toda a divisão e separação, princípio que quebra a unidade e a comunhão que o Espírito Santo constrói entre todos os membros do corpo místico.»<sup>237</sup>

Não podemos então dissociar a participação no lava-pés da participação na Eucaristia e vice-versa. «Todas as vezes que participamos na Eucaristia, pronunciamos nós também o nosso "Amen" diante do Corpo e do Sangue do Senhor. Desta forma comprometemo-nos a fazer o que Cristo fez, "a lavar os pés" dos irmãos, transformando-nos em imagem concreta e transparente d'Aquele que se despojou "a Si mesmo tomando a condição de servo" (Fl 2, 7).»<sup>238</sup> Além disso, este ato paradigmático do lava-pés encontra a sua chave de leitura e a sua máxima explicitação no momento da morte e da ressurreição de Cristo. Assim, «neste ato de serviço humilde, a fé da Igreja vê o êxito natural de cada celebração eucarística. A autêntica participação na Missa não pode deixar de gerar o amor fraterno seja em cada crente, seja em toda a comunidade eclesial.»<sup>239</sup>

---

<sup>235</sup> Oração Eucarística I, *Missal Romano*, 276.

<sup>236</sup> João Paulo II «Homilias in Coena Domini,» 1980, acessido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19800403\\_coena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800403_coena-domini.html).

<sup>237</sup> Alonso, «El Espíritu Santo en el Triduo Pascual. Aproximación pneumatológica a la eucología y a la celebración», 238.

<sup>238</sup> João Paulo II «Homilias in Coena Domini,» 2002, acessido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20020328\\_coena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf_jp-ii_hom_20020328_coena-domini.html).

<sup>239</sup> João Paulo II «Homilias in Coena Domini,» 2001, acessido a 26 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2001/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20010412\\_coena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2001/documents/hf_jp-ii_hom_20010412_coena-domini.html).

Portanto, podemos concluir que em toda a liturgia vespertina de Quinta-feira Santa, estes dois momentos estão entrelaçados entre si e vivem unidos pelo próprio Senhor. Tanto o rito do lava-pés como a Eucaristia ganham o seu total significado quando Jesus morre na cruz e ressuscita ao terceiro dia. Por isso, vivemos sempre o lava-pés olhando para a cruz, pensando que a água que está a ser derramada nos pés é a mesma água que é derramada pelo lado aberto do Senhor, que ao mesmo tempo purifica e limpa o pecado e nos dá um sinal indelével do Seu amor fazendo-nos participantes também da Sua Paixão. A Eucaristia não é nada mais nada menos que o Seu Corpo e Sangue que deve ser anunciado e vivido até que Ele venha. É este o memorial da morte e da paixão de Cristo que nos propomos celebrar sempre que nos reunimos em comunidade. Ao olharmos para a Eucaristia vemos, de facto, o Seu Corpo e o Seu Sangue derramado por nós (no missal de 1962, no momento da consagração utilizavam-se as palavras: *hoc est enim Corpus meum* – Isto é, de facto, o meu Corpo). E se é “de facto” o Corpo do Senhor então aquilo que celebramos em cada Eucaristia e em particular na Eucaristia de Quinta-feira Santa é a entrega do Seu Corpo aos seus discípulos com a consequência de também eles fazerem o mesmo: «assim como Eu fiz, vós fazeis também.» (Jo 13, 15)

É este o duplo *mandamentum* de Cristo: realizar o rito do lava-pés, sinal da sua humildade demonstrando o caminho que cada discípulo do Senhor deve seguir, e realizar o sacrifício eucarístico como ápice e centro da vida de cada um. Somos, portanto, convidados a permanecer em Quinta-feira Santa, a viver quotidianamente este duplo mandamento, o da caridade e do amor. Se queremos ser verdadeiros discípulos do Mestre, então devemos caminhar para o auto-despojamento e para a humilhação, não como forma de sofrimento, mas como forma de verdadeira liberdade. Viver o lava-pés e a Eucaristia é vivermos na verdadeira liberdade dos filhos de Deus e que veem no Senhor «o Caminho, a Verdade e a Vida.» (Jo 14, 6).

«Se compreendeis isto, felizes sereis se o fizerdes.» (Jo 13, 17) Entramos assim neste terceiro e último capítulo da nossa dissertação, com a bem-aventurança joanina que nos dá como que a chave de leitura para aquilo que fomos analisando e edificando desde então até agora.

Se num primeiro capítulo era necessária uma leitura acerca do texto de Jo 13, 1-20, para melhor compreender a necessidade que Jesus tinha de realizar o gesto, no segundo capítulo tornou-se evidente que deveríamos focalizarmo-nos no próprio gesto, não só realizado por Jesus, mas também e sobretudo, realizado pela Igreja ao longo dos 2000 anos de História, nas suas variadas formas e intenções litúrgicas. Contudo, ainda nos falta meditar acerca de um aspeto fundamental: qual é a importância do gesto na vida do padre que o realiza? De facto, sabemos de antemão que o padre, na Missa de Quinta-feira Santa, é convocado a repetir o mesmo gesto de Jesus escolhendo 12 pessoas para, durante a celebração, lhes lavar os pés. É isto que nos faz entrar neste terceiro capítulo: o padre deve assumir o gesto do lava-pés como um gesto diário e necessário. Precisamos de perceber que o sacramento da Ordem e o lava-pés foram instituídos na mesma noite pela mesma Pessoa. E isto só nos deve alertar para a necessidade de que o sacramento em si e o rito estejam extremamente unidos.

Por isso, ao longo deste terceiro capítulo, iremos fixar a nossa atenção tanto no sacramento da Ordem como nas implicações que o rito do lava-pés pode e deve trazer para a vida do sacerdote ordenado. Queremos, portanto, perceber que toda esta leitura realizada até agora tem um significado concreto na vida de cada pessoa e especialmente na vida daqueles que foram chamados para realizar tal gesto. Assim, numa primeira abordagem iremos olhar para a figura do padre como aquele que possui uma identidade própria, fruto da sua ordenação. Aquele que, antes de mais, é escolhido de entre o povo para servir mais tarde o próprio povo. Numa segunda linha de pensamento iremos focalizar a extrema assemelhação que o padre tem com o seu povo (porque dele saiu), mas também a assemelhação com o próprio Jesus, visto que Ele foi o primeiro sumo sacerdote a assemelhar-se diretamente com o povo que de antemão salvou.

Em suma, somos convidados ao longo deste terceiro capítulo a desmistificar a figura do sacerdote ordenado, olhando em primeiro lugar para ele como aquele que por graça recebe um sacramento que lhe imprime carácter e por isso o destina ao povo, mas que, ao mesmo tempo, o torna cada vez mais semelhante com aqueles que decidiu servir a partir da ordenação

presbiteral. Olhar para a pessoa do padre será olhar sempre para aquele que serve permanentemente ao jeito de Jesus.

### 3.1. A identidade do presbítero com Cristo

Vivemos num tempo em que a identidade do presbítero é cada vez mais colocada em questão pelas mais diversas razões e causas. «A identidade poderá parecer um “mistério” no empenho quotidiano de discernir o que devemos e podemos ser para o serviço a Cristo Jesus e aos nossos contemporâneos e companheiros de viagem para o Reino.»<sup>240</sup> Passámos de olhar o presbítero como uma figura separada do comum do Povo de Deus (como se o presbítero não fizesse parte do Povo santo) para olharmos para a figura do padre como um igual aos outros exceto com a única diferença do seu específico ministério. Ora, com medo do extremismo da figura “santificante” do padre, passámos para o outro extremo da figura “igualitária” do padre. E tanto uma posição como outra são completamente erradas. Porque, em primeiro lugar não podemos olhar o padre como aquele que está afastado de nós, longe e que não se pode aproximar, mas também não devemos olhar para a figura do padre como aquele que é uma pessoa como as outras e com uma “profissão diferente”. Acredito que precisamos das duas visões para chegar àquilo que é verdadeiramente a figura do padre na Igreja de Cristo. Mas lá chegaremos.

A verdadeira identidade do sacerdote ordenado é única e simplesmente a figura de Cristo e, portanto, «o ministério do sacerdote inscreve-se *essencialmente* naquilo que Cristo foi, fez, disse e que, por meio do Espírito Santo, prossegue: é sagrado ser-se Cristo.»<sup>241</sup> É mediante esta especificidade que queremos entrar nesta questão da identidade presbiteral e no seu ministério. De facto, é a figura de Cristo que configura todo o sacerdócio em sacerdócio de entrega e doação, tornando-se Cristo «o mediador, o sacerdote que nos traz os bens do céu, aquele que media por ser homem verdadeiro, ele que se fez todo semelhante a nós menos no pecado. Essa mesma realidade de proximidade com os homens o transforma em modelo e caminho até Deus.»<sup>242</sup> Porque Cristo se fez homem todo o ser humano fica capaz de se aproximar cada vez

---

<sup>240</sup> D. Jorge Ortega, «Escuta para comunicar», em *À Escuta da Palavra - Congresso Internacional sobre o Presbítero* (Prior Velho: Paulinas, 2011), 13.

<sup>241</sup> Pe. Philippe Capelle-Dumont, «O Sacerdócio Ministerial e o Sacerdócio Batismal numa era de mudança. Questões teológicas e desafios pastorais», em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, vol. I (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 108.

<sup>242</sup> José María Cabrera, «El sacerdocio de Jesucristo en el Comentario de santo Tomás a la Carta a los Hebreos», *Studium. Filosofía y Teología* XXIV, n.º 47 (2021), 34.

mais de Deus a partir do sacramento que Cristo instituiu e do qual se faz modelo. Ele é, portanto, a origem de todo o ministério<sup>243</sup> e o modelo que nos faz aproximar cada vez mais de Deus.

Assim, com as suas palavras e sinais, pela sua Morte e Ressurreição, que se converte em fonte,<sup>244</sup> Cristo abre ao ser humano a possibilidade de se tornar um verdadeiro sacerdote ao seu estilo: capaz de se entregar em favor do povo oferecendo o único sacrifício agradável a Deus que é o seu Corpo e o seu Sangue. Podemos então afirmar que o ministério sacerdotal brota de dois grandes momentos na vida de Cristo: da última ceia e da Paixão. Da última ceia porque Cristo instituiu a Eucaristia, sinal perene da sua presença no meio do ser humano, e da Paixão oferecendo de uma vez para sempre o santo sacrifício que perdoa os pecados de toda a humanidade. Por isso, «o sacerdócio ministerial é de facto instituído e recebe de facto um poder espiritual, mas este poder brota da Paixão de Cristo e exige que o sacerdote seja cada vez mais configurado com Cristo sacerdote, que deu a sua vida pela salvação do mundo.»<sup>245</sup>

Deparamo-nos então com este “poder espiritual” que atua em Cristo e que faz com que o seu ministério seja acreditado e transmitido aos Apóstolos e posteriormente a toda a Igreja. De facto, a ministerialidade de Cristo acontece por um ato da Santíssima Trindade onde o Deus feito homem encarna tornando-se «em tudo igual a nós exceto no pecado»<sup>246</sup>, e posteriormente crucificado entre dois ladrões. Desde a Encarnação até à Paixão, tudo aquilo que Jesus foi, fez e disse, tornou-se num ato da Trindade sempre em prol da salvação da humanidade. Portanto, «[...] a vida e o ministério de Cristo como nosso grande sumo sacerdote envolve uma mediação dupla: ascendente e descendente, ele ensina e santifica o Povo, dando-lhe a Nova Lei do Evangelho, que nada mais é do que a graça do Espírito Santo».<sup>247</sup> Torna-se ascendente porque Cristo nos eleva até Ele nos seus ensinamentos, e descendente porque além de Ele mesmo ter encarnado, envia o Paráclito para confirmar o ministério que o próprio tinha deixado.

O Espírito Santo é então o garante do ministério de Cristo, aquele por quem Cristo recebe «a plenitude absoluta do Espírito Santo como homem e, portanto, tem pleno domínio sobre a economia da graça: da sua humanidade plena do Espírito, ele distribui toda a graça pelos fiéis»,<sup>248</sup> e conseqüentemente essa mesma graça atua em prol do seu ministério agora espalhado por aqueles que creem em Cristo. Assim sendo,

---

<sup>243</sup> Cf. Erio Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 292.

<sup>244</sup> Cf. Dionísio Borobio, *Ministerio Sacerdotal, Ministerios Laicales* (Desclee de Brouwer - Bilbao: Itxaropena, S. A, 1982), 150.

<sup>245</sup> Fr. Dominic Legge, O.P., «São Tomás de Aquino: Sacerdócio e Santíssima Trindade», em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, vol. I (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 77.

<sup>246</sup> Oração Eucarística IV, *Missal Romano*, 521.

<sup>247</sup> Legge, O.P. «São Tomás de Aquino: Sacerdócio e Santíssima Trindade», 67.

<sup>248</sup> Legge, O.P. «São Tomás de Aquino: Sacerdócio e Santíssima Trindade», 69.

[Cristo] é um ministro mais excelente [das coisas sagradas do que os sacerdotes do Antigo Testamento], não enquanto Deus (pois como Deus, Ele é a fonte das coisas santas), mas enquanto homem [...] Pois a humanidade de Cristo é um instrumento da divindade. Ele é, portanto, «ministro das coisas sagradas», porque administra os sacramentos da graça, na vida presente, e os da glória, na vida futura [...] Cristo, o homem, é um ministro, porque todo o bem de glória é dispensado por meio dele.<sup>249</sup>

Pela vida de Cristo, todo o sacerdote ordenado é chamado a receber esta graça espiritual, não por seu mérito, mas sim como “necessidade” para se unir mais intimamente a Cristo. Com isto, «Jesus quer que compreendamos que todo o ministério tem a ver com amor, com entregar a vida pelo rebanho e que o ministério procede de uma amizade profunda com o Senhor Ressuscitado»,<sup>250</sup> que o Espírito Santo vem para derramar a graça ministerial a cada sacerdote ordenado para, tal como o Sumo Sacerdote, cada ministro seja capaz de dar a vida em favor do seu povo, do povo que a Igreja lhe confia para a sua missão de evangelizador. Trata-se precisamente de encarar o ministério como uma conexão estreita como o “mistério” de Deus<sup>251</sup> onde o sacerdote ordenado se configura radicalmente «com Cristo enquanto participação do seu único sacerdócio e da sua unção pelo Espírito.»<sup>252</sup> Aproximamo-nos assim daquilo que é verdadeiramente o sacerdócio à maneira de Cristo, um sacerdócio capaz de se unir intimamente àquele que é o único Sacerdote da Nova Aliança.

Tomamos então consciência de que «todas as atitudes sacerdotais verdadeiras do Antigo Testamento alcançam a sua plenitude escatológica no único sacerdócio de Cristo, que por sua novidade supõe uma certa rutura, mais com a corrente sacerdotal profunda do que com as formas concretas de realização»<sup>253</sup>. Isto quer dizer que, com a entrega de Cristo na cruz cumpre-se plenamente a entrega do único e verdadeiro sacrifício agradável a Deus. E sendo Cristo ao mesmo tempo o altar e o cordeiro, torna-se o verdadeiro Sumo Sacerdote que oferece a Deus, seu Pai, aquilo que é capaz de redimir os pecados da humanidade. Assim sendo, «o sacrifício de Cristo é interior, não no sentido de que não se manifeste exteriormente, que não seja visível, mas sim no sentido em que a vítima que oferece a Deus não é algo exterior ao seu oferecimento, ao seu sacerdócio, mas que se identifica absolutamente com Ele. É este sacrifício que nos abre

---

<sup>249</sup> Legge, O.P. «São Tomás de Aquino: Sacerdócio e Santíssima Trindade», 70. In *Epist. Ad Hebr., op. Cit., c. 8, lect. 1, n. 382*: «*Hoc autem excellentius habet Christus, qui est minister; non quidem in quantum Deus, quia sic est auctor, sed in quantum homo... Humanitas enim Christi est sicut organum divinitatis. Est ergo minister sanctorum, quia ministrat sacramenta gratiae in praesenti, et gloriae in futuro... Homo autem Christus minister est, quia omnia bona gloriae per ipsum dispensantur.*»

<sup>250</sup> Seán O'Malley, OFM CAP., *Procura-se amigos e Lavadores de Pés* (Prior Velho: Paulinas, 2019), 165.

<sup>251</sup> Cf. Santiago del Cura, «“En la fuerza del Espíritu Santo”: dinamismo pneumatológico y espiritualidad sacerdotal», em *Á Escuta da Palavra - Congresso Internacional sobre o Presbítero* (Prior Velho: Paulinas, 2011), 106.

<sup>252</sup> Del Cura, «“En la fuerza del Espíritu Santo”: dinamismo pneumatológico y espiritualidad sacerdotal», 115.

<sup>253</sup> Borobio, *Ministerio Sacerdotal, Ministerios Laicales*, 163.

as portas dos céus.»<sup>254</sup> Não olhamos então para o sacrifício de Cristo como um ato isolado no decorrer da História da Salvação; devemos olhar sim numa perspectiva de abertura para um novo tipo de sacerdócio que advém daí: o sacerdócio à maneira de Cristo capaz de partir do mistério pascal onde se manifesta a economia trinitária da salvação, na qual o Espírito Santo confirma e torna efetiva a participação da Humanidade nesta mesma comunhão trinitária.<sup>255</sup>

Necessitamos então de compreender que «o fundamento do sacerdócio é a união hipostática pela qual Cristo, sumo sacerdote, oferece ao Pai o culto da Nova Aliança no seu Corpo e no seu Sangue»<sup>256</sup> através da graça conferida pelo Espírito Santo que confirma a entrega do Filho para devolver à comunhão trinitária toda a humanidade.<sup>257</sup> Todo o sacerdócio de Cristo se resume na sua entrega, e, além disso, é nessa mesma entrega que Cristo deixa aos Apóstolos o fundamento de todo o sacerdócio. Porque na última ceia Cristo entregou aos Apóstolos o seu Corpo e Sangue que, mais tarde, seria imolado na cruz, é que os Apóstolos possuem em si o sacerdócio de Cristo. Este mesmo sacerdócio, e posteriormente o dos Apóstolos, acontece porque, em primeiro lugar, Cristo é ungido pelo Espírito Santo e derrama esse mesmo Espírito sobre aqueles que o seguem. A efusão do Espírito é uma característica central da mediação sacerdotal de Jesus.<sup>258</sup>

Existe, pois, uma ligação radical entre Cristo e aquele que recebe o sacramento. Fruto da ligação Apostólica, todo o ministro está *essencial e radicalmente* unido a Cristo no seu sacerdócio, por isso:

o enraizamento trinitário do “ministério” no “mistério” de Deus permite compreender o verdadeiro alcance da sua realidade sacramental. Pois a sacramentalidade do ministério ordenado expressa, sobretudo, a precedência de Deus Pai em algo que nos é dado. Implica uma ligação original e fundadora com Jesus Cristo, verdadeiro sacramento do encontro com Deus, na verdade da sua condição humana e divina.<sup>259</sup>

Comprendemos então que Cristo transmite aos Apóstolos o poder ministerial que havia recebido do Pai para se tornarem sinal e instrumentos da reunião escatológica de Israel.<sup>260</sup> Assim, todo e qualquer sacerdote permanece unido aos Apóstolos e conseqüentemente a Cristo, Sumo Sacerdote e Cabeça da Igreja. Cada sacerdote ordenado é chamado a permanecer com

---

<sup>254</sup> Cabrera, «El sacerdocio de Jesucristo en el Comentario de santo Tomás a la Carta a los Hebreos», 30.

<sup>255</sup> Cf. Cardeal Marc Ouellet, «O Espírito Santo e o Sacerdócio de Cristo na Igreja: Uma Perspetiva Trinitária Fundamental», em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, vol. I (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 121.

<sup>256</sup> Cabrera, «El sacerdocio de Jesucristo en el Comentario de santo Tomás a la Carta a los Hebreos», 25.

<sup>257</sup> Cf. Ouellet, «O Espírito Santo e o Sacerdócio de Cristo na Igreja: Uma Perspetiva Trinitária Fundamental», 121.

<sup>258</sup> Cf. Legge, O.P. «São Tomás de Aquino: Sacerdócio e Santíssima Trindade», 69.

<sup>259</sup> Del Cura, «“En la fuerza del Espíritu Santo”: dinamismo pneumatológico y espiritualidad sacerdotal», 106.

<sup>260</sup> Cf. Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 292.

Cristo ao longo do seu ministério visto que é d'Ele que todo o ministério brota. Por isso, o sacerdote ordenado deve ter sempre Cristo como modelo do seu ministério, que acaba por não ser dele, mas sim uma concretização do ministério do próprio Cristo que se torna presente também no sacerdote ordenado pela unção do Espírito Santo.

Assim, para podermos compreender a verdadeira identidade de ser presbítero, necessitamos de nos aproximar invariavelmente da pessoa de Cristo juntamente com o seu ministério e tudo aquilo que o envolve.

Trata-se de, precisamente como ministério fundado sacramentalmente, manifestar claramente aos olhos dos outros fiéis, que só um é Senhor da Igreja, que só um orienta a Igreja, que apenas um possui nela a Palavra, nomeadamente o próprio Jesus Cristo. A sacramentalidade do ministério possui - para ser conciso - apenas uma meta: que a Igreja, nos pontos nevrálgicos da sua vida, nos quais um ministro ordenado tem de agir, experimente, de modo muito concreto, que o próprio Jesus Cristo é o seu Senhor: Pastor, Doutor, Sacerdote.<sup>261</sup>

Cristo é, pois, o único Sacerdote de onde advém todo o poder sacerdotal conferido àqueles que Ele de antemão conheceu (cf. Rom 8, 29) predestinando-os a serem a Sua própria imagem na medida em que Ele é imagem de Deus Pai. Por isso mesmo é que, «se o carácter sacerdotal configura um homem ao Filho, que é o carácter e a imagem eterna do Pai, então as ações do sacerdote ministerial também apontam para o Pai, do mesmo modo que o sacerdócio de Cristo está inteiramente relacionado e orientado para o Pai.»<sup>262</sup> O sacerdócio ministerial é então, antes de mais, relacionado e vivido em torno da Santíssima Trindade. Torna-se a mesma obra salvífica de Cristo que, conseqüentemente, se liga ao Pai e ao Espírito Santo.<sup>263</sup> O Filho que, por vontade do Espírito Santo recebe, enquanto homem, o poder sacerdotal e com este mesmo Espírito derrama a sua graça através dos Apóstolos para assim poderem continuar o ministério que o seu Mestre lhes deixou, sem nunca deixar de lado Deus Pai, autor e garante de todo o sacerdócio de Cristo.

Posto isto, todo o sacerdócio ministerial está intrinsecamente ligado ao sacerdócio de Jesus Cristo e à sua entrega no momento da Paixão. O sacerdócio é conseqüentemente entrega e doação de si mesmo a um bem maior tal como Cristo se entregou no momento da cruz. Assim, tal como o sacerdócio ministerial está ligado a Cristo, «a sacramentalidade do ministério garante que a condição de Jesus Cristo como Sacerdote definitivo e único Mediador da salvação permaneça sempre em vigor e que os ministros ordenados apareçam como sinal sacramental e

---

<sup>261</sup> Gisbert Greshake, «Ser padre numa Igreja em Transformação», em *À Escuta da Palavra - Congresso Internacional sobre o Presbítero* (Prior Velho: Paulinas, 2011), 49.

<sup>262</sup> Legge, O.P. «São Tomás de Aquino: Sacerdócio e Santíssima Trindade», 80.

<sup>263</sup> Cf. Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 307.

instrumentos vivos do único Salvador e Mediador, Jesus Cristo.»<sup>264</sup> Desta forma, todo aquele que é ordenado não age em seu nome, mas no nome de Cristo, o único Sacerdote da Nova e eterna Aliança. Os ministros ordenados atuam por, e em Cristo, tornando-o presente em cada ato seu e especialmente na celebração da Eucaristia, onde Cristo se faz presente nas espécies eucarísticas, mas também na presença do presbítero enquanto celebrante principal. Assim, o sacerdócio ordenado pressupõe esta mesma unção espiritual, «da qual participa todo o batizado, contudo, de forma mais perfeita no sacerdote ordenado fruto de uma comunicação particular do Espírito Santo, que o marca com um carácter especial e o configura a Cristo Sacerdote, capacitando-o justamente para que possa agir *in persona Christi Capitis*.»<sup>265</sup>

O facto de agir *in persona Christi Capitis* faz do sacerdote ordenado uma presença especial de Cristo, ou seja, aquele que se propõe à ordenação configura-se de um modo mais perfeito a Cristo, capaz de o deixar ser nele. Assim, o sacerdote ordenado é uma forma de mediação da graça salvífica de Cristo, na medida em que se configura mais perfeitamente ao Sumo Sacerdote mediante a força do Espírito Santo. O presbítero é então chamado a viver a sua vocação sacerdotal como servo de Cristo ao serviço dos seus irmãos e glorificador de Deus, por Jesus Cristo, em Jesus Cristo e com Jesus Cristo.<sup>266</sup> Deixando Cristo atuar nele, o presbítero passa então a ser presença sacramental de Cristo, capaz de suportar o sofrimento e as dores daqueles que lhe serão entregues como Povo que caminha para o Senhor; será capaz de oferecer o único sacrifício agradável a Deus e será capaz de proporcionar a experiência de Cristo Salvador para o bem da vinha do Senhor, ou como já dizia São Bernardo: na escravidão, no amor e na dignidade onde «o ministério da escravidão é a mortificação corporal; o do amor, do fervor espiritual; e o da dignidade, consagrar o Corpo de Cristo. A primeira é feita com dor, a segunda, com alegria e a terceira com humildade. O primeiro é o sacrifício do medo, o segundo do amor e o terceiro do louvor.»<sup>267</sup> Tudo isto porque se deixou configurar com Cristo passando a agir com Cristo e na pessoa de Cristo de forma sacramental. Esta é a força que o Espírito Santo traz àquele que se quer configurar de um modo mais pleno ao único Sacerdote e Mediador da Salvação, força essa derramada precisamente no dia da ordenação presbiteral.

A ordenação presbiteral assume assim o papel mais importante na vida do ministro. Pela ordenação, «o ordenado fica incorporado à missão de Cristo e é revestido com o poder do

---

<sup>264</sup> Del Cura, «“En la fuerza del Espíritu Santo”: dinamismo pneumatológico y espiritualidad sacerdotal», 121.

<sup>265</sup> Del Cura, «“En la fuerza del Espíritu Santo”: dinamismo pneumatológico y espiritualidad sacerdotal», 113.

<sup>266</sup> Cf. Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 330.

<sup>267</sup> São Bernardo Claraval, *Obras Completas de San Bernardo*, vol. VI (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1988), 519-521.

Espírito Santo»<sup>268</sup>, ou seja, une-se mais intrinsecamente à vida de Cristo, participando nela e entregando-se em prol da sua mensagem salvadora ao mesmo tempo que é auxiliado pelo Espírito Santo, tal como Jesus prometeu aos seus Apóstolos: «E Eu pedirei ao Pai, e dar-vos-á outro Paráclito, para que esteja convosco para sempre.» (Jo 14, 16). Assim sendo, o gesto da imposição das mãos conferido ao ordenando exprime como que o sinal máximo da descida do Espírito Santo sobre ele indicando que «o encargo conferido é um dom e não o reconhecimento de um mérito ou o simples reconhecimento de qualidades adequadas a um papel; acompanhado pela oração, mete em evidência que é obra do Espírito Santo e não somente uma decisão da Igreja.»<sup>269</sup> Claro que, visivelmente, quem ordena e faz do ordenando um sacerdote é a Igreja e por isso assume ela também uma parte integrante neste mistério associando-se e revivendo o mandato missionário de Cristo<sup>270</sup>, contudo, nunca podemos dissociar a presença do Espírito Santo também naqueles que ordenam o ministro. Por isso, além de ser a Igreja a assumir este mandato, existe uma plena comunhão tanto da Igreja Celeste como da Igreja terrena naquele momento exato da ordenação quando o «rito é ocupado pela silenciosa imposição das mãos pelo bispo e presbitério onde acontece o gesto de invocação epiclética por parte da Igreja, para que o Espírito Santo desça sobre o ordenando e o constitua em enviado de Cristo.»<sup>271</sup>

O ordenando torna-se assim, pelo poder do Espírito Santo, um enviado de Cristo, visto que «o exercício do ministério do sacerdócio ministerial brota da graça permanente conferida pelo sacramento da Ordem ligada à fidelidade de Deus e ao dom definitivo realizado por Cristo na sua Páscoa: e não simplesmente à correspondência sempre frágil e aleatória de quem a recebe.»<sup>272</sup> Isto quer dizer que, em primeiro lugar, a graça é conferida pelo Espírito Santo através do sacramento instaurado por Cristo na última Ceia e confirmado na sua Páscoa. É por Cristo e em Cristo que o ordenando se torna sacerdote ordenado sendo pois:

necessário que o sacerdote tenha consciência de que, em todo o ministério, nunca deve colocar em primeiro plano a sua pessoa nem as suas opiniões, mas sim Jesus Cristo. Contradiz a identidade sacerdotal toda a tentativa de se colocar a si mesmo como protagonista da ação litúrgica. [...] o sacerdote é servo e deve continuamente empenhar-se por ser sinal que, como dócil instrumento nas mãos de Cristo, aponta para Ele.<sup>273</sup>

---

<sup>268</sup> Ramon Arnau-Garcia, *Orden y Ministerios* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995), 162.

<sup>269</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 306.

<sup>270</sup> Cf. Arnau-Garcia, *Orden y Ministerios*, 225.

<sup>271</sup> Arnau-Garcia, *Orden y Ministerios*, 222-223.

<sup>272</sup> Pe. Piero Coda, «Fundamento Cristológico do Sacerdócio: Mistério Pascal, Eucaristia, Eschaton, Maria», em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, vol. I (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 152.

<sup>273</sup> Bento XVI, Exortação Apostólica «Sacramentum Caritatis», nº23 em *O Sacerdócio, um Serviço de Amor*, (Apelação: Paulus, 2012), 5.

Se o sacerdote é configurado a Cristo, então voltamos àquilo que já tínhamos referido anteriormente: o sacerdote age *in persona Christi Capitis*. Esta expressão ganha assim um significado cada vez mais forte na medida em que passamos a olhar para o sacerdote ordenado não só como uma figura que segue o caminho de Jesus, mas principalmente porque, pelo sacramento a ele conferido, se torna presença sacramental de Cristo agindo em plena comunhão com o próprio Cristo. Portanto, «o sacerdote que age *in persona Christi Capitis* e em representação do Senhor, nunca age em nome de um ausente, mas na própria Pessoa de Cristo Ressuscitado, que se torna presente com a sua ação realmente eficaz. [...] O Senhor torna presente a sua própria ação na pessoa que realiza tais gestos.»<sup>274</sup>

Entramos assim nesta dinâmica de serviço perante a grande novidade que lhe é apresentada. O ordenando torna-se «sinal e instrumento da diaconia de Cristo e do Espírito para edificar a Igreja. É este o sentido profundo da sacramentalidade da Ordenação.»<sup>275</sup> De facto, são estas as premissas que devem acompanhar aquele que agora se torna presença de Cristo: em primeiro lugar, ser sinal e instrumento do serviço de Cristo, e, em segundo, sinal e instrumento do Espírito Santo para edificar a Igreja. Todo e qualquer papel do sacerdote resume-se a estes dois aspetos: Cristo e a Igreja. Esta união intrínseca é visível e perceptível desde e no interior da sacramentalidade da Igreja remetendo pois para o sacramento Cristo, cujo ministério é primordial.<sup>276</sup> Juntamente com isto, é notório que é a partir dos sacramentos que toda a sacramentalidade de Cristo e da Igreja acontece. Quem celebra os sacramentos é Cristo, único Mediador; quem os recebe é a Igreja, fiel recetora das graças de Deus. O sacerdote é então este instrumento nas mãos de Deus tornando-se canal e ponte entre a graça que atua através dele na Igreja. Se olharmos para o sacerdote ordenado como sendo uma presença sacramental de Cristo, então, apercebemo-nos que não é um simples homem que está a administrar os sacramentos; é sim o Cristo vivo, que atua através daquele que se predispôs a ser sinal e instrumento da verdadeira vida.

É importante então recordar consciente e firmemente que, sempre que os sacerdotes ordenados celebram os sacramentos, são apenas os ministros visíveis de Cristo, o único Sumo Sacerdote. Através do Espírito Santo, Cristo efetiva a Sua presença onde quer que sejam celebrados quaisquer sacramentos.<sup>277</sup> Por isso mesmo, o ser e o atuar do sacerdote é o mesmo de Cristo. Como enviado e continuador da missão de Cristo, o sacerdote exerce «o seu

---

<sup>274</sup> Alberti, «Significado do Concílio Vaticano II para a Renovação Sacerdotal da nossa época», 86.

<sup>275</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 306.

<sup>276</sup> Cf. Borobio, *Ministerio Sacerdotal, Ministerios Laicales*, 223.

<sup>277</sup> Cf. Gerald O'Collins, sj, «Jesus and the Ordained Ministry: A Christocentric View of Priesthood», *Irish Theological Quarterly* 76, n.º 1 (2011), 29.

ministério no interior e para o serviço da comunidade, em virtude de uma unção do Espírito que o capacita para atuar permanentemente em nome do mesmo Cristo, e em solidariedade com o bispo e os outros irmãos de presbitério»<sup>278</sup>, ou seja, a plena comunhão vai para lá do encontro apenas com Cristo; só existe plena comunhão quando o sacerdote ordenado atua com Cristo e na Igreja. Mais uma vez, estes dois aspetos não se conseguem dissociar. O sacerdote ordenado só atua como verdadeiro sacerdote quando está em plena comunhão com Cristo e com a Sua Igreja.

De entre todos os sacramentos, o sacramento da Eucaristia é aquele que, de forma sacramental, nos coloca na presença do próprio Cristo se atendermos à ritualidade do ministro ordenado. No momento da consagração, as palavras do sacerdote ordenado são estas: «Isto é o meu Corpo [...] este é o cálice do meu Sangue»<sup>279</sup>; não são palavras daquele sacerdote que está a celebrar a Eucaristia: são sim palavras do próprio Cristo que, uma vez mais, está a entregar o Seu Corpo e o Seu Sangue a toda a Igreja. Portanto, «cada vez que um sacerdote pronuncia, *in persona Christi*, as palavras da Consagração, atualiza, como se de uma sinfonia se tratasse, a entrega que Jesus fez de Si mesmo ao Pai na Paixão, e que foi anunciada, e antecipada, na Última Ceia.»<sup>280</sup> Assim, em cada missa celebrada, acontece mais uma vez a Paixão do Senhor, não de forma cruenta, mas sim de forma plenamente sacrificial, isto é, sacramental. O Senhor volta a entregar-se naquele momento. É o próprio Cristo quem se entrega. É Cristo quem celebra. É Cristo que, pelo poder do Espírito Santo, continua a dar a vida em prol da Igreja. Em última instância, é Cristo que tem a iniciativa, preside e santifica a comunidade crente tendo em conta que o ministro faz ritualmente o que fez Cristo e com a Sua presença, também nele, mediante o serviço prestado.<sup>281</sup> Assim sendo,

esta é a experiência de muitos sacerdotes na celebração eucarística: a de se sentirem levados pelo Espírito Santo que os habita e os supera no exercício do seu ministério; que os torna conscientes de que quem preside à celebração é verdadeiramente Cristo, única Cabeça da Igreja, que representam de modo sacramental; que os remete constantemente ao dinamismo pneumatológico do descentramento salvífico, vivido pelo único Sacerdote e Mediador.<sup>282</sup>

O fruto da Eucaristia celebrada é então esta bondade do próprio Deus que vem sobre o altar para «aprendermos a encher a nossa vida de Bondade e de Bem: bendizer ou dizer bem, pensar bem, querer bem, fazer bem.»<sup>283</sup> O Senhor necessita então de sacerdotes ordenados para

---

<sup>278</sup> Borobio, *Ministerio Sacerdotal, Ministerios Laicales*, 203.

<sup>279</sup> Oração Eucarística II, *Missal Romano*, 509.

<sup>280</sup> Pimentel, *O Sacerdócio, um Serviço de Amor*; 50.

<sup>281</sup> Cf. Borobio, *Ministerio Sacerdotal, Ministerios Laicales*, 224.

<sup>282</sup> Del Cura, «“En la fuerza del Espíritu Santo”: dinamismo pneumatológico y espiritualidad sacerdotal», 121.

<sup>283</sup> D. António Couto, *A Eucaristia, o Sacerdócio, e Jesus, o Filho* (Apelação: Paulus, 2022), 6.

o Bem. Para o bem que são os sacramentos, para o bem que é a caridade, para o bem que é anunciar a Boa Nova a todas as criaturas, para o bem de tornar aqueles que o seguem, sinal e instrumento da Bondade.

Fixamos então o olhar naquilo que é ser sacerdote ordenado de Cristo e tudo aquilo que acarreta. No fundo, ser sacerdote ordenado de Cristo é ser instrumento. Aliás, é «de grande importância que os ministros ordenados assumam vital e ministerialmente esta condição de instrumentalidade salvífica. Pois agir “*in persona Christi Capitis*” não é um título de exaltação própria, mas antes uma garantia da precedência divina e do poder salvador de Cristo.»<sup>284</sup> É importante tomarmos consciência de que ser sacerdote ordenado de Cristo não é uma vanglória, mas sim uma atitude semelhante à de João Batista: «É necessário que Ele cresça e eu diminua.» (Jo 3, 30). Só assumindo esta condição de abaixamento é que conseguimos verdadeiramente alcançar a essência do que é ser sacerdote ordenado à maneira de Jesus Cristo. E esta maneira de Jesus Cristo não é nada mais nada menos do que a maneira servil. E para Jesus nos mostrar como é ser verdadeiramente sacerdote ordenado, então «[...] o Senhor lava os pés aos seus discípulos, para nos dar o exemplo, para nos ensinar a sermos servos. Dá-nos um novo mandamento, amarmo-nos uns aos outros como Ele nos amou. O seu amor total e sacrificial tem de se tornar na medida do amor, da união e da comunhão que nos congrega.»<sup>285</sup> Em Jesus reparamos que ser sacerdote ordenado é ser servo. É colocar uma toalha à cintura e exercer o serviço mais baixo que alguém poderia realizar. É por isso que o termo “ministro” expressa muito bem aquilo que é ser “ministro de Cristo”: «[...] indica que eles “são os menores de todos”. Servindo precisamente o Povo de Deus, cada pastor “torna-se *vicarius Christi*”, ou seja, vigário daquele Cristo que lavou os pés dos Apóstolos.»<sup>286</sup> Seguir Cristo é precisamente seguir o exemplo de amor que Ele nos deixou e isso implica sobretudo servir o Povo tal como Cristo serviu os seus. De facto, é pelo amor que os sacerdotes são chamados a viver: Jesus elege sacerdotes ordenados porque nos ama; não porque são bem parecidos ou espertos<sup>287</sup>, mas porque ama a humanidade até ao ponto de prolongar a graça salvífica através do ser humano.

Assim sendo, a presença do sacerdote ordenado deve ser «como transparência de Deus, que vive, serve e dá testemunho da Palavra de Deus.»<sup>288</sup> Em primeiro lugar serve. Porque recebeu tanto da parte de Deus, tem consciência que deve servir. O verdadeiro servo dá-se conta que recebe tudo das mãos de Deus de graça e, portanto, é desafiado a dar de graça aquilo que

---

<sup>284</sup> Del Cura, «“En la fuerza del Espíritu Santo”: dinamismo pneumatológico y espiritualidad sacerdotal», 122.

<sup>285</sup> O'Malley, OFM CAP., *Procura-se amigos e Lavadores de Pés*, 96.

<sup>286</sup> Cardeal Gianfranco Ghirlanda, sj, «Vida Santa e Ministério Sagrado: Perspetiva Teológico-Canónica», em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, vol. I (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 245.

<sup>287</sup> Cf. O'Malley, OFM CAP., *Procura-se amigos e Lavadores de Pés*, 91.

<sup>288</sup> Couto, *A Eucaristia, o Sacerdócio, e Jesus, o Filho*, 6.

de graça recebeu. (Cf. Mt 10, 8) Porque só um servo sabe a origem do amor que o impele a dar aquilo que recebeu.<sup>289</sup> Em segundo lugar, transmite e dá testemunho da Palavra de Deus. As suas ações devem ser coerentes com aquilo que anuncia. É pelo próprio ato de anunciar a Palavra, que os ministros se tornam ouvintes e se unem intimamente a Cristo. Torna-se então importante a presidência de que eles têm “direito”:

Atribuir ao ministério ordenado o ‘carisma da presidência’ significa, por um lado, valorizar os dons em que cada batizado, pelo facto de estar inserido na vida trinitária, vem dotado para a edificação da Igreja e, por outro, reconhecer ao presbítero, ao bispo e, pela sua parte, ao diácono, uma especificidade em ordem à representação de Cristo ao serviço da unidade da Igreja no tríplice ministério.<sup>290</sup>

Através deste tríplice ministério, o sacerdote ordenado é chamado ao serviço na e pela Igreja. A partir do anúncio da Palavra, da presidência na liturgia e na condução do Povo santo de Deus, o sacerdote une-se mais intimamente a Cristo Mestre, Cristo Sacerdote e Cristo Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas.<sup>291</sup> Este é o sacerdócio de Jesus Cristo, realizado na obediência e no serviço; Cristo é o Sumo Sacerdote, porque, em si, unifica e oferece de uma vez para sempre o sacrifício.<sup>292</sup> Este tríplice múnus acaba por ser o centro de toda a espiritualidade ministerial diocesana. Isto quer dizer que:

a estrutura de sustentação da espiritualidade ministerial diocesana é dada do tríplice vínculo ‘eclesial’ que deriva do facto de que os ministros são, pela Ordenação, sinal sacramental de Cristo enquanto cabeça, pastor, esposo e servo, isto é, enquanto essencialmente dedicado e ‘oferecido’ à sua Igreja. A espiritualidade diocesana não é, portanto, uma espécie de ‘recipiente vazio’ que cada um possa preencher a seu gosto com outras espiritualidades (derivados de ordens e congregações religiosas ou de associações e movimentos); ao contrário, é um verdadeiro e próprio caminho de santificação centrado na caridade pastoral, ou seja, como dissemos — sobre a dedicação à Igreja a partir da sua forma concreta, a Igreja particular.<sup>293</sup>

Assim sendo, todo este caminho percorrido até agora, leva-nos a afirmar que o sacerdote ordenado é chamado a orientar a sua vida na medida em que ajuda e cresce com a comunidade a ele confiada. Isto quer dizer que só a partir da dedicação à Igreja é que o sacerdote ordenado consegue colocar a render o tríplice múnus recebido no dia da Ordenação. A Igreja vê nele um instrumento fiel da graça de Deus, capaz de orientar e santificar o Povo de Deus no caminho do Senhor e por isso lhe confia o sacerdócio de Cristo, um sacerdócio que não é de poder, mas de

---

<sup>289</sup> Cf. Couto, *A Eucaristia, o Sacerdócio, e Jesus, o Filho*, 86.

<sup>290</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 318.

<sup>291</sup> Cf. Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 329.

<sup>292</sup> Cf. Walter Kasper, «Nuevos Matices en la Concepcion Dogmatica del Ministerio Sacerdotal», *Concilium - Revista internacional de Teologia*, 1969, 378.

<sup>293</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 333.

serviço. Conseguimos, pois, perceber então que existe uma especial intimidade com aqueles que se unem mais perfeitamente ao sacerdócio de Cristo fruto de toda a graça por eles recebida e pela força do Espírito Santo. Por força dessa mesma graça, o sacerdote ordenado é chamado a seguir o Mestre bem de perto tendo apenas um único medo: «o de não amar suficiente. [...] O único verdadeiro fracasso dos sacerdotes de Jesus Cristo é não amar o bastante.»<sup>294</sup>

Por isso, o sacerdote ordenado é convidado a amar: em primeiro lugar a amar a sua vocação e trabalhá-la o melhor possível para a entregar a Deus; em segundo lugar a amar Jesus Cristo, garante da Salvação e Mediador de todas as graças do Pai, capaz de nos deixar o sacerdócio como fonte de graça; e, em terceiro lugar, amar a Igreja a quem fielmente serve e servirá com todos os seus problemas, mas também com toda a sua beleza e simplicidade por ser apenas e só de Jesus Cristo.

### **3.2. A identidade do presbítero com a Igreja**

Como vimos anteriormente, o sacerdote ordenado «deve ser sinal visível do amor de Jesus Cristo que amou primeiro e o chamou a testemunhar a alegria, a beleza e a grandeza do seu amor e, deste modo, evangelizar, isto é, anunciar (pela palavra, pela vida e pelo coração), que Deus é Amor, que Deus não é senão Amor, um Amor que acolhe sempre todos e cada um dos homens»<sup>295</sup>. Isto quer dizer que não chega reconhecer e viver segundo o Amor de Jesus Cristo e por Ele orientar a sua vida. Isso é muito importante de facto, contudo, aliado a este reconhecimento aparece a consequente transmissão e anúncio desse mesmo amor. Para além de o viver quotidianamente, o sacerdote ordenado deve anunciar esse mesmo amor do qual ele é portador. E é aqui que a sua missão se completa com a Igreja a quem ele vai servir. A missão do sacerdote ordenado aparece então como continuadora da missão dos Apóstolos: «Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura.» (Mc 16, 15) Portanto, voltamos aos dois aspetos fundamentais da vida ministerial: Cristo e a Igreja. A Igreja só tem sentido porque Cristo instituiu o ministério, e, porque o fez, instaurou consequentemente a Igreja para garantir a perpetuidade do anúncio do Reino. Portanto, o ministério sacerdotal coloca-se como que neste ponto de interseção entre o mistério de Cristo e o da Igreja.<sup>296</sup> Assim sendo, é necessária a

---

<sup>294</sup> O'Malley, OFM CAP., *Procura-se amigos e Lavadores de Pés*, 95-96.

<sup>295</sup> Comunidade de Caxinas, «O Presbítero, um “homem de Deus” ao serviço do dom – São Martinho de Brufe, São Martinho de Cavalões, Santo Adrião – Vila Nova de Famalicão», em *À Escuta da Palavra - Congresso Internacional sobre o presbítero* (Prior Velho: Paulinas, 2011), 178-179.

<sup>296</sup> Cf. Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 289.

Igreja para que a identidade do presbítero seja vivida na sua forma mais plena. Só quando o sacerdote ordenado atua na Igreja é que acaba por perceber que o seu sacerdócio não é centrado em si, mas é para os outros e em prol dos outros. Através da ação do sacerdote ordenado na Igreja, Cristo manifesta-se porque além da sua ação sacerdotal através do ministro, Cristo é a Cabeça desta mesma Igreja que fundou. Cristo é ao mesmo tempo Sacerdote e Igreja. Portanto, toda e qualquer ação eclesial só pode ser autêntica quando «dá corpo à ação de Cristo, à ação de Deus, e a torna simbolicamente visível. Em semelhante práxis representativa, a ação de Deus atinge a “plenitude da sua essência”, na medida em que o amor gratuito de Deus – o seu plano de tudo unificar em Cristo – de modo visível e palpável é introduzido nas estruturas do mundo.»<sup>297</sup> Assim, quando o sacerdote ordenado atua na e para a Igreja, a ação de Cristo torna-se visível e palpável porque mediante a sua ação é o próprio Cristo que está a atuar. Assim sendo:

o ministério ordenado coloca-se entre esta lacuna: ao mesmo tempo dentro da Igreja e diante dessa (não fora, nem tão pouco sobre), como sinal e instrumento pessoal e visível da invisível prioridade de Cristo. O ministério ordenado é constitutivo da Igreja precisamente porque serve a autoconsciência da Igreja de ser ‘Ecclesia Christi’: aquilo que não é para ela acidental, mas a condição da sua própria existência.<sup>298</sup>

A figura do sacerdote ordenado acaba, então, por ser associada quase como que diretamente à Igreja visto que é nela que ele exerce o seu ministério. «A conexão do ministério com Cristo está sobretudo na linha do envio e da missão que dele procede, e que se realiza na função que se assume ao serviço de uma comunidade concreta»<sup>299</sup>, comunidade concreta essa que acolhe o sacerdote ordenado que irá presencializar Cristo através da sua pessoa e do seu anúncio da Palavra. Por outras palavras, apercebemo-nos que, por um lado, o sacerdote ordenado torna-se presença de Cristo na sua missão, e por outro, torna-se membro ativo da Igreja que serve tornando-se ao mesmo tempo “repraesentatio Christi” na medida e que se relaciona na missão e no ministério de Cristo e também, juntamente com os irmãos, “repraesentatio Ecclesiae”.<sup>300</sup> Além disso, é preciso ter em conta que «o sacerdócio ministerial não é uma simples função da instituição eclesial, mas uma participação, em memória de Cristo enviado, encarnado, crucificado e ressuscitado, no fundamento incessante da missão eclesial e universal»,<sup>301</sup> o que nos leva a afirmar que a “repraesentatio Christi” acaba por prevalecer sobre

---

<sup>297</sup> Greshake, «Ser padre numa Igreja em Transformação», 53.

<sup>298</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 304.

<sup>299</sup> Borobio, *Ministerio Sacerdotal, Ministerios Laicales*, 207.

<sup>300</sup> Cf. Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 308.

<sup>301</sup> Capelle-Dumont, «O Sacerdócio Ministerial e o Sacerdócio Batismal numa era de mudança. Questões teológicas e desafios pastorais», 107.

a “repraesentatio Ecclesiae”. Claro está que as duas não conseguem subsistir uma sem a outra, contudo, não nos podemos esquecer que a realidade de Cristo é excedente em relação à Igreja o que nos leva conseqüentemente a procurar a «especificidade do ministério ordenado no testemunho eficaz de Cristo cabeça, pastor e esposo para a Igreja.»<sup>302</sup>

A “representação” do sacerdote na Igreja acaba assim por ser a “representação” sacramental do próprio Cristo na pessoa daquele que está à frente da comunidade. Tal como Cristo é a Cabeça da Igreja Universal, o sacerdote ordenado, na condição de presença sacramental, acaba por ser a expressão sacramental da Igreja local que lhe está confiada e à qual serve. O cariz da presidência acaba por não ser tanto o «resultado de uma delegação eclesial, mas antes o efeito de uma formação sacramental recebida pela imposição das mãos, de “cima” pelo dom do Espírito Santo.»<sup>303</sup> Conseqüentemente, o fruto dessa imposição das mãos é o cuidado e a caridade do presbítero para com a comunidade eclesial concreta onde este foi ordenado, com o seu bispo e o seu presbitério.<sup>304</sup> Além disso:

inserido na Igreja particular, o ministério episcopal e presbiteral assume os contornos da presidência: nesta categoria sintética pode reconhecer-se a específica tarefa do bispo e do presbítero (o primeiro em relação a toda a Igreja local e o segundo no âmbito que lhe é confiado) em relação aos outros fiéis, contanto que nessa se cruzem felizmente a dimensão cristológica com a eclesiológica do tríplice ministério.<sup>305</sup>

O ministério do sacerdote ordenado é assim compreendido previamente dentro da Igreja particular em que ele se encontra e posteriormente chamado a nela ser presença sacramental do Cristo vivo. Por isso, podemos dizer que «é, de facto, a Igreja particular o primeiro e fundamental sujeito missionário: o presbítero coloca-se em relação com o mundo não como um isolado, mas como membro de uma Igreja particular na qual os homens podem encontrar Cristo “aqui e agora”.»<sup>306</sup> Apercebemo-nos então que a identidade de ser presbítero não se esgota em si mesma nem se fixa apenas e só em Jesus Cristo. Esta mesma identidade alarga-se àquilo que é ser Igreja e àquilo que é servir a Igreja de Cristo. Além disso, e mais concretamente, o sacerdote ordenado serve uma Igreja particular concreta juntamente com aquele que o ordena e os seus irmãos no presbiterado. «Não é pelo facto de que alguém possa desempenhar determinadas funções ou, de facto, as realiza; não é porque alguém seja teologicamente competente e retoricamente dotado, que é dirigente da comunidade, mas porque, através da imposição das mãos do bispo, lhe foi dada essa função. Cristo é a cabeça da Igreja, e isso deve

---

<sup>302</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 304.

<sup>303</sup> Del Cura, «“En la fuerza del Espíritu Santo”: dinamismo pneumatológico y espiritualidad sacerdotal», 126.

<sup>304</sup> Cf. Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 315.

<sup>305</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 317.

<sup>306</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 321.

tornar-se visível estruturalmente.»<sup>307</sup> Portanto, a sacramentalidade da Igreja aparece como ponto fundamental da identidade sacerdotal. É através dela que o sacerdote ordenado consegue experienciar e vivenciar a sua própria identidade ministerial tornando-o capaz de anunciar Cristo, não porque ele sozinho o consegue fazer, mas sim porque o Senhor «enviou-os à sua frente, dois a dois, a toda a cidade e lugar [...]» (Lc 10, 1). Como é óbvio este “dois a dois” não é algo acidental nem meramente para cumprir funções práticas. Lucas realça o facto de Jesus os enviar dois a dois para que percebamos que o ministério funciona colegialmente. Isto quer dizer que aqueles que Jesus envia devem permanecer unidos juntamente com aqueles que partilham do mesmo ministério, os que possuem o ministério da unidade devem agir unidos.<sup>308</sup>

Esta união deve transparecer invariavelmente para aquilo que é ser Igreja. E para ser Igreja é necessário antes de mais viver os sacramentos. Além disso, «os sacramentos causam a graça que significam porque a Palavra de Cristo, que é infalível, se faz presente e atua mediante a intenção da Igreja, que a expressa ao professar na oração da fé acreditada e celebrada»<sup>309</sup>, isto quer dizer que existem três vontades distintas na celebração dos sacramentos: em primeiro lugar Cristo que os instituiu, em segundo lugar o sacerdote ordenado objetiva e sacramentalmente age na pessoa de Cristo, e em terceiro lugar a Igreja que subjetivamente participa professando e acreditando. Podemos então dizer que

o sacerdócio universal dos discípulos é a participação subjetiva e, portanto, existencialmente performativa na vida nova que brota do Espírito do Cristo pascal; enquanto o ministério ordenado (que só pode ser chamado de sacerdócio, num sentido derivado e com referência ao único sacerdócio de Cristo) é delegado à representação objetiva e sacramental do sacerdócio de Cristo, como princípio e forma originadora e configuradora do sacerdócio de todo o Povo de Deus.<sup>310</sup>

Na medida em que o sacerdote ordenado se configura a Cristo, impele a comunidade a também se configurar cada vez mais à imagem deste Cristo na medida do que lhe é possível. Como Povo Santo de Deus a Igreja deve assim associar-se na sua medida à imagem de Cristo que é cabeça desta mesma Igreja. Portanto, a Igreja não deve estar associada diretamente ao sacerdote ordenado, ainda que seja ele o garante da fé; deve sim procurar alicerçar-se em Cristo através dos sacramentos celebrados pelo sacerdote ordenado a ela confiado. Assim, o sacerdote ordenado é convidado a celebrar os sacramentos em e para a Igreja, «pela redenção das suas almas, para a salvação e segurança que esperam»<sup>311</sup> a fim de que seja cumprido o mandato missionário de Jesus Cristo de anunciar o Evangelho a todos os povos e continuar aquilo que

<sup>307</sup> Greshake, «Ser padre numa Igreja em Transformação», 49.

<sup>308</sup> Cf. Greshake, «Ser padre numa Igreja em Transformação», 61.

<sup>309</sup> Arnau-García, *Orden y Ministerios*, 228.

<sup>310</sup> Coda, «Fundamento Cristológico do Sacerdócio: Mistério Pascal, Eucaristia, Eschaton, Maria», 146-147.

<sup>311</sup> Oração Eucarística I, *Missal Romano*, 499.

Ele mesmo instituiu, constituindo a sua plena compreensão através da conexão entre a própria Eucaristia e o ministério sacerdotal.<sup>312</sup> Assim sendo:

esse é, então, o cerne da Igreja, mas também de toda a ação presbiteral. Ora, se o próprio Jesus Cristo é o verdadeiro pastor, então a pastoral presbiteral, enquanto sinal sacramental da ação de Cristo, é mais intensiva, acerta mais no centro, está mais perto do que lhe é próprio, sempre que - apontando para além da ação humana aponta para a ação unificante de Cristo, tornando-a presente no sinal e tornando-a eficaz.<sup>313</sup>

Toda e qualquer ação presbiteral deve então mostrar Cristo de forma visível e eficaz. Através do sacerdote ordenado, Cristo torna-se presente e capaz de chamar todos a Si. É importante então reforçar esta dupla unidade que fundamenta todo o ser Igreja e todo o ser ministro. Porque existe uma diferença na maneira de presença sacramental que marca a forma como olhamos tanto para aquilo que é a Igreja como para aquilo que é o ministro ordenado. Este, fruto da sua ordenação deve mostrar objetivamente Cristo, «a partir da celebração eucarística, da memória do corpo oferecido e do sangue derramado.»<sup>314</sup> Daqui advém toda a caridade pastoral que posteriormente o ministro deve exercer em prol da comunidade a ele confiada.

A caridade pastoral é então a forma como o ministro atua diante da comunidade que lhe está confiada. «O sacerdote é sempre o homem da hospitalidade, acolhendo o filho ou a filha pródiga, envolvendo as feridas do estrangeiro deixado meio morto à beira da estrada, alimentando os famintos de pão, perdão e esperança.»<sup>315</sup> A caridade pastoral vivida pelo ministro ordenado não é nada mais nada menos que aplicar na vida concreta da comunidade as obras de misericórdia. Ser este homem que acolhe aqueles que estão desamparados ao jeito de Jesus, cuida daqueles que estão feridos ao jeito de Jesus, alimenta aqueles que estão com fome ao jeito de Jesus. No fundo, a caridade pastoral é tomar o exemplo de Jesus e segui-lo transmitindo a todos que aquilo que Jesus disse e fez ainda hoje deve ser visto e vivido de forma performativa. Ao ser presença sacramental de Cristo, o ministro deve, portanto, ter em consideração todos aqueles que procuram e andam à beira da estrada. Esta deve ser a caridade pastoral porque diz Jesus: «quantas vezes o fizestes a um destes meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes.» (Mt 25, 40). Além disso, “[...] a caridade pastoral, bem entendida, é capaz de situar-se entre o exercício do ministério e a vida espiritual do ministro, [...] conotando esta espiritualidade como dedicação estável e aberta à Igreja particular [...] e favorecendo a

---

<sup>312</sup> Cf. Arnau-Garcia, *Orden y Ministerios*, 177.

<sup>313</sup> Greshake, «Ser padre numa Igreja em Transformação», 57.

<sup>314</sup> Mons. Paolo Martinelli, OFM CAP, «O Sacerdócio Ministerial e a Vida Consagrada», em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, vol. I (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 298.

<sup>315</sup> O'Malley, OFM CAP., *Procura-se amigos e Lavadores de Pés*, 40.

harmonia entre os vários ‘munera’ derivantes do sacramento da Ordem»<sup>316</sup>, isto quer dizer que a caridade pastoral, bem aplicada e bem vivida, está consequentemente ligada à vida espiritual do ministro que demonstra nos seus atos e ações aquilo que reza e experiencia no momento da oração. Portanto, a caridade pastoral não se foca apenas naquilo que o ministro faz visivelmente para a comunidade; principia antes de mais no momento da oração e na entrega da sua vida interior. Se o ministro tem uma vida interior fecunda, então a comunidade viverá e presenciará da melhor forma a caridade pastoral do ministro. Alicerçado a esta questão da espiritualidade, é necessário ter em conta que «o mais importante problema espiritual de muitos ministros não é, provavelmente, a renúncia ao matrimónio e a uma família própria, mas sim a falta de uma comunidade cristã viva em que possa doar-se, em que possa ser amado como celibatário e em que possa ser valorizado pelo seu ministério.»<sup>317</sup> De facto, esta é uma questão que além de ter implicações práticas visíveis, tem antes de mais e sobretudo implicações interiores que devem ser rezadas e aprofundadas ao longo de toda a vida ministerial. Por isso torna-se cada vez mais importante que o ministro receba da comunidade este apoio que não é nada mais nada menos do que o reconhecimento desta perante a escolha de vida de uma pessoa concreta que aparece na comunidade para servir. É assim, «na perspetiva da ‘caridade pastoral’ que se compreende adequadamente a motivação típica que assume o celibato para o bispo, o presbítero e o diácono não casado. O celibato, de facto, é para esses “sinal e ao mesmo tempo estímulo da caridade pastoral” (PO 16).»<sup>318</sup>

Existe, pois, este sinal visível que o ministro escolhe seguir por amor ao Reino dos Céus, o que leva a uma maior configuração a Cristo pobre, casto e humilde e consequentemente a uma maior aproximação ao verdadeiro sentido do sacerdócio ministerial de Cristo. Fazendo, assim, o que Cristo continua a fazer, o sacerdote ordenado, «de igual forma é enriquecido de graça especial para que, servindo todo o Povo de Deus e a porção que lhe foi confiada, possa alcançar de maneira conveniente a perfeição daquele que por nós se fez pontífice “santo, inocente, impoluto, separado dos pecadores” (Heb 7, 26).»<sup>319</sup> Isto quer dizer que, a partir desta própria aproximação a Cristo e fruto do momento em que representa Cristo através dos sacramentos, o sacerdote ordenado é enriquecido com o carácter próprio do ministério ordenado, capaz de o levar a assumir plenamente a figura de Cristo perante a comunidade. Esse carácter atua no sacerdote ordenado plenamente quando, pelo poder do Espírito Santo, este

---

<sup>316</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 326.

<sup>317</sup> Pe. Emilio Justo, «Sacerdócio e celibato: uma leitura teológica do caminho da Igreja», em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio* vol. I (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 280.

<sup>318</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 327.

<sup>319</sup> Pe. Jacques Servais, «O Sacerdócio como Ministério do Amor», em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, vol. II (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 34.

torna presente o Cristo vivo através da celebração dos sacramentos na comunidade e noutros serviços. Por isso:

o ‘carácter’, por outras palavras, guarda a fonte cristológico-pneumatológica da salvação (é a graça de Cristo que opera através do ministro) e, por consequência, também o destino eclesial da mesma salvação (a comunidade está ‘primeiro’ que o ministro, e por isso a sua edificação não pode depender essencialmente das disposições subjetivas dele). Sem este dom permanente, a comunidade estaria à mercê de condições morais e psicológicas em constante mudança de que o guia e, portanto, o ministro seria, no verdadeiro sentido da palavra, um ‘mediador’ e não um ‘servo’.<sup>320</sup>

O carácter acaba então por ser o garante tanto do ministro como da própria comunidade visto que é Cristo que atua através do ministro e conseqüentemente atua na comunidade em que ele está inserido. Assim, o carácter é fundamento e fonte de toda a presença de Cristo e da Igreja através do ministro. Pelo carácter recebido, deixa de existir a vontade do ministro para se sobrepor a vontade de Cristo na medida em que através do dom, Cristo atua e se torna o verdadeiro mediador da comunidade crente. Percebemos então que «o ministério presbiteral é, essencialmente, ministério sacramental da unidade; ministério que deve orientar toda a sua ação para a unidade com Deus e com os outros e que também é chamado a viver, ele próprio, essa unidade»<sup>321</sup> com a própria Igreja que é chamado a servir.

Neste sentido, necessitamos de compreender que a “representação” sacramental de Cristo no sacerdote ordenado fundamenta a “representação” da Igreja no sacerdote ordenado.<sup>322</sup> Porque o sacerdote ordenado é presença sacramental de Cristo, este é inserido na Igreja em prol da mesma. O ministério ordenado compreende-se porque, além de representar Cristo, representa também a Igreja. Claro está que a “repraesentatio Ecclesia” não esgota a “repraesentatio Christi”, antes esta é que fundamenta a anterior, contudo não podemos deixar de lado que o ministro representa Cristo diante da Igreja e nela revive todo o carácter sacerdotal que recebe através da graça do Espírito Santo. Assim, «o ser-para-a-Igreja, povo sacerdotal, é constitutivo do ministro ordenado ao ponto de representar a forma da sua própria santidade. É na diaconia que, em conformidade com a abordagem neotestamentária, se reconhece a particularidade do ministério ordenado.»<sup>323</sup> É no serviço à Igreja particular que o ministro ordenado se reconhece como aquele que atua *in persona Christi capitis*. Só através da Igreja é que o ministro ordenado consegue vivenciar e experimentar tudo aquilo que é ser sacerdote tal como Jesus o é. Porque Jesus instituiu o sacerdócio em Igreja é que o sacerdócio só é plenamente e verdadeiramente vivido em Igreja. Torna-se então evidente que «o serviço e a

---

<sup>320</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 306.

<sup>321</sup> Greshake, «Ser padre numa Igreja em Transformação», 66.

<sup>322</sup> Cf. Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 309.

<sup>323</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 310.

dedicação, animados pela caridade pastoral, num processo de configuração que passa pela *kenose* ministerial e que será sempre uma tarefa não plenamente cumprida, podem ser considerados como uma tradução concreta do carácter entendido na sua instância teológica profunda e em seu significado espiritual para o exercício e vivência do ministério ordenado.»<sup>324</sup>

Por isso, é mais do que necessário e fundamental perceber que:

o grande desafio contemporâneo parece exigir que se encontre um novo ponto de equilíbrio entre a pertença do presbítero à comunidade e o seu estatuto de ser perante a comunidade. O facto de ele não ser originário da comunidade; o facto de ter uma formação num contexto muito próprio; o facto de ser celibatário e não ter uma profissão dita profana; o facto de não ficar toda a vida na mesma paróquia; o facto de ser mais ou menos itinerante, não sendo já bem de paróquia nenhuma- tudo isto parece ajudar a sustentar o seu estatuto de enviado à comunidade, em nome de algo ou alguém que não é a própria comunidade, nem por ela originado.<sup>325</sup>

Claro que o ministro pertence à comunidade e deve encontrar nela bases e motivações para continuar a obra de Cristo que ele próprio foi chamado a continuar. Contudo, não podemos deixar de lado que o ministro deve ser ajudado pela comunidade que está a servir. Não nos podemos agarrar a centralismos que nos levam a descartar a responsabilidade que a própria comunidade tem perante si própria. O ministro é, como vimos, o enviado à comunidade para a ajudar a crescer espiritualmente. O ministro não é o centro da comunidade nem por si só aquele que é dono da comunidade. É necessário pois voltarmos àquilo que é realmente necessário: o ministro assume a figura da presidência diante da comunidade visto que, pelo poder do Espírito Santo se torna ministro de Cristo. Contudo, não é a figura principal da comunidade e por isso é cada vez mais necessário que de entre a comunidade surjam pessoas capazes de assumir a verdadeira função da Igreja: ajudar todos os filhos de Deus.

No fundo, a identidade do ministro deve ser visivelmente diferente porque está alicerçada à identidade de Cristo que é nada mais nada menos do que a identidade de um servo. Por isso, a identidade daquele que assume seguir Cristo deve ser a identidade de um servo que se ajoelha e trata dos que estão feridos tal como o Mestre o fez; deve ser a identidade de alguém que assume as dores daqueles a quem está a servir.

---

<sup>324</sup> del Cura, «“En la fuerza del Espíritu Santo”: dinamismo pneumatológico y espiritualidad sacerdotal», 138.

<sup>325</sup> Grupo de Teólogos de Braga, «A face mutante do presbítero», em *À Escuta da Palavra* - (Prior Velho: Paulinas, 2011), 81.

### 3.3. A assemelhação do presbítero com Cristo

Até agora conseguimos perceber que o presbítero possui uma identidade própria derivada da sua condição, condição essa que o configura de forma particular a Cristo. Por um lado, percebemos que o presbítero deve identificar-se perfeitamente com Cristo, Aquele que é o Sumo-Sacerdote da Nova Aliança. Deve ser imagem d'Ele e mostrar, nos seus atos e palavras o Cristo vivo que atua através dele mesmo. Contudo, a identidade do presbítero alicerçada a Cristo, não se esgota naquilo que acabámos de refletir. A grande novidade que Cristo veio trazer é que é extremamente necessário assemelharmo-nos àqueles a quem servimos.

Cristo «apresenta-se como aquele que veio para servir. Ele é o Servo Sofredor, é manso e humilde de coração, nasce num estábulo e é sepultado num túmulo emprestado»<sup>326</sup>, isto quer dizer que Cristo não se apresenta como Aquele que é diferente dos outros (além de o ser por causa da sua divindade), contudo, assume totalmente a condição de servo, humilhando-se e rebaixando-se, tornando-se em «tudo igual a nós exceto no pecado»<sup>327</sup>. A par disto, e perante a sua condição, reparamos que o sacerdócio de Cristo não é como era o sacerdócio dos antigos judeus:

vemos que no AT o sacerdócio não era uma vocação, mas sim uma dignidade que prevalecia na casa de Levi e Aarão. Ora, Cristo, sabe-se que era da casa de Judá, casa de que nem Moisés falou acerca de existirem nela sacerdotes. Então, como é que Cristo possui este poder sacerdotal? Além disso, Cristo nunca assumiu funções sacerdotais no Templo e para os sacerdotes Ele era visto como uma pessoa hostil. A morte na Cruz separa-O totalmente da dignidade que possuía. Ainda que a condenação de Jesus pudesse ser vista como injusta, o facto é que nem a pessoa de Jesus nem a sua obra se mostravam de acordo com a imagem que se fazia de um Messias Sacerdote.<sup>328</sup>

Isto quer dizer que, mediante todos os atos de Jesus enquanto homem, era impossível ver n'Ele um Sumo Sacerdote como até então existiam no Templo. Ora, é precisamente aqui que reside toda a novidade do sacerdócio de Jesus Cristo: o sacerdócio deixa de ser visto como aqueles que estão afastados do povo e, portanto, mais próximos de Deus, para se tornarem naqueles que estão mais próximos do povo e conseqüentemente mais próximos de Deus. «A novidade maravilhosa do sacerdócio de Cristo é que foram suprimidas as barreiras e separações entre os cristãos e Deus: entre povo, o sacerdote, a vítima e Deus. E isto deve ser continuado pelo sacerdócio da nova lei.»<sup>329</sup> Tal como nos diz a *Carta aos Hebreus*, Cristo «entrou de uma vez para sempre no “Santo dos Santos”, não com o sangue de bodes e de bezerras, mas com o

---

<sup>326</sup> O'Malley, OFM CAP., *Procura-se amigos e Lavadores de Pés*, 179.

<sup>327</sup> Oração Eucarística IV, *Missal Romano*, 521.

<sup>328</sup> Couto, *A Eucaristia, o Sacerdócio, e Jesus, o Filho*, 63.

<sup>329</sup> Borobio, *Ministerio Sacerdotal, Ministerios Laicales*, 167.

seu próprio sangue, obtendo assim uma redenção eterna» (Heb 9, 12), querendo isto dizer que, através da sua oferta perfeita, o seu único sacrifício, Ele próprio se torna sumo-sacerdote para sempre unindo de forma mais perfeita aqueles que até agora se encontravam separados de Deus. Se nos ritos judeus, o sumo-sacerdote deveria afastar-se do povo para se *eleva*r até Deus estabelecendo uma relação direta com Deus e posteriormente *eleva*r também os homens, com Jesus Cristo é necessário precisamente o contrário: Ele que está estritamente ligado ao Pai por causa da Sua divindade, deve rebaixar-se totalmente até à morte mais infame para estabelecer a sua fraternidade radical com os homens.<sup>330</sup> Em Jesus vemos que a assemelhação que Ele assume no momento da Encarnação torna-se a porta principal para elevar à dignidade do sacerdócio aqueles que de antemão escolheu. Porque Cristo se torna humano, faz com que o ser humano se coloque mais próximo de Deus. Isto quer dizer que a «atitude de Jesus Cristo, declarado Sumo-Sacerdote [...] opõem-se também às ideias tradicionais dos Judeus piedosos, que tinham em grande conta a “santidade” do sacerdócio e velavam escrupulosamente para que fossem sempre salvaguardadas as separações legais entre o Sumo-Sacerdote e o mundo profano.»<sup>331</sup> Em tudo isto, deparamo-nos com a diferença substancial que Jesus veio trazer quando instaura o sacerdócio a partir precisamente da Sua entrega voluntária.

Ao olharmos para Heb 2, 17, lemos que «tinha de se tornar em tudo semelhante aos seus irmãos, para ser um sumo-sacerdote misericordioso e fiel [...]» Portanto, era necessário que Cristo se tornasse semelhante àqueles que vinha salvar, era importante que renunciasse a todos os privilégios, se identificasse radicalmente com os membros do seu povo e se humilhasse até ao extremo da sua paixão<sup>332</sup> a fim de que, mediante todo este rebaixamento, nos chamasse de volta à dignidade de Filhos de Deus. O facto de «se tornar em tudo semelhante aos seus irmãos» (Heb 2, 17), implica necessariamente assumir também a morte como algo necessário para atingir a plenitude do sumo-sacerdócio. Tal como diz em Heb 2, 18 «é precisamente por ter sido posto à prova no sofrimento que Ele é capaz de vir em socorro daqueles que são postos à prova», que são precisamente os seus irmãos de quem Ele se tornou semelhante, condição essa que o faz aceder ao verdadeiro sumo-sacerdócio.<sup>333</sup> Contudo, «a misericórdia de Jesus para com a humanidade constitui a característica essencial da sua mediação sacerdotal»<sup>334</sup>: aquilo que diferencia a atitude de Jesus é precisamente a misericórdia com que Ele atua e age em prol da Humanidade decaída. Não bastava o maior ato de misericórdia que era assumir a condição

---

<sup>330</sup> Cf. Couto, *A Eucaristia, o Sacerdócio, e Jesus, o Filho*, 71-72.

<sup>331</sup> Couto, *A Eucaristia, o Sacerdócio, e Jesus, o Filho*, 70.

<sup>332</sup> Cf. del Cura, «“En la fuerza del Espíritu Santo”: dinamismo pneumatológico y espiritualidad sacerdotal», 109.

<sup>333</sup> Cf. D. António Couto, «Há-de cumprir-se o sacerdócio», em *À Escuta da Palavra - Congresso Internacional sobre o Presbítero* (Prior Velho: Paulinas, 2011), 26.

<sup>334</sup> Couto, «Há-de cumprir-se o sacerdócio», 33.

humana, que além disso, Cristo escolhe o sofrimento para demonstrar que o verdadeiro sacerdócio passa pela oferta da vida ao outro e não pela distância que anteriormente prevalecia. Podemos então dizer que:

tinha, portanto, de atravessar o sofrimento e de ir até à morte, com um olhar novo de misericórdia, que não se dirige ao pecado de alguém, mas ao seu sofrimento, e que não tem nada a ver com o “desgraçado culto do sofrimento”. É por isso que Ele tem de tomar o nosso corpo, de assumir a nossa condição, o nosso pecado, a nossa morte, as nossas reversões, para as levar até ao ponto de irreversibilidade.<sup>335</sup>

Assumir o sofrimento, em Cristo, é antes demais depositar a misericórdia de Deus através do seu maior ato de reparação pelos nossos pecados. Ao tornar-se o sumo-sacerdote da Nova e Eterna Aliança, Cristo entrega-se a Ele mesmo ao Pai como vítima e sacerdote ao mesmo tempo do único sacrifício. Assim:

a consagração sacerdotal de Cristo não se efetuou, como a dos sumos sacerdotes judeus, por meio de um ritual de separação, mas sim por meio de um acontecimento no qual Ele levou ao extremo a sua solidariedade para conosco. Por conseguinte, a transformação obtida não podia se restringir somente a Ele, pois isso teria entrado em contradição com o próprio ato que a havia produzido: essa transformação tinha de incluir necessariamente um dinamismo de transmissão.<sup>336</sup>

Pelo seu ato de entrega, Cristo rompe perfeitamente a identidade sacerdotal que estava fundamentada nos sacerdotes judeus, para dar lugar a uma nova imagem de sacerdócio: um sacerdócio que é vivido através da entrega assumindo o sofrimento, para dar lugar à vida nova da graça que daí iria brotar. Não é pelos seus pecados que Cristo assume o sofrimento da humanidade, é sim para a salvação desta mesma que o próprio Deus se entrega na Cruz. Assim, o sacerdócio, à maneira de Cristo, torna-se sacerdócio de entrega, de doação, capaz de se tornar em tudo igual aos seus irmãos, a fim de que o ato de remissão dos pecados, seja para eles fonte de uma graça inesgotável. Por isso, «todos os caminhos ou fios ou figurações passam pela assemelhação e vão dar à misericórdia»<sup>337</sup> na medida em que o próprio Cristo, pela sua Encarnação assemelha-se ao género humano e, através do seu ato reparador derrama a misericórdia a toda a Humanidade. O sacerdócio de Cristo «revela e realiza a sua secreta intencionalidade: oferecer, como graça, a mediação necessária para que a Humanidade viva a plena e infinita comunhão com Deus, preenchendo a lacuna, insuperável em si mesma, que separa uma da outra e que é exacerbada pela realidade do pecado.»<sup>338</sup> Porque Cristo nos revela o seu sacerdócio, a Humanidade deixa de estar como que separada das realidades últimas, para

---

<sup>335</sup> Couto, «Há-de cumprir-se o sacerdócio», 32.

<sup>336</sup> Albert Vanhoye, *A Mensagem da Epístola aos Hebreus* (São Paulo, Brasil: Edições Paulinas, 1983), 78.

<sup>337</sup> Couto, «Há-de cumprir-se o sacerdócio», 34.

<sup>338</sup> Coda, «Fundamento Cristológico do Sacerdócio: Mistério Pascal, Eucaristia, Eschaton, Maria», 140.

deste modo, se tornar uma só em Cristo. O sacerdócio de Cristo deve então ser visto como a união de Deus com a humanidade e não a separação desta perante Deus. Em Cristo não existe separação nem diferenciação, existe sim união das duas realidades onde a salvação acontece e a graça se faz presente através de um só ato. «Na sua Paixão, Cristo levou além de qualquer limite a sua obediência ao Pai e a sua solidariedade para com os irmãos; assim, ele levou a sua relação com Deus e a sua relação com os homens a uma perfeição insuperável, selando a união dessas duas relações no mais profundo do seu ser.»<sup>339</sup>

Cristo é então Aquele que, pelo poder de um só gesto une a terra e os céus. Consequentemente, deixamos de lado qualquer espécie de “poder” proveniente da ideia de que o sumo-sacerdote era diferente necessariamente dos outros porque estava mais perto de Deus, para passarmos à ideia do “serviço” onde aquele que serve está igualmente perto de Deus, mas também e necessariamente mais perto do povo a quem serve. Assim, «aí estão as coordenadas exatas do lugar do sacerdote e do bispo: entre Deus e o povo. Mais concretamente: pertinho de Deus, mas de um Deus que faz carícias ao seu povo, o suficiente para lhe entregar esta carícia de Deus.»<sup>340</sup> Ao olharmos então para Cristo, tomamos conta de que através da sua entrega Ele próprio se torna Aquele que estabelece a união mais perfeita entre Deus e o povo. Por isso,

na oferta que Cristo fez da sua vida ao Pai pela salvação de todos os homens, a cruz torna-se um ato consagrador por excelência, não por separação, mas por comunhão com o Pai e com todos os homens. Cristo cumpre o seu ministério na cruz: do lado rasgado na cruz, Jesus gera a Igreja, da qual é Esposa, nos sinais do sangue e da água; da cruz brota o carisma da paternidade espiritual, dom que o Ressuscitado concede àqueles que são chamados a continuar o seu ministério até ao fim dos tempos.<sup>341</sup>

Aqueles que são chamados assumem, portanto, aquilo que Cristo fez, disse e viveu. Na vida do sacerdote ordenado não pode existir dicotomia entre a função no culto e o serviço humilde que deve prestar<sup>342</sup>, pois é chamado a realizar aquilo que Jesus fez aos seus. Por isso, tal como Jesus viveu a assemelhação com os seus, o sacerdote ordenado é impelido a viver esta mesma assemelhação com os olhos fixos em Jesus. Isto quer dizer que aquilo que Jesus fez, disse e viveu, deve ser feito, dito e vivido pelo sacerdote ordenado que assume a figura de Cristo como modelo a seguir. A assemelhação a Cristo passa então por querer simplesmente aquilo que Ele mesmo quis enquanto homem: servir o povo por quem se fez carne. Se o Verbo de Deus se torna humano para servir o povo, então o sacerdote ordenado deve cumprir o que Jesus fez e faria hoje, seguindo o Seu exemplo em tudo, e principalmente no serviço. Jesus instaura

---

<sup>339</sup> Albert Vanhoye, «A Mensagem da Epístola aos Hebreus», 64.

<sup>340</sup> Couto, *A Eucaristia, o Sacerdócio, e Jesus, o Filho*, 56.

<sup>341</sup> Ghirlanda, sj, «Vida Santa e Ministério Sagrado: Perspetiva Teológico-Canónica», 244-245.

<sup>342</sup> Cf. O'Malley, OFM CAP., *Procura-se amigos e Lavadores de Pés*, 180.

precisamente o sacerdócio ordenado no momento do lava-pés para deixar claro que a assemelhação do sacerdote ordenado é precisamente a partir daquele gesto concreto. Todos os gestos de Jesus vão de encontro àquela quinta-feira onde Ele lava os pés dos doze, mostrando assim que o sacerdócio é o rebaixamento total perante o outro, não como forma de punição, mas livre e cheio de amor quando se realiza. Podemos então dizer que «na Última Ceia, a primeira Eucaristia e a primeira Ordenação são prefaciadas pelo mais absoluto gesto de hospitalidade, quando Jesus lava os pés dos seus discípulos»<sup>343</sup>, querendo, pois, dar a entender que o espírito de hospitalidade e entrega deve ser o mote da vida de cada ministro que quer seguir Jesus Cristo.

O sacerdote ordenado deve, por isso, demonstrar que todo o seu ministério se rege a partir daquele gesto de Jesus, que «[...] o exercício do sacerdócio, instituído naquele contexto, ficará então indelevelmente marcado, desde o seu início, pelo serviço aos outros. Os Apóstolos serão sacerdotes para servirem os homens como Jesus serviu a Humanidade. Para lavarem os pés de todos, um por um. Para darem o alimento sobrenatural a todos, um a um.»<sup>344</sup> O facto de serem sacerdotes, tal como o Senhor é sacerdote, faz com que todo e qualquer ministro se aproxime de Cristo no jeito de servir e de ser para os outros. Foi a partir dos Apóstolos que Jesus quis precisamente deixar o sacerdócio como marca da sua missão na terra. Por isso mesmo, «a missão de servo que Cristo recebeu do Pai e transmite aos apóstolos e estes a colaboradores e sucessores para edificação eclesial é o dado primordial do qual decorre que há tarefas particulares de um para os outros. O ‘poder’ de Cristo é para o ‘serviço’: e todo o poder que Cristo transmitiu à Igreja é dentro da mesma lógica diaconal»<sup>345</sup>, isto quer dizer que o serviço passa, depois do gesto do lava-pés, a ser a missão que tanto os Apóstolos como os seus sucessores devem exercer.

A partir de Cristo, todo aquele que o deseja imitar deve assumir esta mesma condição de servo a fim de continuar o mandamento novo do Senhor. No fundo, «o sacerdócio não pode deixar de ser recebido e pensado primeiro como o de Cristo, “Sumo Sacerdote” (Carta aos Hebreus) que subverte e cumpre a semântica veterotestamentária do sacerdócio»<sup>346</sup> o que quer dizer que, o sacerdócio dos discípulos de Jesus não é de todo o sacerdócio que até então imperava na medida em que estava destinado a famílias existindo assim previamente uma distinção, para ser um sacerdócio misericordioso e fiel (Cf. Heb 2, 17) seguindo precisamente

---

<sup>343</sup> O'Malley, OFM CAP., *Procura-se amigos e Lavadores de Pés*, 39.

<sup>344</sup> Pimentel, *O Sacerdócio, um Serviço de Amor*, 9.

<sup>345</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 301.

<sup>346</sup> Capelle-Dumont, «O Sacerdócio Ministerial e o Sacerdócio Batismal numa era de mudança. Questões teológicas e desafios pastorais», 106.

as pegadas do Mestre. Por isso mesmo existem alguns marcadores principais que de certo modo apontam para a missão do sacerdote à maneira e conforme o estilo de Jesus. Assim sendo,

o sacerdote deve “em tudo ser semelhante aos seus irmãos”, indo ao seu encontro, abaixando-se até eles para lhes lavar os pés e a alma; todos os seus passos devem ser movidos pela misericórdia, amor entranhado e maternal, que o deve levar a dar a vida pelos seus filhos, nunca se limitando a “passar ao lado deles”; o seu estilo deve ser o estilo do Bom Pastor, que dá a vida pelas suas ovelhas, que vai à procura da ovelha perdida até a encontrar, dedicando a todos e a cada um o tempo todo, de forma personalizada; [...] a busca da ovelha perdida, com amor paternal e maternal dedicado e sem termo à vista, é hoje um marcador importante da missão sacerdotal; o estilo passa pela “comoção” do “como”: “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei”; “como Eu vos fiz, fazei vós uns aos outros”; “como o Pai me enviou, também Eu vos envio”(Jo 20, 21) [...]; é ainda importante ter em conta que o sacerdote é chamado a ser líder-pioneiro (*archegós*) à maneira de Jesus: deve, por isso, saber o caminho, mostrar o caminho e fazer o caminho, ensinando e entusiasmando as ovelhas a segui-lo.<sup>347</sup>

Em suma, o sacerdote ordenado deve-se tornar próximo do povo a ele confiado, tal como Jesus o fez, com a sua humildade, mansidão, hospitalidade e amor. Ser imagem de Cristo Bom Pastor é andar à procura da ovelha perdida a fim de a trazer para o redil, é estar sempre disposto para acolher, escutar, ensinar e caminhar com o povo. Em tudo isto impera a máxima da misericórdia e da hospitalidade com que se acolhe aquele que estava perdido e foi encontrado (Cf. Lc 15, 32). De facto, Jesus é o Mestre da hospitalidade, aquele que acolhe os pecadores, come com eles e os converte à Boa-Nova do Evangelho. Também o sacerdote ordenado, no seu ministério deve anunciar através da hospitalidade. «A hospitalidade tem a ver com tecer relacionamentos e formar comunidade, [...] a hospitalidade tem de ser contagiosa e deveria começar pelo espírito de abertura e atitude acolhedora do clero - que ensina mais pelo exemplo e testemunho do que pelas palavras.»<sup>348</sup> Viver a hospitalidade no ministério sacerdotal é sobretudo estar atento à comunidade em si e perceber que só a partir daí é que é possível mostrar Cristo. Por isso, «qualquer tarefa autenticamente sacerdotal deve estar marcada pela dimensão de serviço ou não será sacerdotal.»<sup>349</sup> A hospitalidade e o serviço caminham lado a lado na medida em que só acolhendo e escutando é que se mostra o verdadeiro serviço que o sacerdote é chamado a viver ao jeito de Jesus. Assim, torna-se evidente que o sacerdote ordenado é um servo, tal como Jesus é servo.<sup>350</sup> Quanto mais compreendermos a assemelhação de Jesus que se faz servo, mais conseguimos compreender a assemelhação que Ele tem para com o seu povo e consequentemente a assemelhação que o sacerdote ordenado deve ter perante Cristo.

<sup>347</sup> Couto, *A Eucaristia, o Sacerdócio, e Jesus, o Filho*, 76-77.

<sup>348</sup> O'Malley, OFM CAP., *Procura-se amigos e Lavadores de Pés*, 40.

<sup>349</sup> Pimentel, *O Sacerdócio, um Serviço de Amor*, 10.

<sup>350</sup> Cf. O'Malley, OFM CAP., *Procura-se amigos e Lavadores de Pés*, 90.

Por muito difícil que o ministério possa parecer, este deve ter sempre por base a relação íntima que o sacerdote ordenado tem com Jesus e com a sua comunidade. Esta mediação realizada pelo sacerdote ordenado, para ser eficaz, requer dele uma dupla relação: com os homens e com Deus<sup>351</sup>, o que o leva a ser capaz de ao mesmo tempo estar perto de Deus através da sua entrega e porque se entrega ficar cada vez mais perto dos homens. Assim, esta dupla relação é fundamental para o ministério sacerdotal vivido à maneira de Jesus. Claro que o ministério pode parecer “Cafarnaum”, por vezes confuso e desordenado, contudo, se os valores nazarenos da contemplação, oração, amizade próxima e um sentimento de fraternidade permanecerem<sup>352</sup>, podemos ter a certeza de que os frutos recolhidos do trabalho serão sempre favoráveis. Se a oração e a contemplação forem acompanhadas pelo serviço e pela humildade, qualquer ministério sobrevive a toda a adversidade visto que está fundado sobre a rocha. (Cf. Mt 7, 25) Portanto, o sacerdote ordenado deve, ao mesmo tempo, colocar-se ao serviço da evangelização o que implica estar numa igreja de portas abertas, ou como diz o Papa Francisco, numa igreja sem portas<sup>353</sup> para poder acolher aqueles que procuram Jesus. Conservar a fé é importante, tal como é importante evangelizar e ir ao encontro daqueles que estão longe. É necessário sempre este equilíbrio que faz com que o sacerdote permaneça sempre exatamente onde tem de estar: por dentro da vivência da própria comunidade, que vem ao seu encontro para se alimentar do pão da vida, enquanto ele vai ao encontro da comunidade para anunciar o Deus Vivo através do gesto concreto do serviço. Em tudo é necessário perceber que o ministério exige do sacerdote ordenado uma «atitude de humildade perante Deus, atitude através da qual o sacerdote permanece unido aos outros homens.»<sup>354</sup>

Podemos então afirmar que Jesus «queria deixar a sua graça aos seus e conceder-lhes a graça invisível por meio de um sinal visível. Esta é a finalidade de todos os sacramentos: o banquete eucarístico, o lava-pés e o próprio batismo, que é o primeiro sacramento e pelo qual somos enxertados na morte de Cristo.»<sup>355</sup> Todos os sacramentos acabam por ser este sinal

---

<sup>351</sup> Couto, «Há-de cumprir-se o sacerdócio», 31.

<sup>352</sup> Jesus passa trinta anos em Nazaré e três em Cafarnaum. O tempo em Nazaré é considerado o tempo de preparação, de lugar seguro e de intimidade; Cafarnaum é onde a vida pública de Jesus acontece, lugar de confusão, e de muito movimento. Tal como o nome indica, Cafarnaum quer dizer confusão, trapalhada, desordem. Também na vida sacerdotal existe Nazaré e Cafarnaum: Nazaré como tempo para crescer na intimidade com o Senhor através da Eucaristia e da Palavra, e Cafarnaum como tempo de ação pastoral com todos os seus desafios. É necessário primeiro permanecer em Nazaré para depois caminhar até Cafarnaum, já alicerçados com o que vivemos em Nazaré.

Para aprofundar este jogo de palavras de Nazaré e Cafarnaum consultar O'Malley, OFM CAP., *Procura-se amigos e Lavadores de Pés*, 32-42.

<sup>353</sup> Cf. Francisco, «Recitação do Terço com os jovens doentes», 2023 acedido a 12 de janeiro de 2024, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/august/documents/20230805-portogallo-rosario.html>

<sup>354</sup> Albert Vanhoye, «A Mensagem da Epístola aos Hebreus», 62.

<sup>355</sup> São Bernardo Claraval, *Obras Completas de San Bernardo*, vol. IV (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1983), 61.

visível de Cristo no meio de nós fazendo pois com que a graça atue através da vivência desses mesmos sacramentos. Cristo deixa aos seus Apóstolos e àqueles que ainda hoje o seguem a graça de o poderem celebrar através dos sacramentos mostrando assim que permanece vivo no meio da comunidade que por Ele se reúne. A partir destes sinais visíveis Jesus instaura, na vida do povo, uma nova forma de viver e de anunciar a Boa Nova. O sacerdócio ordenado é então o garante desta nova forma de viver a fé, assumindo aquilo que Cristo quis deixar como sinal do seu amor: a entrega e a misericórdia para com todos. Este é o grande sinal de Cristo que o sacerdote ordenado é, ainda hoje chamado a viver. Assemelhando-se a Cristo, o sacerdote ordenado passa a viver o ministério de forma livre entregando-se e colocando tudo nas mãos d'Aquele que o chamou a ser servo como Ele. Assim, «fica claro o rumo belo e novo que Jesus imprimiu ao sacerdócio: por assemelhação e não por separação, por misericórdia e mansidão e não por severidade, por despojamento e simplicidade, e não por ostentação e posse.»<sup>356</sup>

### **3.4. A assemelhação do presbítero com a Igreja**

Todo este caminho de serviço e humildade culmina precisamente na Igreja, lugar onde todos são chamados a adotar o mesmo estilo de Jesus. De facto, é em Igreja que se coloca em prática tudo aquilo que vimos até agora. Porque a Igreja faz parte do Corpo de Cristo, ela é também chamada a participar deste mesmo “sacerdócio” de diaconia e serviço, «se o ministério apostólico está destinado à Igreja, se toda a Igreja é apostólica, e esta apostolicidade implica um carácter sacerdotal, quer dizer que todo o povo de Deus é, de algum modo, sacerdotal, em virtude do novo sacerdócio de Cristo.»<sup>357</sup> A apostolicidade da Igreja deriva precisamente dos Apóstolos que viram e ouviram de perto aquilo que o Mestre lhes transmitiu. De facto, é a partir dos Apóstolos que a Igreja e os sacramentos se fundam, sinal da presença do Senhor mesmo depois da sua Ascensão. Para deixar todo este testemunho, Jesus instituiu os sacramentos para serem o garante desta mesma fé professada pelos primeiros Apóstolos e conseqüentemente transmitida de geração em geração. Por isso, «o ministério instituído por Jesus e atestado no Novo Testamento é, portanto, aquele carisma que, prolongando um aspeto da missão apostólica dos doze, se especifica como serviço para a edificação da comunidade com a autoridade e o exemplo que vêm de Cristo morto, ressuscitado e vivo.»<sup>358</sup> Viver a apostolicidade na Igreja é precisamente estar disposto a ser testemunha deste Cristo que está presente também na Igreja.

---

<sup>356</sup> Couto, *A Eucaristia, o Sacerdócio, e Jesus, o Filho*, 77.

<sup>357</sup> Borobio, *Ministerio Sacerdotal, Ministerios Laicales*, 165.

<sup>358</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 302.

Todos os batizados são chamados a tomar parte do sacerdócio filial de Cristo visto que, pelo Batismo se tornam membros do seu Corpo<sup>359</sup>, cooperando no anúncio do Reino pelo poder do Espírito Santo. Podemos então dizer que:

a Igreja é, portanto, apropriadamente descrita pelo Concílio Vaticano II como *communitas sacerdotalis* (LG, n. 11), pois Cristo não só “a associa sempre a si mesmo como sua esposa muito amada” na celebração da divina liturgia enquanto “exercício do [seu] ministério sacerdotal” (cf. SC, n. 7); mas configura igualmente a sua missão na história como sacramento, em si mesmo, “da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano” (cf. LG, n. 1), introduzindo, pela Igreja, na sociedade, essa luz e essa força que emanam do Espírito Santo derramado da sua Páscoa, nos corações (cf. Gal 4,6) e que se tornam operantes pela fé, esperança e caridade (GS, n. 42).<sup>360</sup>

A Igreja está assim associada invariavelmente ao sacerdócio de Cristo. Pelo Batismo, sacramento de iniciação, toda a Igreja é chamada a participar do único sacerdócio de Cristo capaz de oferecer o único sacrifício. Assim, «os cristãos, são “sacerdotes”, não em virtude do serviço do sacrifício, mas em virtude do sacrifício de Cristo, na medida em que por nós Cristo segue realizando o seu serviço salvador, associando-nos à sua obra. O nosso sacerdócio não é outro senão o único sacerdócio de Cristo, realizando-se, prolongando-se em nós.»<sup>361</sup> Para continuar esta apostolicidade que a Igreja é chamada a exercer e para continuar a participação neste único sacerdócio de Cristo, é necessária antes de mais uma «assimilação ao seu ser e agir na forma de vida que Ele viveu nesta terra, e especificamente na participação na sua cruz e ressurreição.»<sup>362</sup> A Igreja deve, portanto, também assemelhar-se a Cristo que se fez humano para mostrar o caminho que devemos seguir.

Torna-se cada vez mais necessário tomarmos consciência de que a assemelhação a Cristo que o sacerdote ordenado deve assumir não está muito longe da assemelhação que a Igreja também deve experienciar. Claro que o tipo de assemelhação é necessariamente diferente porque leigos e sacerdotes ordenados consagram-se de forma diferente ao Senhor por isso mesmo «os sacramentos de consagração são sempre sinais de eterna consagração existencial ontológica do homem, e também oferecimento eficaz para um crescimento da graça santificadora, isto é, para uma aceitação existencial cada vez mais radical da santidade fundamental do homem, desde a liberdade.»<sup>363</sup> Parte, portanto, da liberdade do ser humano escolher o caminho que quer para a sua vida, contudo sempre unido a Cristo. Em tudo sacerdotes ordenados e leigos estão unidos a Cristo como membros de um só Corpo que é a

---

<sup>359</sup> Cf. Ouellet, «O Espírito Santo e o Sacerdócio de Cristo na Igreja: Uma Perspetiva Trinitária Fundamental», 127.

<sup>360</sup> Coda, «Fundamento Cristológico do Sacerdócio: Mistério Pascal, Eucaristia, Eschaton, Maria», 142.

<sup>361</sup> Borobio, *Ministerio Sacerdotal, Ministerios Laicales*, 165.

<sup>362</sup> Ghirlanda, sj, «Vida Santa e Ministério Sagrado: Perspetiva Teológico-Canónica», 247.

<sup>363</sup> Borobio, *Ministerio Sacerdotal, Ministerios Laicales*, 196.

Igreja. Para isso é necessária a aproximação a Cristo morto, sepultado e ressuscitado que nos mostra a verdadeira forma de ser e de estar em Igreja. Não podemos esquecer que:

a radicalidade do amor de Deus, feito serviço de uma forma extraordinária em Cristo e manifestada de modo privilegiado na encarnação e no mistério pascal, é a origem e a causa última, não só do mistério da Igreja, mas também da sua diaconia e serviço. A Igreja, enquanto continuadora da missão de Cristo, enquanto sacramento de salvação para o mundo, enquanto encarregada do ministério da reconciliação, é constitutiva e essencialmente diaconia e serviço.<sup>364</sup>

O que quer dizer que, em tudo, a Igreja é feita para servir e estar ao serviço. Não só o sacerdote ordenado como líder da comunidade, mas também toda a Igreja entre si como membro que brota conseqüentemente desta origem em Jesus Cristo.

Dentro da Igreja existem então necessariamente diferenças entre leigos e sacerdotes ordenados fruto da diferença da sua entrega ao Senhor. Tal como Cristo tem duas naturezas, «“sem confusão, sem mudança, sem divisão e sem separação”, poder-se-á dizer que a Igreja tem duas naturezas, clérigos e leigos, das quais se pode dizer como de Cristo que a diferença de naturezas não é suprimida de forma alguma por causa da união, sendo salvaguardada a propriedade de uma e outra natureza.»<sup>365</sup> Assim, sendo, a diferença existente não é uma questão de estatuto nem de superioridade, é sim uma diferença essencial na medida em que o sacerdócio ministerial é essencialmente diferente do sacerdócio comum dos fiéis. É evidente que:

as duas formas de sacerdócio se convocam mutuamente, pois o exercício do sacerdócio universal é a única finalidade do sacerdócio ministerial, que, como tal, se coloca completamente ao serviço do primeiro; o qual, por sua vez, não pode ser dado, a menos que seja gerado e nutrido pelo único sacerdócio de Cristo, apresentado sacramentalmente pelo ministério ordenado [...] Justamente pela qualidade peculiar e inalienável desse ministério, a diferença entre os dois não é de grau (ou seja, não envolve uma relação de superioridade/inferioridade), mas de essência (na medida em que expressa duas realidades formalmente diferentes, que não podem e não devem entrar em competição ou, pior ainda, em conflito uma com a outra), mas, precisamente, são “ordenadas” uma em relação à outra.<sup>366</sup>

Porque fazem parte do mesmo sacerdócio de Cristo, o sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum dos fiéis devem por isso mesmo completar-se na única missão de anunciar Cristo Vivo a toda a criatura.

É certo que o presbítero é responsável pelo rebanho do Senhor! Mas esse rebanho não é, nem o seu rebanho, nem a sua comunidade, senão o rebanho de Jesus Cristo e a Igreja de Deus. Por isso, para o presbítero é infinitamente importante que ele se apoie nos crentes que com ele caminham, os quais

---

<sup>364</sup> Borobio, *Ministerio Sacerdotal, Ministerios Laicales*, 212.

<sup>365</sup> Pe. Jean-Robert Armogathe, «O Sacerdócio nos Padres da Igreja», em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, vol. I (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 62.

<sup>366</sup> Coda, «Fundamento Cristológico do Sacerdócio: Mistério Pascal, Eucaristia, Eschaton, Maria», 146.

não lhe exigem, permanentemente, que cuide ele de todos os assuntos eclesiais, mas que se sentem todos empenhados numa tarefa comum, a de serem colaboradores para o Senhor, esperando do presbítero, sobretudo, o testemunho da fé e o apoio nesse testemunho.<sup>367</sup>

Deve, portanto, existir uma colaboração mútua entre leigos e sacerdotes ordenados naquilo que diz respeito à vida da comunidade em si. Não devemos estar à espera de que o sacerdote ordenado esteja encarregue de todos os assuntos eclesiais, mas também não devemos esperar que os leigos assumam funções que não são as deles. É necessário redescobrirmos este equilíbrio na comunhão entre as duas expressões do sacerdócio, visto que a fonte é a mesma. Ao entrarmos neste equilíbrio começamos a dar-nos conta que, de facto, apesar da diferença da essência entre o sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum dos fiéis, existem pontos em que tanto um como outro são chamados à mesma função: servir como Jesus Cristo. Por isso mesmo, «a unidade sintética da Igreja une leigos e clero, do mesmo modo que a humanidade e a divindade de Cristo estão unidas; assim, a diferença não é apenas acidental ou funcional: é constitutiva do próprio ser da Igreja, Corpo de Cristo. Cada uma das duas realidades são a mesma coisa uma para a outra: uma é para a outra, mutuamente, o que cada uma é de facto para si mesma.»<sup>368</sup>

Assim sendo, as funções sacerdotais acabam por ser necessariamente diferentes tendo em conta as diferentes realidades que ambas servem. Fruto precisamente do seu ministério,

o sacerdote ministerial, pelo seu poder sagrado, forma e conduz o Povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico fazendo as vezes de Cristo e oferece-o a Deus em nome de todo o Povo; os fiéis, por sua parte, concorrem para a oblação da Eucaristia em virtude do seu sacerdócio real, que eles exercem na receção dos sacramentos, na oração e ação de graças, no testemunho da santidade de vida, na abnegação e na caridade operante. (LG n. 10). Com efeito, o sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial constituem duas participações essencialmente diferentes, no único sacerdócio de Cristo – já que a sua origem sacramental é diferente: Iniciação Cristã e Ordem -, existindo o sacerdócio ministerial ou hierárquico ao serviço do sacerdócio.<sup>369</sup>

Este serviço pleno do sacerdócio ministerial acontece principalmente por meio da Eucaristia. O sacerdote ordenado oferece em seu nome e em nome do povo o sacrifício eucarístico, mas também o povo o oferece na medida em que pela fé acredita no mistério que se torna presente no altar. Existe esta plena comunhão no momento da Eucaristia, ainda que seja vivida de forma diferente. Podemos então dizer que «a Eucaristia é, portanto, a fonte inexaurível de energia divina que vivifica a Igreja, que [...] se torna sinal e instrumento eficaz entre os homens do advento escatológico da *civitas Dei* em que Deus, no final, será “tudo em

---

<sup>367</sup> Greshake, «Ser padre numa Igreja em Transformação», 51.

<sup>368</sup> Armogathe, «O Sacerdócio nos Padres da Igreja», 63.

<sup>369</sup> Alberti, «Significado do Concílio Vaticano II para a Renovação Sacerdotal da nossa época», 91.

todos” (1 Cor 15, 28).»<sup>370</sup> Pelo mistério eucarístico a Igreja une-se em volta do mesmo altar para celebrar o mesmo Cristo que se volta a oferecer para a salvação do povo. Tudo começa e culmina na oferta de Cristo sobre o altar. É esta a fonte da vida que é partilhada pela Igreja universal e que o sacerdote ordenado, de modo perfeito, oferece no momento da celebração eucarística. Assim,

o dom da vida de Deus Trindade, do qual a Igreja é sacramento, brota do Pai e, por meio do Filho crucificado e ressuscitado, é partilhado no Espírito Santo de modo pleno e sempre novo, por meio da Eucaristia, com todo o Povo de Deus. A Eucaristia é oferecida à Igreja por intermédio do sacerdócio ministerial, que torna presente o sacerdócio de Cristo na comunicação da vida de Deus – que é a vida do amor trinitário – aos irmãos e irmãs que assim a exercem por si mesmos, cada um no seu estado de vida e nas relações de amor que vivem uns para com os outros, ao serviço da sociedade e da família humana: antecipando, na tensão perseverante e generosa pela perfeição evangélica da caridade (cf. *LG*, n. 39), a promessa certa da Jerusalém celeste.<sup>371</sup>

É em vista da Jerusalém celeste que a Igreja se une em oração, guiada pelo sacerdote ordenado para que, por meio dele, a comunidade inteira se una mais intimamente ao Senhor. É precisamente por causa disto que «o presbítero, antes de mais nada, deve estar no meio da comunidade, como homem espiritual, e estar aí para os humanos, orientado para o Evangelho e em relação pessoal com o Senhor. Ele tem de fazer aquilo que pode e na medida em que o pode, corretamente: convincentemente, em alegria, em entrega ao Senhor e à comunidade que lhe é confiada.»<sup>372</sup> É nesta dupla entrega que o sacerdote ordenado deve viver profundamente o seu ministério: em entrega ao Senhor e em entrega à comunidade. O sacerdócio ordenado deve ser vivido para a comunidade e na comunidade. A identidade comunitária deve estar visivelmente presente no sacerdote ordenado, fora da qual não é possível pensar o ministério,<sup>373</sup> na medida em que, pela sua ação missionária, se torna notório o seu ministério em prol de toda a Igreja. Portanto, o sacerdócio ministerial deve, fruto precisamente da sua identidade, estar em perfeita assemelhação com a comunidade que serve. Ao jeito de Jesus, o ministro é chamado a uma comunidade concreta para aí se configurar mais intimamente a Cristo, ao mesmo tempo que santifica e vive a experiência de Cristo juntamente com uma comunidade de fé a caminho da Jerusalém celeste. Por isso,

se ele é da comunidade e na comunidade, sendo para a comunidade e perante a comunidade, o seu ministério é um ministério da comunidade, que deve servir a comunidade enquanto tal - isto é, deve torná-la em comunidade unida, na diversidade dos seus membros e até nas tensões internas que isso implica; e deve torná-la sempre em comunidade cristã, isto é, em comunidade cuja identidade não

---

<sup>370</sup> Coda, «Fundamento Cristológico do Sacerdócio: Mistério Pascal, Eucaristia, Eschaton, Maria», 150.

<sup>371</sup> Coda, «Fundamento Cristológico do Sacerdócio: Mistério Pascal, Eucaristia, Eschaton, Maria», 158.

<sup>372</sup> Greshake, «Ser padre numa Igreja em Transformação», 55.

<sup>373</sup> Cf. Alberti, «Significado do Concílio Vaticano II para a Renovação Sacerdotal da nossa época», 95.

reside, simplesmente, nos modos da sua organização humana, mas no facto de ser originada por Cristo e ter uma missão específica no mundo em que habita.<sup>374</sup>

Por outro lado, a experiência pessoal que o sacerdote ordenado tem de Cristo é peça fundamental para fazer crescer a comunidade crente. No encontro pessoal com Cristo, o sacerdote ordenado fica capacitado para proclamar e anunciar aquilo que ele mesmo vive e experiencia ao longo da sua vida. Só é possível chegar à comunidade se aquele que está à frente da mesma for capaz de mostrar, não só por palavras, mas através do exemplo que é necessário manter uma relação de proximidade com o Senhor. E isso só é possível se o mesmo conseguir ter isso presente na sua vida diária. A vida de oração do ministro acaba assim por ser um ponto fundamental desta grande união entre ele e a Igreja. Só demonstrando uma coesa vida de oração é que o ministro consegue entrar na comunidade verdadeiramente, ou seja, só a partir do encontro com Cristo é que é possível alimentar a vida de toda uma comunidade que olha para o seu pastor e vê nele Cristo.

Só a comunicação pessoal de uma experiência pessoal de Cristo cria a comunhão, e o mistério ordenado faz isto. O pastor da Igreja é parte da comunidade, incarna em si um dos tantos carismas doados pelo Espírito para comunicar aos irmãos a própria experiência de Cristo. Só que o carisma específico do pastor faz da sua palavra quase o nó essencial da trama comunitária. Para ser apostólica a Igreja tem necessidade de recolher a multiplicidade dos seus carismas, por meio dos quais em mil e mil maneiras diversas se comunica a experiência de Cristo, à volta do ministério daqueles que pela imposição das mãos têm o dom de fundar toda a amplitude do evento sobre a sua raiz vital: o anúncio originário daquele Cristo que os apóstolos viram com os próprios olhos e tocaram com as próprias mãos.<sup>375</sup>

Assim, na plena vida de oração e na oferta da Eucaristia, tal como em toda a caridade pastoral, o sacerdote ordenado une-se ao seu povo em perfeita sintonia para entregar ao Pai o verdadeiro sacrifício, «a humanidade revestida de Cristo oferece ao Pai o amor infinito com que o seu Filho o amou e, com Ele, os homens que veio salvar. Introduzida, na cruz, no serviço sacerdotal, a Igreja “santa e irrepreensível” encontra-se, com o seu Esposo, no ponto de interseção entre a Terra e o Céu.»<sup>376</sup>

A verdadeira comunhão entre os sacerdotes ordenados e os leigos deve então ficar marcada pela Cruz de Cristo, garante de toda a Salvação. A partir desta, todo o ministério é fundamentado, não como ministério de superioridade, mas sim como ministério do serviço. Fica por isso excluída «toda a hierarquia de classificação, toda a superioridade do ministro sobre os outros fiéis: os ministérios não são ‘dignidades’ que revestem os que os detêm de uma

---

<sup>374</sup> Grupo de Teólogos de Braga, «A face mutante do presbítero», 82.

<sup>375</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 295.

<sup>376</sup> Servais, «O Sacerdócio como Ministério do Amor», 35.

superioridade em relação aos outros batizados, mas verdadeiros e próprios ‘serviços’ em favor dos outros batizados.»<sup>377</sup> O sacerdote ordenado é chamado a participar plenamente do único mandato de Cristo quando Ele diz: «Dei-vos o exemplo, para que, assim como Eu vos fiz, vós façais também.» (Jo 13, 15) Aquilo que o Mestre quer que todo o sacerdote faça, seja ele ministerial ou comum, é que siga o Seu exemplo e sirva aqueles que se abeiram para serem cuidados. O sacerdócio de Cristo é um sacerdócio de entrega, de humildade, de misericórdia e de serviço. Todo e qualquer sacerdócio que advém deste deve ter por base tudo aquilo que Jesus Cristo fez do seu sacerdócio.

Assim, em comunhão com toda a Igreja, como batizados que somos, devemos olhar para o sacerdócio de Cristo e ver nele o nosso próprio sacerdócio. Não o sacerdócio dos judeus, onde reinava a separação e a diferença, mas sim um sacerdócio do verdadeiro Sumo-Sacerdote, que Encarna e se faz um de nós, para demonstrar com o seu exemplo que o Céu e a Terra estão unidos através do serviço. Só através da assemelhação a este Cristo é que conseguimos verdadeiramente viver o sacerdócio a que Ele nos chama. Só a partir da assemelhação à Igreja é que percebemos verdadeiramente que o sacerdócio a que Jesus nos chama é ao sacerdócio da humildade, do serviço e do amor para com aqueles a quem estamos dispostos a dar a vida.

---

<sup>377</sup> Castellucci, *Il Ministero Ordinato*, 301.

## CONCLUSÃO

O episódio do lava-pés é, pois, o acontecimento central para repensarmos uma teologia do sacerdócio ministerial. Olhamos para o gesto e não vemos exaltações, vanglórias, honras ou títulos; vemos sim, humildade, serviço, entrega, misericórdia e amor. «Este gesto de Jesus é, pois, um gesto revelador que nos diz não só o que Jesus fez, mas o que Deus é».<sup>378</sup> Jesus é, portanto, Aquele que se esvaziou a si mesmo e tomou a condição de servo, (Cf. Fl 2, 7), Aquele que perante os maus-tratos não abriu a boca (Cf. Is, 53, 7), Aquele que se rebaixou tornando-se obediente até à morte e morte de cruz, (Cf. Fl 2, 8) para mostrar à humanidade decaída pelo pecado, que era possível chegar a Deus através precisamente do abaixamento de si próprio. O exemplo máximo de Jesus no lava-pés e mais tarde na cruz é a lição de amor de um Deus que quer ver todos os seus Filhos reunidos em torno de um só altar.

Para repensarmos uma teologia do sacerdócio ministerial devemos colocar o nosso olhar em Jesus Cristo e no exato momento em que Ele decide deixar de lado toda a aparência divindade para se colocar de joelhos e lavar os pés aos doze. Esta é a posição de um servo que está atento, que se preocupa com os seus e que atua no momento exato. Jesus dá-nos o caminho que devemos seguir para nos aproximarmos cada vez mais dele: «Assim como eu fiz, fazei vós também». (Jo 13, 15) Este é, de facto, o imperativo que Jesus nos deixa no momento da Última Ceia: fazei aquilo que eu fiz; tornai-vos servos, mostrai, com a vossa vida, que tal como o Mestre, viestes para servir e não para ser servidos. (Cf. Mt 20, 28) O lava-pés deve ajudar a compreender e a viver melhor o mandamento da caridade e do serviço, onde cada ministro ordenado é chamado, de um modo particular a viver dentro da comunidade que lhe está confiada. Com este gesto, Jesus torna visível a lógica do amor que o acompanhou ao longo de três anos de vida pública e que ganha o seu ápice tanto no lava-pés como na cruz.

Além disso, ao longo dos vários séculos da Igreja, este gesto foi-se mantendo e aprofundando sempre em vista de uma maior aproximação a Cristo pobre e servo. Lembramos, pois, a máxima que imperou ao longo do tempo: «quantas vezes o fizestes a um destes meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes». (Mt 25, 40) A partir das palavras de Jesus, a Igreja decidiu manter viva o exemplo máximo de servidão e amor que o Mestre teve para com aqueles que amou até ao fim (Cf. Jo 13, 1), alimentando e perpetuando o rito do lava-pés que permanece até aos dias de hoje na Missa da Ceia do Senhor para lembrar de modo especial que a Eucaristia está estritamente ligada ao lava-pés; a entrega perfeita do Senhor realizada agora de

---

<sup>378</sup> Martini, *Los Ejercicios Ignacianos a la luz del Evangelio de Juan*, 155.

forma incruenta nas espécies eucarísticas está ligada ao serviço humilde que o mesmo sacerdote ordenado pratica ao retirar também ele as vestes lavando os pés a doze pessoas.

A lógica do sacerdócio ordenado deve então ser a lógica do serviço humilde e preciso. Mais uma vez, o ênfase deve estar na atitude de Jesus perante os discípulos que cada sacerdote ordenado é chamado a imitar ao longo da sua vida: «ou se aprende a servir o outro por Deus ou se fica prisioneiro das imediatas retribuições que se tinha pensado receber».<sup>379</sup> Ou o olhar está fixado no Senhor da vida e por Ele orientamos todo o nosso ser, ou ficamos reféns de vanglórias e títulos que nada têm a ver com o Mestre que coloca a toalha à cintura.

A partir desta reflexão queremos, pois, centrar-nos na vida do sacerdote ordenado que ainda hoje é chamado a ser espelho da vida do Mestre. De facto, «a dádiva do ministério não termina com os Apóstolos, mas vem sendo transmitida pela imposição das mãos e os dons do Espírito»<sup>380</sup>, isto quer dizer que, ainda hoje, o ministério de Jesus é transmitido àqueles que se predispõem a aceitá-lo e por ele orientar a sua vida. Não para demonstrar uma separação de nível essencial ou radical, mas precisamente porque existe uma mudança essencial e radical, o sacerdote ordenado deve demonstrar uma estreita assemelhação com aqueles que serve porque aceita o ministério d'Aquele que se tornou servo de todos. Jesus é, portanto, o «sumo sacerdote, de quem flui toda a participação no sacerdócio, porque ele é ungido como homem com o Espírito Santo. De facto, é a unção da sua sagrada humanidade pelo Espírito Santo que o torna, como homem, um sacerdote, um profeta, um rei».<sup>381</sup>

À semelhança de Jesus, o sacerdote ordenado é chamado a dar a vida pela Igreja que ama e que serve. A Igreja deve ser, para o sacerdote ordenado, lugar de encontro, de escuta de atenção e de amor. Não um lugar onde procura títulos, exaltações e reconhecimentos. A partir da sua própria vida, o sacerdote ordenado deve apontar sempre para Cristo, autor e garante de todo o Bem. Assim, «com uma vida que professa os conselhos evangélicos, enquanto ato de amor, como participação do Espírito, no sacrifício de Cristo para glória do Pai, pela salvação do mundo, o ministro sagrado insere-se mais profundamente no mistério da vida, que é uma manifestação da mesma vida intratrinitária»,<sup>382</sup> vida essa que não é nada mais nada menos que a vida de Jesus Cristo que ele é chamado a anunciar através dos seus gestos e ações e, se for necessário, então por palavras.

---

<sup>379</sup> Pimentel, *O Sacerdócio, um Serviço de Amor*, 66.

<sup>380</sup> O'Malley, OFM CAP., *Procura-se amigos e Lavadores de Pés*, 165.

<sup>381</sup> Legge, O.P., «São Tomás de Aquino: Sacerdócio e Santíssima Trindade», 68.

<sup>382</sup> Ghirlanda, sj, «Vida Santa e Ministério Sagrado: Perspetiva Teológico-Canónica», 248.

Portanto, necessitamos de verdadeiros sacerdotes ordenados que tenham a capacidade e a amabilidade de deixar de lado todos os títulos, todas as honras para assumirem verdadeiramente o serviço de Cristo que nos deixou ao tomar a iniciativa de lavar os pés aos doze. Necessitamos de sacerdotes ordenados que abracem a humildade e a coragem de se inclinarem perante a miséria do outro para o acolher e para o restituir à dignidade de Filho de Deus. Só percebendo a dinâmica do amor impressa por Jesus e deixada na Última Ceia é que percebemos aquilo a que cada sacerdote ordenado é chamado a viver. Precisamos então de sacerdotes ordenados que se entreguem à comunidade, que vivam por ela, que se preocupem com o tamanho bem a eles confiado. Precisamos de sacerdotes ordenados que saibam acolher, que saibam escutar, que deem a sua vida tal como Cristo deu a d'Ele. Só conseguimos chegar a uma verdadeira teologia do sacerdócio ministerial se formos capazes de assumir o serviço humilde como um mote para a vida.

A Ti busque, a Ti ache, a Ti me entregue  
Com tão imenso amor, com tal vontade,  
Que nunca mais de Ti me desapegue.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Sagrada Escritura

*Bíblia Sagrada*. Quinta Edição. Fátima: Difusora Bíblica, 2008.

*Bíblia, Os Quatro Evangelhos e os Salmos*. Primeira Edição. Torres Novas: Conferência Episcopal Portuguesa, 2019.

### 2. Documentos do Magistério

*Missale Romanum*, editio typica. Typis Polyglottis Vaticanis 1970. Tradução portuguesa: *Missal Romano*. Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. “Constitutio de Sacra Liturgia ‘Sacrosanctum Concilium’”, AAS 56 (1964) 97-138.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. “Constitutio Dogmatica de Ecclesia ‘Lumen Gentium’”. AAS 57 (1965): 5–67.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. “Decretum de Presbyterorum Ministerio et Vita ‘Presbyterorum Ordinis’”. AAS 58 (1966): 991-1024.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. “Constitutio Pastoralis de Ecclesia in Mundo Huius Temporis ‘Gaudium et Spes’”. AAS 58 (1966): 1025-1115.

### 3. Fontes Patrísticas e Medievais

Agostinho de Hipona, *Joannis Evangeliorum Tractus n° LV*, PL 35, 1784-1787.

\_\_\_\_\_. *Joannis Evangeliorum, Tractus n° LVI*, PL 35, 1787-1789.

\_\_\_\_\_. *Joannis Evangeliorum, Tractus n° LVII*, PL 35, 1789-1792.

\_\_\_\_\_. *Joannis Evangeliorum, Tractus n° LVIII*, PL 35, 1792-1795.

Ambrósio, *De Virginitate 10*, 58 PL 16, 294-295.

\_\_\_\_\_. *Los Sacramentos, 3, 1, 7*, CSEL 73,41.

Anónimo, *Cântico de maitines del Jueves santo*, 5, TK 428.

Beda, *Homilias sobre os Evangelhos*, 2, 5, CCL 122, 214-215.

Cirilo de Alexandria, *Commentarii in Iohannem IX*, PG 74, 105-281.

Ireneu, *Contra as Heresias*, 4, 22, 1, SCh 100, 684-686.

João Crisóstomo, *Homilias sobre o Evangelho de João*, 70, 1, PG 59, 381-384.

Orígenes, *Comentarios al Ev. De Juan 32*, SCh 385, 220-246.

Severiano de Gábala, *Homilia sobre o lava-pés*, REBy 25, 227-228.

Teodoro de Mopsuestia, *Comentario al Ev. De Juan 6, 13*, CSCO 4/3, 256-257.

#### 4. Bibliografia Geral

Alberti, Gabriel Richi. «Significado do Concílio Vaticano II para a Renovação Sacerdotal da nossa época». Em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, I:83–98. Prior Velho: Paulinas Editora, 2023.

Aquino, São Tomás de. *Commentary on the Gospel of John*. Traduzido por Fabian Larcher, O.P e James Weisheipl, O.P. Washington, D.C: The Catholic University of America Press, 2010.

Armogathe, Pe. Jean-Robert. «O Sacerdócio nos Padres da Igreja». Em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, Vol. I. Prior Velho: Paulinas Editora, 2023.

Arnau-Garcia, Ramon. *Orden y Ministerios*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.

Boaventura, São. *Commentary on the Gospel of John*. Traduzido por Robert J. Karris, O.F.M. Ashland, Ohio: Franciscan Institute Publications, 2007.

Borobio, Dionísio. *La Celebración en la Iglesia - Ritmos y tiempos de la Celebración*. Vol. III. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2000.

———. *Ministerio Sacerdotal, Ministerios Laicales*. Desclee de Brouwer - Bilbao: Itxaropena, S. A, 1982.

Braga, Grupo de Teólogos de. «A face mutante do presbítero». Em *À Escuta da Palavra - Congresso Internacional sobre o presbítero*, 77-97. Prior Velho: Paulinas, 2011

Brown, Raymond. *El Evangelio según Juan (XIII-XXI)*. Traduzido por J. Valiente Malla. 2º. Madrid: Ediciones Cristiandad, S. L., 2000.

———. *El Evangelio y las Cartas de Juan*. Traduzido por María del Carmen Moreno. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, S.A, 2010.

- Bruguès, Mons. Jean-Louis. «Alguns desafios a sublinhar neste ano sacerdotal». Em *À Escuta da Palavra - Congresso Internacional sobre o Presbítero*. Prior Velho: Paulinas, 2011.
- Capelle-Dumont, Pe. Philippe. «O Sacerdócio Ministerial e o Sacerdócio Batismal numa era de mudança. Questões teológicas e desafios pastorais». Em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, I:99–112. Prior Velho: Paulinas Editora, 2023.
- Castellucci, Erio. *Il Ministero Ordinato*. 4ª edição. Brescia: Editrice Queriniana, 2014.
- Caxinas, Comunidade. «O Presbítero, um “homem de Deus” ao serviço do dom – São Martinho de Brufe, São Martinho de Cavalões, Santo Adrião – Vila Nova de Famalicão». Em *À Escuta da Palavra - Congresso Internacional sobre o presbítero*, 143-150. Prior Velho: Paulinas, 2011.
- Claraval, São Bernardo. *Obras Completas de San Bernardo*. Vol. IV. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1983.
- . *Obras Completas de San Bernardo*. Vol. VI. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1988.
- Coda, Pe. Piero. «Fundamento Cristológico do Sacerdócio: Mistério Pascal, Eucaristia, Eschaton, Maria». Em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, I: 137–58. Prior Velho: Paulinas Editora, 2023.
- Couto, D. António. *A Eucaristia, o Sacerdócio, e Jesus, o Filho*. Apelação: Paulus, 2022.
- . «Há-de cumprir-se o sacerdócio». Em *À Escuta da Palavra - Congresso Internacional sobre o Presbítero*, 15-36. Prior Velho: Paulinas, 2011.
- Cura, Santiago del. «“En la fuerza del Espíritu Santo”: dinamismo pneumatológico y espiritualidad sacerdotal». Em *À Escuta da Palavra - Congresso Internacional sobre o Presbítero*, 99-141. Prior Velho: Paulinas, 2011.
- Franco Beatrice, Pier. *La lavanda dei piedi - contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*. Roma: Edizioni Liturgiche, 1983.
- Garrido O. S. B., José Antonio Abad - Manuel. *Iniciación a la liturgia de la Iglesia*. Madrid, 1988.
- Greshake, Gisbert. «Ser padre numa Igreja em Transformação». Em *À Escuta da Palavra - Congresso Internacional sobre o Presbítero*, 43-66. Prior Velho: Paulinas, 2011.
- Justo, Pe. Emilio. «Sacerdócio e celibato: uma leitura teológica do caminho da Igreja». Em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, I:271–87. Prior Velho: Paulinas Editora, 2023.
- Kingsley Barret, Charles. *El Evangelio según san Juan*. Madrid: Ediciones Cristiandad, S. A., 2003.

- Konings, Johan. *Evangelho Segundo São João - Amor e fidelidade*. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 2005.
- Leão Cordeiro, José de, ed. *Antologia Litúrgica*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.
- Legge, O.P., Fr. Dominic. «São Tomás de Aquino: Sacerdócio e Santíssima Trindade». Em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, I: 65-82. Prior Velho: Paulinas Editora, 2023.
- Léon-Dufour, Xavier. *Lectura del Evangelio de Juan*. Traduzido por Alfonso Ortiz García. Vol. III. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1995.
- Martinelli, OFM CAP, Mons. Paolo. «O Sacerdócio Ministerial e a Vida Consagrada», I:289–307. Prior Velho: Paulinas Editora, 2023.
- Martini, Carlo Maria. *Los Ejercicios Ignacianos a la luz del Evangelio de Juan*. Traduzido por Ricardo Lázaro Barceló. Polígono de Raos, Parcela: Sal Terrae, 2014.
- Martín-Moreno, Juan Manuel. *Personajes del Cuarto Evangelio*. 2º. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2001.
- Mateus, Juan, e Juan Barreto. *El Evangelio de Juan - Análisis Lingüístico y Comentario Exagético*. 2º. Madrid: Ediciones Cristiandad, S. L., 1982.
- Moloney, Francis J. *El Evangelio de Juan*. Traduzido por José Pérez Escobar. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2005.
- Oden, Thomas C., e Joel C. Elowsky, eds. *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia*. Traduzido por Marcelo Merino Rodríguez. Vol. 4b. Madrid: Ciudad Nueva, 2013.
- O'Malley, OFM CAP., Seán. *Procura-se amigos e Lavadores de Pés*. Prior Velho: Paulinas, 2019.
- Ortiga, D. Jorge. «Escuta para Comunicar». Em *À Escuta da Palavra - Congresso Internacional sobre o Presbítero*, 9-14. Prior Velho: Paulinas, 2011.
- Ouellet, Cardeal Marc. «O Espírito Santo e o Sacerdócio de Cristo na Igreja: Uma Perspetiva Trinitária Fundamental». Em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, I:117–136. Prior Velho: Paulinas Editora, 2023.
- Pimentel, João Paulo. *O Sacerdócio, um Serviço de Amor*. Apelação: Paulus, 2012.
- Ratzinger, Joseph. *Jesus de Nazaré, Parte II - Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*. Cascais: Princípia, 2011.
- Rivas, Luis Heriberto. *El Evangelio de Juan. Introducción. Teología. Comentario*. 1º. Buenos Aires: San Benito, 2005.
- Santo Agostinho. *A Ceia do Senhor - Evangelho de São João comentado por Santo Agostinho*. Traduzido por Pe. José Amado. Vol. IV. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1952.

- Santos, O.S.B, D. Bento. *Teologia do Evangelho de São João*. Aparecida: Editora Santuário, 1994.
- Servais, Pe. Jacques. «O Sacerdócio como Ministério do Amor». Em *Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio*, II:27–38. Prior Velho: Paulinas Editora, 2023.
- Vanhoye, Albert. *A Mensagem da Epístola aos Hebreus*. São Paulo, Brasil: Edições Paulinas, 1983.
- Wikenhauser, Alfred. *El Evangelio según San Juan*. Barcelona: Editorial Herder, 1967.

## 5. Artigos

- Alonso, Carmen Álvarez. «El Espíritu Santo en el Triduo Pascual. Aproximación pneumatológica a la eucología y a la celebración». *Revista Española de Teología* LXIX (2009): 227–265.
- Cabrera, José María. «El sacerdocio de Jesucristo en el Comentario de santo Tomás a la Carta a los Hebreos». *Studium. Filosofía y Teología* XXIV, n.º 47 (2021): 21–45.
- Carvalho, Joaquim Félix de. «Liturgia da Semana Santa de Braga: textos e ritos». *Theologica*, 1, 53, n.º 1/2 (2018): 101–122.
- Cordeiro, José de Leão. «Os dois primeiros dias do Tríduo Pascal». *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1983: 43-65.
- Ferreira, José. «A Páscoa e a sua celebração». *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1977: 9-16.
- . «O Mistério Pascal no tempo da Igreja». *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1994: 139-150.
- Hadley, John. «Priesthood in persona Christi: The Substance of Things Hoped». *Louvain Studies* 33 (2008): 221–235. <https://doi.org/doi: 10.2143/LS.33.3.2045798>.
- Kasper, Walter. «Nuevos Matices en la Concepcion Dogmatica del Ministerio Sacerdotal». *Concilium - Revista internacional de Teologia*, 1969: 375-389.
- . «Punto de Partida Teologico para determinar la esencia del Sacerdocio Ministerial». *Concilium - Revista internacional de Teologia*, 1969: 440-445.
- O’Collins, sj, Gerald. «Jesus and the Ordained Ministry: A Christocentric View of Priesthood». *Irish Theological Quarterly* 76, n.º 1 (2011): 20–34.
- Rebimbas, Júlio Tavares. «Reflectir e viver o Mistério Pascal». *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1982: 3-4.

Ribeiro, Luís. «A Celebração da Páscoa ao longo dos Tempos». *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1983: 19-42.

Sloyan, G. «Motivos bíblicos y patristicos a favor del celibato do los ministros de la Iglesia». *Concilium - Revista internacional de Teologia*, 1972: 169-186.

Taipa, António Maria Bessa. «O Mistério da Páscoa». *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 1983: 7-18.

## 6. Discursos e Homilias Papais

Bento XVI, «Audiência Geral a 12 de abril de 2006». Acedido a 26 de setembro de 2022. [https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20060412.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060412.html).

\_\_\_\_\_. «Audiência Geral de 04 de abril de 2007». Acedido a 26 de setembro de 2022. [https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20070404.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070404.html).

\_\_\_\_\_. «Audiência Geral de 31 de março de 2010». Acedido a 26 de setembro de 2022. [https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2010/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20100331.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100331.html).

\_\_\_\_\_, «Homilias *in Coena Domini*,» 2006. Acedido a 26 de setembro de 2022. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20060413\\_coena-domini.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060413_coena-domini.html).

\_\_\_\_\_. «Homilias *in Coena Domini*,» 2008. Acedido a 26 de setembro de 2022. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080320\\_coena-domini.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080320_coena-domini.html).

Francisco, «Recitação do Terço com os jovens doentes», 2023. Acedido a 12 de janeiro de 2024. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/august/documents/20230805-portogallo-rosario.html>

\_\_\_\_\_. «Homilias *in Coena Domini*,» 2020. Acedido a 26 de setembro de 2022. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco\\_20200409\\_omelia-coenadomini.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200409_omelia-coenadomini.html).

João Paulo II «Homilia in *Coena Domini*,» 1979. Acedido a 26 de setembro de 2022.  
[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19790412\\_cena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790412_cena-domini.html).

\_\_\_\_\_. «Homilias in *Coena Domini*,» 1980. Acedido a 26 de setembro de 2022.  
[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19800403\\_cena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800403_cena-domini.html).

\_\_\_\_\_. «Homilias in *Coena Domini*,» 1981. Acedido a 26 de setembro de 2022.  
[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1981/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19810416\\_cena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1981/documents/hf_jp-ii_hom_19810416_cena-domini.html).

\_\_\_\_\_. «Homilias in *Coena Domini*,» 1991. Acedido a 26 de setembro de 2022.  
[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/homilies/1991/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19910328\\_cena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/homilies/1991/documents/hf_jp-ii_hom_19910328_cena-domini.html).

\_\_\_\_\_. «Homilias in *Coena Domini*,» 1994. Acedido a 26 de setembro de 2022.  
[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/homilies/1994/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19940331\\_cena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/homilies/1994/documents/hf_jp-ii_hom_19940331_cena-domini.html).

\_\_\_\_\_. «Homilias in *Coena Domini*,» 2001. Acedido a 26 de setembro de 2022.  
[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2001/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20010412\\_coena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2001/documents/hf_jp-ii_hom_20010412_coena-domini.html).

\_\_\_\_\_. «Homilias in *Coena Domini*,» 2002. Acedido a 26 de setembro de 2022.  
[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20020328\\_coena-domini.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf_jp-ii_hom_20020328_coena-domini.html).

Paulo VI «Homilias in *Coena Domini*,» 1965. Acedido a 26 de setembro de 2022.  
[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1965/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19650415.pdf](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1965/documents/hf_p-vi_hom_19650415.pdf).

\_\_\_\_\_. «Homilias in *Coena Domini*,» 1966. Acedido a 26 de setembro de 2022.  
[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1966/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19660407.pdf](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1966/documents/hf_p-vi_hom_19660407.pdf).

\_\_\_\_\_. «Homilias in *Coena Domini*,» 1967. Acedido a 26 de setembro de 2022.  
[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1967/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19670323.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1967/documents/hf_p-vi_hom_19670323.html).

\_\_\_\_\_. «Homilias in Coena Domini,» 1968. Acedido a 26 de setembro de 2022.  
[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1968/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19680411.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1968/documents/hf_p-vi_hom_19680411.html).

\_\_\_\_\_. «Homilias in Coena Domini,» 1970. Acedido a 26 de setembro de 2022.  
[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19700326.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700326.html).

\_\_\_\_\_. «Homilias in Coena Domini,» 1972. Acedido a 26 de setembro de 2022.  
[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1972/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19720330.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1972/documents/hf_p-vi_hom_19720330.html).

\_\_\_\_\_. «Homilias in Coena Domini,» 1973. Acedido a 26 de setembro de 2022.  
[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1973/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19730419.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1973/documents/hf_p-vi_hom_19730419.html)